



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**EFEITOS DE SENTIDO NA DISCIPLINARIZAÇÃO DE
UMA TEORIA**

Taís da Silva Martins

Santa Maria, RS, Brasil

2012

EFEITOS DE SENTIDO NA DISCIPLINARIZAÇÃO DE UMA TEORIA

por

Taís da Silva Martins

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do Grau de **Doutor em Letras.**

Orientadora: Prof.^a Dr. Amanda Eloina Scherer

Santa Maria, RS, Brasil

2012

M386e Martins, Taís da Silva
Efeitos de sentido na disciplinarização de uma teoria / por Taís da Silva Martins. – 2012.
176 p. ; il. ; 30 cm

Orientador: Amanda Eloina Scherer

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2012

○ Análise do discurso 2. Historias das idéias linguísticas 3. disciplinarização

4. Disciplina 5. Institucionalização I. Scherer, Amanda Eloina II. Título.

CDU 81'1

Ficha catalográfica elaborada por Cláudia Terezinha Branco Gallotti – CRB
10/1109 Biblioteca Central UFSM

© 2012

Todos os direitos autorais reservados a Taís da Silva Martins. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita com autorização por escrito do autor.

Endereço: Rua Marechal Deodoro, 13-A, Bairro: Perpétuo Socorro, Santa Maria/RS, 97045-000.

Fone (0xx)55 8419 0882; Email: taissmartins@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Maria

**Centro de Artes e Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Tese de Doutorado**

**EFEITOS DE SENTIDO NA DISCIPLINARIZAÇÃO DE UMA
TEORIA**

elaborada por

Taís da Silva Martins

**Como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutor em Letras**

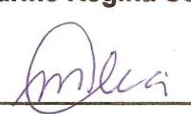
COMISSÃO EXAMINADORA:



Amanda Eloina Scherer, Dr. (UFSM)
– Presidente/Orientadora



Carme Regina Schons Dr. (UPF)



Maria Cleci Venturini, Dr. (UNICENTRO)



Verli Fatima Petri da Silveira, Dr. (UFSM)



Isabel Cristina Ferreira Teixeira, Dr. (UNIPAMPA)

Santa Maria, 19 de janeiro de 2012.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a minha orientadora, professora Amanda Eloina Scherer, que por dez anos vem orientando minhas pesquisas e apontando caminhos, pela oportunidade de ser sua orientanda, ser uma das gurias da Amanda, como dizem pelos corredores desta instituição. Que orgulho tenho disto!

Agradeço a Larissa Montagner Cervo, colega, amiga, irmã, que junto sorriu, chorou, festejou, brigou e estudou também, é claro. Pela disponibilidade nos horários mais inusitados, para aquela leitura “rápida” de um texto, artigo e também para conversas teóricas, como aquela em que por mais de uma hora de ligação (de um fixo para um celular) discutimos o conceito de simbólico e a única conclusão a que chegamos foi sobre a conta astronômica do telefone.

Agradeço à professora Verli Petri, que sempre tem respostas, soluções, caminhos. Pela disponibilidade total (qualquer dia da semana e horário, na universidade ou em casa, pessoalmente ou pelo telefone) com que acalmava e afagava, como a irmã mais velha que consola os caçulas quando a mãe puxa a orelha. E, principalmente, pelo apoio teórico e acadêmico.

Agradeço à amiga e sempre colega Larissa Scotta, que acompanhou minha trajetória acadêmica, mesmo que de longe, que leu meus textos, minha dissertação, esta tese, pelas leituras atentas e cuidadosas, pela paciência, pelo carinho.

Agradeço às professoras da Linha de Pesquisa Língua, Sujeito e História, Eliana Sturza e Graziela Lucci de Ângelo, pelas discussões teóricas promovidas ao longo das disciplinas e que de alguma forma me permitiram lançar um outro olhar sobre o corpus de minha pesquisa.

Agradeço às professoras do DLCL, Amanda Eloina Scherer, Márcia Cristina Corrêa, Tania Regina Taschetto, Leila Maraschin e Graziela Lucci de Ângelo, pela acolhida afetuosa.

Agradeço a todos os colegas do Laboratório Corpus, especialmente a Juciele Dias, Maria Iraci, Caroline Schneiders e Carolina Lisowski, e aos alunos do PET, pela amizade, respeito e convivência acadêmica ímpar que temos neste espaço.

Agradeço ao suporte do PPGL, traduzidos na competência e amizade dos funcionários Irene Moraes e Jandir Martins.

Agradeço à professora Maria Cleci Venturini que, nestes últimos meses acolheu-me e me incentivou a concluir esta tese, pelo apoio e exemplo profissional.

Agradeço a CAPES pelas bolsas concedidas.

E, por fim, mas não menos importante, agradeço a minha família, que confiou em mim, que me apoiou, mesmo sem muitas vezes entender o que eu faço. Especialmente, ao pai Armando, que não cabe em si de felicidade ao dizer aos amigos que vai ter uma filha doutora, e que perguntava durante todo o ano de 2011: “Filha, tu estás escrevendo? Já terminaste o trabalho?” E completava: “Faz logo isso, o pai não quer te ver chorar como no final do teu mestrado.” À mana Tassiane, que, esperançosa, pergunta dia após dia: “E aí mana, já entregou?” (a tese), e à tia Marli, sempre que está ali, com um sorriso carinhoso, uma sopinha quente no inverno ou um suco de uva bem gelado no verão, quando volto para casa das aulas, das orientações, e que também faz questionamentos como: “A Eloina gostou do teu trabalho?”

Bom... não sei se a Eloina gostou do meu trabalho, mas espero que eu não tenha decepcionado muito a professora Dr. Amanda Scherer.

Muito obrigada a todos.

A evocação de alguns nomes próprios (Saussure, Foucault, Lacan...) ou a menção a campos do real (a história, a língua, o inconsciente...) não são suficientes para caracterizar uma posição de trabalho... Não serei obrigado a começar uma série de chamadas incidindo sobre pontos de definição que nada prova que não vão funcionar senão como signos opacos, fetiches teóricos? (Pêcheux, 2008, p. 18).

RESUMO

Tese de Doutorado

Programa de Pós-Graduação em Letras

Universidade Federal de Santa Maria

EFEITOS DE SENTIDO NA DISCIPLINARIZAÇÃO DE UMA TEORIA

AUTORA: TAÍS DA SILVA MARTINS

ORIENTADORA: AMANDA ELOINA SCHERER

Santa Maria, 19 de janeiro de 2012.

O presente trabalho objetiva a compreensão dos efeitos de sentido produzidos durante o processo de disciplinarização de uma teoria. A questão da disciplinarização é enfocada pelo deslocamento que ocorre de uma Teoria do Discurso, pensada por M. Pêcheux nos anos 1960, na França, à disciplina Análise de Discurso no Brasil, a qual é institucionalizada, nos anos 1980, nos Cursos de Letras do país. O recorte analítico que apresentamos refere-se especificamente à configuração da Análise de Discurso enquanto disciplina no Estado do Rio Grande do Sul (RS). Fazemos isso por meio da análise de programas, ementas, bibliografias e diários de classe das duas instituições que primeiro ofertaram curso de doutorado em Letras em nosso Estado, a PUCRS e a UFRGS. Para tanto, acercamo-nos do aparato teórico-metodológico da História das Ideias Linguísticas (HIL), o qual nos possibilita circunscrever um trajeto por entre os arquivos documentais que materializam o percurso da disciplinarização dos estudos do discurso no RS e da Análise de Discurso de filiação Francesa.

Palavras-chave: Análise de Discurso. História das Ideias Linguísticas. Linguística. Disciplinarização. Disciplina. Institucionalização.

ABSTRACT

Doctorate Thesis

Post-Graduation Program in Languages

Federal University of Santa Maria

EFFECTS OF SENSE IN THE DISCIPLINARIZATION OF A THEORY

AUTHOR: TAÍS DA SILVA MARTINS

ADVISOR: AMANDA ELOINA SCHERER

Santa Maria, January 19, 2012

This work aims to understand the effects of sense produced over the process of disciplinarization of a theory. Disciplinarization is focused by the displacement that occurs from a Discourse Theory as thought by M. Pêcheux in the 1960's in France to the Discourse Analysis in Brazil, which is institutionalized in the 1980's in the Language Courses over the country. The analysis we present refers specifically to the configuration of Discourse Analysis as a subject in the State of Rio Grande do Sul (RS). This is done from the analysis of programs, syllabuses, bibliographies and class registers of two institutions that first offered doctorate degree in Languages in RS, which are PUCRS and UFRGS. Therefore, we approached the theoretical and methodological apparatus of History of Linguistic Ideas (HLI), which allows us to delimit a path through the documents which materialize the path for disciplinarization of discourse studies in RS and of French Discourse Analysis.

Keywords: Discourse Analysis. History of Linguistic Ideas. Linguistics. Disciplinarization. Discipline. Institutionalization.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Textos de Pêcheux traduzidos no Brasil.....	74
Quadro 02: Disciplinarização da AD.....	80
Quadro 03: Resumos de tese com base em AD.....	83
Quadro 04: Resumo de tese <i>O discurso citado</i>	85
Quadro 05: Projetos de pesquisa orientados pela Prof ^a Leci Barbisan.....	86
Quadro 06: Relação de textos de Pêcheux traduzidos no Brasil até a década de 80.....	100
Quadro 07: Sumários das revistas citadas na bibliografia da PUCRS.....	109
Quadro 08: Conteúdos AD – 1987 A e AD – 1987 B.....	118
Quadro 09: Nomeações/Renomeações da AD na PUCRS.....	119
Quadro 10: Recorrências de conceitos AD I PUCRS.....	122
Quadro 11: Recorrências de conceitos AD II PUCRS.....	123
Quadro 12: Disciplinas da Linha de Pesquisa Análises Textuais e Discursivas UFRGS.....	124
Quadro 13: Relação de disciplinas relacionadas à AD na UFRGS.....	127
Quadro 14: Sumário da revista Letras de Hoje, mar 97.....	130
Quadro 15: Sumário revista Organon nº 48.....	133
Quadro 16: Sumário da revista Organon nº 23.....	135
Quadro 17: Sumário da revista Letras de Hoje, jun 91.....	137

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: AD no RS: a política de um nome.....	18
Figura 02: Doutores formados na PUCRS.....	84
Figura 03: Grade de horários PPGL/UFRGS – 1996.....	88
Figura 04: Teses defendidas na UFRGS entre os anos de 1999-2009.....	90
Figura 05: Programa AD PUCRS – 1987 A.....	96
Figura 06: Programa AD PUCRS – 1987 A (continuação).....	97
Figura 07: Programa AD PUCRS – 1987 B.....	98
Figura 08: Programa AD PUCRS – 1987 B (continuação).....	99
Figura 09: Programa da disciplina Teoria e Análise do Discurso UFRGS 1996.....	103
Figura 10: Programa da Disciplina LD: Aspectos Metodológicos em AD.....	104
Figura 11: Programa da Disciplina Tópicos em AD.....	120
Figura 12: Programa da Disciplina Seminário em AD.....	121
Figura 13: Grade de horários 1º sem. 2006 – PPGL UFRGS.....	125
Figura 14: Grade de horários 2º sem. 2006 – PPGL UFRGS.....	126

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
PARTE I	16
DA HISTÓRIA À DISCIPLINARIZAÇÃO	16
1 MEMÓRIAS DE PESQUISA	17
1.1 UM TRAJETO.....	17
1.2 A CONSTITUIÇÃO DO ARQUIVO E A ORGANIZAÇÃO DO CORPUS	26
2 HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGÜÍSTICAS	29
2.1 A DISCIPLINARIZAÇÃO	32
PARTE II	36
DA PRÁTICA À PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SABERES	36
3 A DIVULGAÇÃO DE UMA CIÊNCIA E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ..	37
3.1 A RELAÇÃO ENTRE A AD E A CIÊNCIA LINGÜÍSTICA	40
3.2 A LINGÜÍSTICA E A CIÊNCIA.....	42
3.2.1 <i>A Linguística no Brasil</i>	59
3.3 ANÁLISE DE DISCURSO: FUNDAÇÃO E DISCIPLINARIZAÇÃO.....	70
3.4 A DISCIPLINARIZAÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO NO BRASIL.....	73
PARTE III	80
DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UMA TEORIA À CONFIGURAÇÃO DE UM CAMPO DISCIPLINAR	80
4 A ANÁLISE DE DISCURSO NO RS	81
4.1 AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS NA CONSTITUIÇÃO/INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UMA DISCIPLINA	93
4.2 A CONFIGURAÇÃO DE UM CAMPO DISCIPLINAR: RELAÇÕES DE APROXIMAÇÃO E DIFERENÇAS	108
4.3 MOBILIZANDO NOMEAÇÕES E CONCEITOS	119
4.4 AS REVISTAS – O PAPEL DE INSTITUCIONALIZAR E DE DISCIPLINARIZAR	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS	147
ANEXOS	153

INTRODUÇÃO

A nossa tese, intitulada **Efeitos de sentido na disciplinarização de uma teoria**, tem por objetivo compreender quais efeitos de sentido se produzem durante o processo de disciplinarização da Análise de Discurso (AD) no Estado do Rio Grande do Sul (RS).

Abordaremos a questão da disciplinarização enfocando o deslocamento que ocorre de uma Teoria do Discurso, pensada por M. Pêcheux nos anos 1960, na França, à disciplina Análise de Discurso no Brasil, a qual é disciplinarizada, nos anos 1980, nos Cursos de Letras. Também realizaremos um recorte no tocante à configuração da Análise de Discurso enquanto disciplina no Rio Grande do Sul.

Para tanto, dividimos nosso trabalho em quatro partes, desta forma constituídas:

Parte I – ***Da História à disciplinarização***: nesta parte, apresentamos, no capítulo I, intitulado ***Memórias de Pesquisa***, os elementos constitutivos da escritura desta tese, os trajetos de pesquisa que percorremos até este momento e que possibilitaram o desenvolvimento do tema proposto. Também abordamos a constituição do arquivo desta pesquisa, bem como do corpus de análise e os recortes realizados para a constituição do objeto de pesquisa.

Em nosso entender, a construção do arquivo em si é tão importante quanto a construção dos dispositivos de análise de um arquivo, pois é a partir da constituição do arquivo que a pesquisa se ‘corporifica’. Isto é, o movimento de configuração e reconfiguração do arquivo, bem como o gesto de interpretação do analista, são determinantes para o desenvolvimento do trabalho.

No capítulo 2, intitulado ***História das Ideias Linguísticas***, trabalhamos a relação entre História das Ideias Linguísticas (HIL) e AD, pois entendemos que é neste entremeio que nos inscrevemos teoricamente. Esta articulação permite que, ao tratarmos de temas abordados pela HIL, como conceitos, teorias, autores, instituições, periodização, façamos de maneira específica, através de uma abordagem discursiva.

Buscamos, igualmente, problematizar a questão da disciplinarização, tão cara à escritura de nossa tese. Destacamos que o levantado por nós acerca da constituição disciplinar dos estudos do discurso é abarcado por uma questão teórica concernente à constituição disciplinar contemporânea, a qual possibilitará que compreendamos de que forma uma ciência, uma teoria, um campo do saber é disciplinarizado(a).

Parte II – ***Da prática à produção e circulação de saberes***: nesta parte, abordamos questões referentes à prática científica e às relações que propiciam a disciplinarização de uma teoria ou campo do saber

Para tanto, no capítulo 3, intitulado ***A divulgação da Ciência e a Produção de Conhecimento***, buscamos estabelecer relações entre a AD e a Linguística, desde o momento de fundação da AD na França, para, posteriormente, deslocarmos esta relação para a disciplinarização da AD no Brasil. Sob esta perspectiva, trazemos à tona dados sobre a constituição da Linguística no Brasil, principalmente no tocante a sua entrada nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras. Isto pelo fato de que é nos Cursos de Pós-Graduação em Letras e, principalmente, na disciplina Linguística, que a disciplinarização da AD ocorre em nosso país. Apresentamos também um panorama da Análise de Discurso, desde sua fundação até a disciplinarização desta teoria no Brasil.

Parte III – ***Da Institucionalização de uma Teoria à configuração de um campo disciplinar***: nesta parte, no capítulo 4, intitulado ***A Análise de Discurso no RS***, enfocamos a disciplinarização da AD no RS, por meio das análises de diários de classe, programas e ementas da referida disciplina nos programas de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Nosso primeiro gesto é situar as condições de produção em que a AD é disciplinarizada na PUCRS e na UFRGS, isto é, apresentar dados e fatos que permeiam a história destes dois Programas de Pós-Graduação em Letras.

Apresentamos, inicialmente, a configuração da AD como disciplina nos cursos citados, por meio de um mapeamento realizado entre os arquivos constituídos para a escritura de nossa tese. Este mapeamento nos permite conhecer as regularidades, os surgimentos e os silenciamentos de conceitos, alguns dos quais, quando retornam, são abordados por meio de outros autores (este primeiro trajeto realizado por entre os arquivos nos permite apontar quais conceitos, quais teóricos, quais sujeitos mobilizam e são mobilizados durante a disciplinarização da AD). Fizemos isso pois entendemos que os movimentos, deslocamentos e permanências que constituem a historicidade da AD possibilitam-nos conhecer e compreender a AD praticada no Estado.

Em um segundo momento, realizamos análises com vistas a compreender a relação das Formações Imaginárias (FIs) com/no processo de disciplinarização de uma teoria (em nosso caso, a AD), visto que entendemos que as FIs regulam a configuração e a designação da disciplina.

Posteriormente, buscamos estabelecer um diálogo para pensarmos a perspectiva bakhtiniana de discurso e a Análise de Discurso postulada por Michel Pêcheux. É importante reiterar que, nesta parte do trabalho, a qual envolveu e se constituiu em um apontamento de diferentes gestos de interpretação sobre os estudos de Michel Pêcheux e de Mikhail Bakhtin, suas perspectivas teóricas e presenças na cena da disciplinarização da AD do RS, não temos a pretensão de qualificar as teorias, sobrepor uma a outra. Cada uma, com sua base científica, em uma conjuntura sócio-histórica dada, reinstaura/ressignifica olhares nos e sobre os estudos linguísticos e sobre os estudos do discurso. Daí a importância, a relevância das diferentes disciplinas, a demanda de sempre *dialogar*, refletir sobre uma região de saber com outras regiões de saber, procurando observar seus entremeios, seus limites, seus processos de constituição.

PARTE I
DA HISTÓRIA À DISCIPLINARIZAÇÃO

1 MEMÓRIAS DE PESQUISA

Entendemos ser importante destacar o caminho que percorremos até chegar à escrita desta tese, pois o texto que apresentamos aqui é, de certa forma, resultado de uma intensa relação de orientação acadêmica (desde iniciação científica, passando pelo mestrado e chegando ao doutorado), na qual tivemos o privilégio de ser orientados pela professora Amanda Eloina Scherer.

Nas palavras de Scherer:

Desde que assumimos a orientação de iniciação científica e de mestrados, estamos tentando fazer do trabalho de orientação um espaço de reflexão e de produção de um saber que implique ética, crítica e transformação. Foi preciso que criássemos uma cultura de pesquisa que interpretasse o saber como algo orgânico e dinâmico na vida do acadêmico e da comunidade científica. Dar ao acadêmico esta concepção de vida e os instrumentos teóricos e metodológicos que os engajem neste modo de produção do conhecimento, tem sido nosso objetivo principal (2000, p. 16-17).

É sob este postulado proposto por Scherer que nossa formação em pesquisa foi constituída dentro do Laboratório Corpus¹, espaço de discussões e conversas teóricas importantíssimas, assim como de estabelecimento de relações de proximidade teórica e também de amizades acadêmicas.

1.1 Um trajeto...

No segundo semestre do Curso de Graduação em Letras na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no ano de 2002, começamos a participar de grupos de estudos orientados pela professora Dr. Amanda Eloina Scherer, sendo, em seguida, bolsista de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob sua orientação.

¹ Laboratório de Fontes de Estudo da Linguagem/PPGL/UFSM. Site: www.ufsm.br/corpus.

O trabalho em que então participávamos estava relacionado ao projeto *História das Ideias Linguísticas no Sul: o discurso fundador de uma disciplina*, coordenado pela professora Amanda Scherer e desenvolvido no Laboratório Corpus. Tal projeto de pesquisa é resultante de um desdobramento do projeto 'História das Ideias Linguísticas' que, com o apoio da CAPES, através do apoio do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), desenvolveu uma relação específica com o Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFSM (GUIMARÃES; ORLANDI, 2002), objetivando²:

- a) resgatar e revalorizar documentos que descrevam a história da disciplina de Linguística nos Cursos de Letras no Sul, contribuindo assim para traçar a história do ensino da Linguística no RS e, por extensão, no contexto brasileiro;
- b) identificar as similaridades e as contradições encontradas quando da realização da análise discursiva sobre o espaço discursivo da Linguística, a fim de traçar as marcas linguístico-discursivas da produção do saber no ensino desta disciplina.

Para o desenvolvimento do projeto, realizamos uma coleta de dados referentes à disciplinarização da Linguística na UFSM. Um dos objetivos de nosso trabalho foi o de constituir e organizar um arquivo com os programas e ementas desta disciplina, desde a criação do Curso de Letras na UFSM (o qual é resultado da federalização de um Curso já existente, o Curso de Letras da Faculdade Imaculada Conceição - FIC³) até a década de 90, arquivo este que hoje está disponível no Laboratório Corpus tanto em forma material quanto digital.

² Dados retirados do projeto do CNPq, *História das Ideias Linguísticas no Sul: o discurso fundador de uma disciplina*, elaborado pela Prof.^a Amanda Eloina Scherer.

³ O Curso de Letras, na UFSM, foi oficialmente criado pela Lei Nº 3.958 de 13/09/1961, entretanto sua efetiva implantação e autonomia só se deu no ano de 1965, quando ocorreu a federalização do Curso de Letras Licenciatura Plena, até o momento integrante da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC). Durante o período de 1961 e 1965, esta era uma faculdade agregada à UFSM e, portanto, assim como todas as outras faculdades agregadas, possuía plena autonomia didática, doutrinária e administrativa.

No ano de 2006, ingressamos no Programa de Pós-Graduação em Letras, também sob a orientação da professora Amanda E. Scherer. Em nossa dissertação (defendida no ano de 2008), intitulada **Emergência, movimento e deslocamento da disciplinarização da Análise de Discurso no RS**, apresentamos dados e fatos referentes ao movimento constitutivo da disciplina Análise de Discurso no Rio Grande do Sul.

Em um primeiro momento, realizamos apontamentos que dão conta da disciplinarização da Linguística nos cursos de Letras do país e também no Estado do RS, pois é no interior desta disciplina que a AD inicia seu processo de institucionalização no Brasil. Ainda, apresentamos uma história da AD que se desenvolveu na França (Mazière, 2007) nos anos de 1960, tendo como precursor Michel Pêcheux.

Abordamos questões referentes à disciplinarização da Linguística no Brasil, apresentando alguns elementos referentes à história da Linguística, considerando sua institucionalização nos Cursos de Letras do Brasil, especialmente na Universidade Federal do Distrito Federal (pioneira em ofertar um curso extensivo de Linguística⁴ (1938), curso este que estava vinculado à Faculdade de Filosofia e Letras desta instituição), na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A partir desse cenário acadêmico institucional, pontuamos a entrada da disciplina no RS, valendo-nos do olhar que vem sendo construído por pesquisas relativas ao projeto *Linguística e História Literária no Sul: Estudos das ideias e organização da memória*⁵.

Após enfocarmos a questão da disciplinarização da Linguística, remetemo-nos à questão da disciplinarização da Análise de Discurso (nosso objetivo principal). Para tanto, buscamos circunscrever uma história da AD francesa (MAZIÈRE, 2007; MALDIDIER, 1997) e seu deslocamento de inscrição no Brasil.

Ainda, em nossa dissertação, mapeamos a inserção da disciplina AD através de seus deslocamentos de nomeação nos Programas de Pós-Graduação em Letras da PUCRS e da UFRGS. Debruçando-nos sobre esses documentos, centramos nossos estudos sobre os professores dessa disciplina, o que nos levou a

⁴ Conforme Sousa Silveira, no prefácio à primeira edição da obra *Princípios de Linguística Geral*, coube a Mattoso Câmara, no ano de 1938, ministrar este Curso.

⁵ Projeto CNPq/Capes *História das Ideias Linguísticas*, de autoria da pesquisadora Amanda Eloina Scherer.

estabelecer uma relação de filiação teórica, a qual, no nosso entender, delimitou a disciplina bem como a política que o nome AD corporifica.

Ressaltamos que o objetivo de nossa dissertação foi o de compreender o processo de disciplinarização da AD no RS, e que o percurso realizado, antes de chegarmos ao ponto crucial de nosso trabalho, foi de fundamental importância, pois é “sempre difícil apreender o que se passa na atualidade, entretanto isso só é possível interpretando o passado para, então, fazer-se a história do presente” (SARGENTINI, 2005, p. 04).

O primeiro gesto metodológico, durante a escrita de nossa dissertação, foi o de buscar, nos arquivos das duas instituições de ensino superior que pioneiramente tiveram cursos de doutoramento em seus programas de Pós-Graduação em Letras, ou seja, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a nomeação Análise de Discurso em seu movimento de historicização.

Ao realizarmos a análise, construímos um esquema que permite explicitar os processos de construção do corpus da dissertação, bem como compreender os gestos de interpretação. Vejamos a Figura 01:

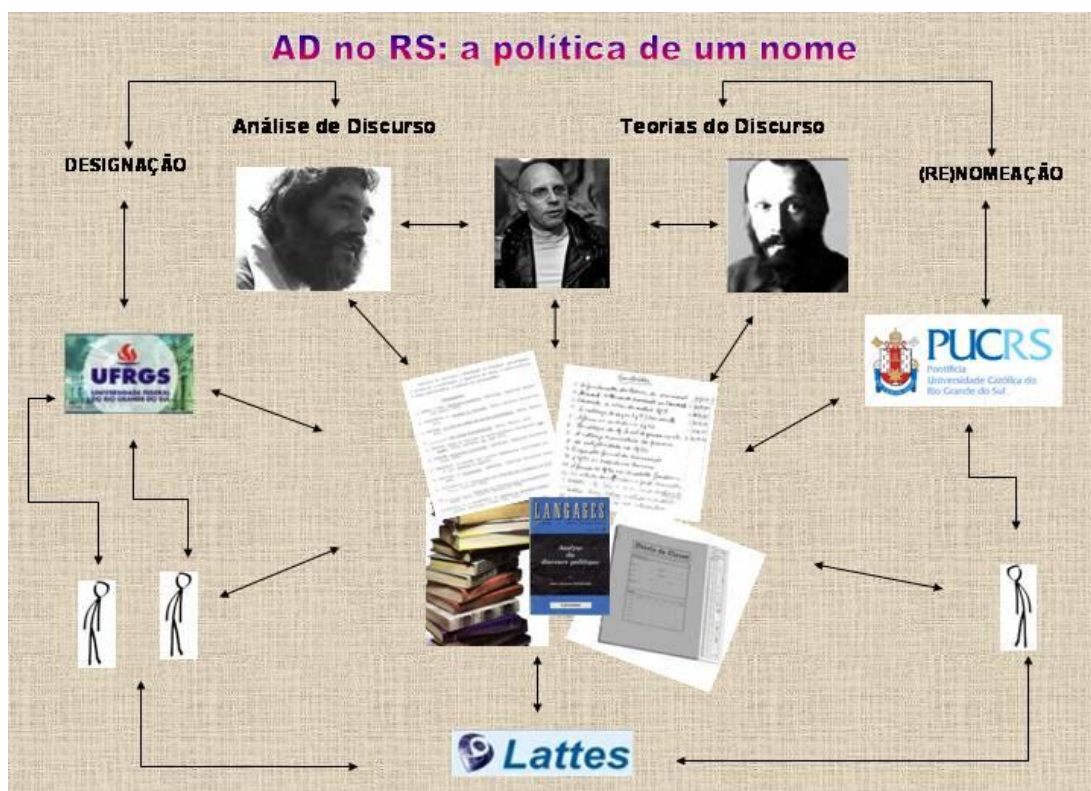


Figura 01: AD no RS: a política de um nome.

Buscamos, por meio deste esquema analítico (Figura 01), produzir uma narrativa discursiva que, conforme Pfeiffer (2007, p.21), constitui-se em “uma costura analítica’ entre os diversos documentos que foram adentrando na construção de arquivo deste trabalho”, principalmente os programas e as bibliografias da disciplina de AD. Assim, o esquema analítico que construímos na dissertação remete a esses trajetos que percorremos para a construção do arquivo e aos recortes realizados para a configuração do corpus.

A análise dessas textualidades nos permitiu, em um dado momento de nosso trabalho, tecer redes de relações acadêmico-intelectuais que dão corporeidade à AD praticada no RS, pelo trajeto tecido por entre os arquivos que apontaram quais conceitos, quais teóricos, quais sujeitos mobilizam e são mobilizados em uma disciplina que é designada politicamente como AD, bem como é renomeada de outras maneiras, e não menos politicamente.

Neste momento, é que encontramos entre os autores recorrentemente citados nos programas de AD Michel Pêcheux, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin, os quais, de acordo com Sargentini (2006), apresentam “certa homogeneidade teórica”, mas com ressalvas, uma vez que, para a autora, o que tais teóricos possuem em comum é terem entre as noções centrais de seus estudos conceitos como ideologia e discurso (não deixamos de considerar que, embora os autores mobilizem estas noções, fazem-no de maneira diferenciada um do outro).

A leitura destes arquivos levou-nos a buscar informações sobre os professores que ministravam a disciplina (sua formação acadêmica e atuação profissional) e também a conhecermos e pesquisarmos o conteúdo das revistas indicadas nas bibliografias, a saber, quais as teorias, conceitos e noções mobilizadas nestas materialidades.

Esse trajeto de pesquisa, fundamentado na análise documental de materialidades que institucionalizam, indicou-nos a necessidade de compreendermos o jogo político que se dá no processo de nomeação/renomeação da disciplina em foco. Por meio da leitura de arquivo, entendemos que os programas que tratam os pressupostos teóricos da AD apresentavam um movimento constante de nomeações e renomeações.

Para tratarmos tal questão (nomeações e renomeações), partimos do seguinte pressuposto: as nomeações e renomeações que uma disciplina apresenta fazem parte de um jogo 'político' que vai legitimando conceitos, promovendo certos teóricos e teorias em detrimento de outras. E este jogo se dá dentro das instituições universitárias, lugares aos quais os professores emprestam suas escolhas, seus posicionamentos teóricos.

Assim, histórias de vida e história de instituições se confundem. Nesse entremeio, compreendemos que o político delimita. De acordo com Scherer (2007), "o político circunscreve, emoldura uma teoria, dita um caminho, divide o dizer e ele não está dado, ele precisa ser pensado à luz da teoria que o articula".

Então, nosso gesto de interpretação foi norteado pela questão teórico-analítica sobre designação e nomeação. Interessamo-nos pela constituição da cena política que está imbricada no movimento de nomeação/renomeação e designação de uma disciplina porque entendemos que este movimento está no cerne da constituição de um campo do saber como disciplina em uma dada instituição.

Por meio de questões como estas que foram evidenciadas durante a escritura de nossa dissertação, fez-se necessário problematizarmos a história disciplinar contemporânea, para assim compreendermos como se dá o processo de disciplinarização de uma ciência.

Portanto, propomos nesta tese, para trabalharmos com a questão disciplinar, analisar a constituição política das nomeações e renomeações que permeiam o processo de disciplinarização da AD no RS. Nomeações que, para nós, levam a designações, mas não como conceitos sinônimos. Isso porque diferentes designações podem estar carregadas com um mesmo sentido ou com sentidos diferentes, o que não necessariamente movimenta o objeto e sim as formas de apresentação (e de representação) desse objeto.

O movimento de nomeação e renomeação de uma disciplina faz parte de uma política que busca renomear para poder designar de outra forma. Ao renomear, os conceitos mobilizados também são outros. Essas renomeações podem levar a uma nova designação.

Buscamos tratar a questão das nomeações e designações sob o enfoque do jogo político institucional que permite (ou não) que um campo do saber seja

institucionalizado e que determina o que pode ou não ser dito a respeito de determinada teoria, em nosso caso, a Análise de Discurso de linha francesa.

Não consideramos que é somente o professor o responsável por legitimar uma disciplina, uma instituição, porém entendemos que ele tem um papel relevante em sua configuração. No Brasil, no que diz respeito à produção, circulação e representação do saber linguístico, os espaços universitários⁶ tiveram e têm grande importância (LAGAZZI-RODRIGUES, 2007). Com isso, a questão referente ao papel do professor na disciplinarização de uma ciência perpassa o nosso trabalho, pois estamos em consonância com a afirmação de Scherer (2008, p.140c) de que “história nenhuma se faz sem sujeito”.

Em nosso entendimento, são esses sujeitos professores/ pesquisadores/ orientadores que configuram a disciplina nas instituições universitárias do RS. São eles que, ao se filiarem à teoria *x*, ao autor *y*, ao selecionarem bibliografia *z* e, principalmente, ao nomearem a disciplina, vão trilhando novos caminhos, novas interpretações, o que, segundo Auroux (1992), não constitui um apagamento do passado. Para o referido autor (Ibid.), este movimento é constituído pela ‘temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber’.

Nesse sentido, entendemos que quando um professor realiza um recorte do objeto de conhecimento por uma filiação a uma teoria e não a outra, nomeia uma disciplina como *x* e não *y*, está praticando uma forma de política de língua e também de política de ciência. Nesse sentido, ao analisarmos as nomeações e as designações da disciplina AD nos programas de Pós-Graduação da PUCRS e da UFRGS, consideramos que elas são ‘produções de sujeitos constituídos ideologicamente em condições históricas específicas’ (cf. GUIMARÃES, 2005a).

Os movimentos ocorridos na nomeação da disciplina AD no decorrer dos anos (1987-2004 na PUCRS e 1996-2006 na UFRGS) podem ser considerados como escolhas políticas sob responsabilidade do professor e só são possíveis porque, conforme Orlandi,

⁶ Entendemos por espaço universitário, neste trabalho, especificamente os cursos de Letras (tanto no âmbito da graduação como no da pós-graduação), pois é com a criação deles que a pesquisa linguística se faz emergir.

[...] a AD não acumula teoricamente, ao estilo das ciências positivas. Ela reinscreve as questões no âmbito mesmo da definição de seu objeto a cada movimento das diferentes práticas analíticas. Esse não sedentarismo da AD já está, eu diria preside, mesmo, a escrita da AD no seu domínio teórico. Daí o deslocamento contínuo em sua maneira de dizer, ao longo do seu desenvolvimento, a relação sujeito/linguagem/história, por exemplo. Nessa possibilidade de movimento está previsto o desenvolvimento da teoria em função de uma prática que se historiciza com suas particularidades, prática esta investida na/pelo trabalho da história da ciência (2005, p. 36-37).

Assim, ainda segundo Orlandi (ibid), um pesquisador não está ligado a uma disciplina no sentido positivista, ou seja, ele não acumula conhecimentos meramente, ele discute seus pressupostos continuamente e esses conhecimentos não se formam entre as disciplinas, mas nas suas contradições, nos seus entrecruzamentos. O professor é impelido a fazer escolhas teóricas ao configurar e ao nomear/designar um campo disciplinar (as escolhas de noções, conceitos e teóricos a serem trabalhados). Cabe considerar que os campos do saber, as ciências, as teorias já estão nomeados desde sua origem, porém ao serem institucionalizados, muitas vezes, são renomeados, enquanto disciplinas de um programa.

Para o nosso trabalho, conhecer o processo de nomeação de uma disciplina é de fundamental importância, pois entendemos ser este um ato político no interior da instituição. Cabe salientar que abordamos, em consonância com Guimarães (2005), a distinção entre as palavras nomeação e designação. A nomeação, para este autor, é abordada como “o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome” (2005, p. 09). Enfatizamos também a questão da designação desta, pois isso nos possibilita conhecer a configuração da disciplina. Tomamos designação no sentido em que Guimarães tem desenvolvido, isto é:

A designação é o que se pode chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história (GUIMARÃES, 2005a, p.09).

A importância de conhecermos qual o processo de nomeação/designação de uma disciplina se dá também porque entendemos que é a partir destas

renomeações que ocorre a disciplinarização de determinado campo do saber que ganha espaço no cenário acadêmico. É a partir desta nomeação que trabalhos de pesquisa que mobilizam o pressuposto teórico da teoria x começam a ser divulgados e a circular, como se a nomeação instaurasse a disciplinarização.

Ao tratarmos da problemática do disciplinar, temos como pressuposto teórico as reflexões de Chiss e Puech (1999), os quais consideram que a noção de disciplina não possui no campo da historiografia e da epistemologia do conhecimento o mesmo prestígio que uma teoria, um saber ou uma ciência, já que estas noções fazem parte de uma “metalinguagem historicamente construída”; seus conhecimentos são avaliados através de critérios já postos, por meio de modelos anteriormente pré-estabelecidos.

De acordo com Chiss e Puech (Ibid., p.15), no campo das Ciências Humanas, a noção de disciplina é vaga, o que faz com que seu uso “remeta a um recorte dos centros de interesse e dos objetos do conhecimento”. Questionamo-nos, neste trabalho, sobre os sujeitos que fazem estes recortes, sobre qual lugar teórico-institucional ocupam ao realizar este recorte e ao nomear uma disciplina em uma instituição. Embora os nomes das disciplinas, muitas vezes, já estejam circulando, são os sujeitos que nomeiam e renomeiam as disciplinas em diferentes instituições de ensino.

Em consonância com Chiss (2001), observamos que a disciplinarização refere-se ao processo em que determinados saberes são postos na ordem institucional de uma disciplina, ou seja, “são normatizados segundo uma dinâmica institucional que lhes atribui um pertencimento a uma área ou campo de estudos⁷”. Interessamo-nos saber como esses saberes são mobilizados (e constituem uma disciplina com uma nomeação específica), de que forma e por quem, isto é, buscamos conhecer qual a ‘política’ instaurada nestas escolhas que irão configurar uma disciplina.

Portanto, a partir do que foi estudado e refletido, com a escrita de nossa tese, lançamos um olhar mais aprofundado sobre o mesmo objeto, a partir da realização de um novo recorte sobre o arquivo que já dispúnhamos anteriormente, não nos interessando somente pelas movimentações e deslocamentos que levam às

⁷ Tradução nossa.

nomeações e renomeações (para isso recortamos, naquele momento, apenas os títulos das disciplinas), mas, em uma outra instância, pelas designações dadas pelos conteúdos e bibliografias que configuram tais disciplinas.

1.2 A constituição do arquivo e a organização do corpus

Buscamos explicitar, aqui, o processo de constituição do arquivo e do corpus de análise de nossa pesquisa. Cabe ressaltar que compreendemos, conforme Courtine (1981), que a construção de um corpus discursivo pode ser concluído apenas no final do procedimento de análise⁸.

Tomamos a perspectiva de arquivo proposta por Pêcheux (1997, p.57), como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Conforme Ferreira (2009), a partir desta definição de arquivo, quanto à questão dos documentos, cabe perguntar:

Que documentos seriam pertinentes? E também: Para quem são pertinentes? Sobre este ponto, é interessante destacar algumas relações estabelecidas no texto de Pêcheux entre as instituições, o arquivo e a memória histórica. A pertinência de determinados documentos é relativa ao papel das instituições nos diferentes modos de se ler o arquivo e o papel do arquivo na gestão da memória histórica. (FERREIRA, 2009, p. 37)

Assim, entendemos que a configuração do arquivo se dá a partir do momento que temos definida a questão de pesquisa ou a delimitação de um tema ou conceito a ser investigado, sem deixar de levar em conta, também, a perspectiva teórica na qual estamos inseridos.

O arquivo de nossa pesquisa é constituído tanto por dados e fatos referentes à história da Linguística nos cursos de Letras no Brasil – na medida em que é no cerne desta disciplina que, em nosso país, a AD se institucionaliza –, como também por um conjunto de documentos institucionais referentes à disciplina AD, tais como: relatórios anuais, diários de classe, programas, grades de horários e bibliografias da

⁸ “(...) *la construcción de un corpus discursivo no pueda acabarse sino al final del procedimiento*” (Courtine, 1981, p.52)

disciplina de Análise de Discurso nos Cursos de Pós-Graduação em Letras da PUCRS e UFRGS. Assim, fazem parte do arquivo os seguintes documentos:

PUCRS⁹

- 02 programas da disciplina de Análise do discurso (com lista de conteúdos e bibliografia);
- 04 diários de classe da disciplina de Análise do discurso I (com lista de conteúdos e referências bibliográficas);
- 05 diários de classe da disciplina de Análise do Discurso II (com lista de conteúdos e algumas referências a teóricos);
- 01 diário de classe da disciplina Tópicos em AD;
- 01 diário da disciplina Seminário em AD;
- 03 diários da disciplina Seminários em Teoria do Discurso;
- 03 diários da disciplina Tópicos da Teoria do discurso;
- 02 diários da disciplina Teorias do discurso.

UFRGS¹⁰

- 01 programa da disciplina de Fundamentos da Análise do discurso;
- 01 programa da disciplina Teoria da análise do discurso;
- 16 grades de horários (da área Estudos da Linguagem).

Cabe salientar que este arquivo foi constituído durante a escrita de nossa dissertação, e que, a partir de uma nova leitura, foi possível a configuração de um diferente corpus de pesquisa.

Para nós, são os gestos de leitura no/sobre o arquivo que permitem a configuração do corpus de uma pesquisa, pois, conforme Orlandi (1999), a constituição do corpus requer recortes que são da ordem de gestos de leitura. Para

⁹ Ver anexos das páginas 154 até 165

¹⁰ Ver anexos das páginas 166 até 177

Scherer (2000, p.16), “recortar requer ler, descrever e interpretar”. O corpus de análise, então, é formado por textos variados, por diferentes materialidades, que circulam em diversos suportes.

Neste trabalho, nosso gesto de leitura é permeado pela busca da compreensão do processo de disciplinarização de uma ciência e, conseqüentemente, de uma teoria, de um campo do saber. E, ao buscar compreender o processo de disciplinarização da AD, consideramos as diferenças existentes entre instituir uma ciência, praticar uma ciência, ensinar uma ciência e divulgar uma ciência (cf. Lagazzi-Rodrigues, 2007, p.12) e a importância de cada uma destas funções na legitimação desta.

O trajeto temático (procedimento metodológico) que percorremos para entender o processo de disciplinarização consiste em observar o funcionamento e a existência destas funções (instituir, praticar, ensinar e divulgar) na institucionalização da AD no RS. E é por meio deste trajeto que o corpus de nossa pesquisa foi configurado.

Entendemos que tais funções constituem processos que estão em funcionamento nos diversos espaços institucionais por nós levantados (programas de ensino, publicações de teses, etc.). Esta relação entre percursos e processos é constitutiva (cf. Pfeiffer, 2009, p. 02), assim, sua apresentação separadamente se dá apenas como um modo de dar visibilidade às diversas injunções deste jogo político institucional.

Compreendemos o arquivo de nossa pesquisa como uma “materialidade discursiva que traz as marcas da constituição dos sentidos” (NUNES, 2007b, p.374.). Orlandi (1996, p.54.) afirma que a “AD é um marco na HIL, em uma mudança que toca essa distinção entre história e historicidade”. Para Nunes (Ibid.), o termo historicidade funciona para diferenciar a posição do analista de discurso em relação à do historiador. Para o analista, a história é constitutiva de sentidos e não mais como pano de fundo. Conforme o autor (Ibid.), o material de arquivo está sujeito à interpretação e não vem a ser um espaço de comprovação.

Consideramos, ainda, a afirmação de Guilhaumou e Maldidier de que

[...] todo arquivo, principalmente manuscrito, é identificado pela presença de uma data, de um nome próprio, de uma chancela institucional etc., ou ainda pelo lugar que ele ocupa em uma série. Essa identificação puramente institucional é para nós insuficiente: ela diz pouco sobre o funcionamento do arquivo (1997, p. 164).

O analista precisa construir dispositivos de análise de arquivo em que ele possa observar os processos de constituição dos sentidos e consiga ultrapassar esta relação imediata com as instituições (NUNES, 2007). Em nosso entender, a construção do arquivo em si é tão importante quanto a construção dos dispositivos de análise de um arquivo, pois é a partir da constituição do arquivo que a pesquisa se corporifica.

O arquivo de nossa pesquisa é formado por uma heterogeneidade de materialidades, pois em um trabalho perpassado por questões da AD e da HIL é de fundamental importância a construção de um arquivo que recubra vários aspectos da questão de pesquisa e que possa auxiliar na (re)configuração do corpus quantas vezes forem necessárias durante a elaboração da tese.

Esse movimento de (re)configuração do corpus ocorre porque entendemos que “a leitura do arquivo deve ser antes um ato político no interior de um espaço de leitura polêmico, onde se produzem e se reproduzem discursos” (PETRI, 2000, p. 122).

2 HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS

Em nossa tese, tecemos uma relação entre AD e HIL, pois é nesse entremeio que nos inscrevemos teoricamente. Inserimo-nos em uma perspectiva teórica que pode ser entendida ao modo de uma articulação entre AD e HIL, tal como formula Nunes (2008, p.111) ao afirmar que “há uma produtividade específica quando a AD se posiciona no entremeio com a HIL”.

Para Ferreira:

O analista que não vivenciou a história a ser contada, ao contá-la, o fará do interior de uma história e não fora dela. O analista que vivencia a história a ser contada também não a contará fora dela. Ou seja, o analista não conta, simplesmente, a história; ele faz uma história. Disso não decorre que não haja rigor teórico e metodológico para se fazer história. A teoria e a metodologia precisam produzir instrumentações para que se faça história, não saindo dela, o que não é possível, mas saindo de algumas evidências por ela produzidas. Não é possível sair de todas as evidências, mas é preciso poder desestabilizar as evidências históricas daquilo que se vai tomar como objeto de estudo (FERREIRA, 2009, p. 31).

Nessa perspectiva teórico-analítica, o analista lança sobre o corpus um olhar diferenciado do pesquisador que faz a historiografia de uma disciplina, na medida em que não (só) ‘conta’ uma história, mas se insere em ‘uma’ história para movimentá-la, para indagá-la, para pôr em diálogo os arquivos que a constituem, para trazer outros à tona, para instaurar uma ‘historicidade’, tendo em vista que a questão que se coloca não é a de linearidade temporal, e sim a temporalidade que constitui o texto (cf. ORLANDI, 1996).

Esta articulação permite que, ao tratarmos de temas abordados pela HIL, como conceitos, autores, instituições e periodização, por exemplo, façamo-lo de maneira específica, através de uma abordagem discursiva. Guimarães (2004), ao referir-se ao que seria uma história das ideias, postula:

Trata-se para mim, de poder acompanhar como certos conceitos, certas noções, certas categorias se constituíram e como ao permanecerem mudaram, ou ganharam contornos específicos. Ou seja, em que momento encontramos acontecimentos pelos quais um conceito se constitui, permanece ou se torna outro (p.13).

Ao situarmos nosso trabalho nesta perspectiva (HIL), cabe pontuarmos como os estudos vinculados à História das Ideias Linguísticas tiveram início no Brasil. Nunes (2007) coloca que o projeto *História das Ideias Linguísticas* iniciou-se no país por meio de uma colaboração entre equipes de pesquisa da Unicamp e a Universidade de Paris VII, França.

De acordo com Guimarães (2002), *História das Ideias Linguísticas* é um projeto que se implantou amplamente no Brasil e envolve pesquisadores de várias universidades brasileiras. Inúmeros trabalhos de pesquisadores nacionais têm sido implementados e divulgados por meio deste projeto, conforme dados apresentados no site do programa de História das Ideias Linguísticas¹¹ pelos professores Eduardo Guimarães e Eni Orlandi. Inclusive, podemos destacar que na UFSM, sob a coordenação da professora Amanda Scherer, são realizadas pesquisas relativas a este tema, por meio de um projeto intitulado: *História das ideias linguísticas e literárias no sul estudo das ideias e organização da memória*.

Foi Orlandi que, no ano de 1987, propôs o projeto HIL no Brasil. Neste período, a autora (2002c) observou que

(...) o estudo da língua nacional no Brasil vinha-se dando a partir de estudos esparsos, seja gramaticais, seja com finalidades pedagógicas seja, ainda, com fins apenas descritivos. Estudos históricos que levassem em conta o social e o político, quando se faziam, também eram fragmentários e não seguiam um plano de pesquisa integrado em um objetivo mais geral, pensando a língua, os que a falam, a sociedade que constituem e o próprio funcionamento do Estado e suas jurisdições e a sua relação com a ciência (p.10).

Com o desenvolvimento deste projeto, iniciou-se uma série de estudos sistemáticos no tocante à história da língua e à história do conhecimento linguístico. Orlandi é organizadora de obras como **História das Idéias Lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional**, que reúne trabalhos de diversos pesquisadores vinculados ao projeto, **Língua e Conhecimento Lingüístico: Para uma história das Idéias no Brasil**, na qual a autora apresenta resultados de pesquisas que realizou sobre estudos da linguagem e o ensino da língua no Brasil. Orlandi (2001) coloca que os resultados destas pesquisas conjuntas foram publicados na França em um número da revista *Langages* (130, Larousse, 1998).

¹¹ Fonte: <http://www.unicamp.br/iel/hil/index.htm>. Acesso em 24 jun. 2011.

Sobre a constituição das pesquisas em HIL no Brasil, Ferreira (2009) postula:

O processo de constituição de reflexões sobre a história das idéias lingüísticas, elaboradas a partir dos estudos da linguagem, constitui um modo específico de produzir conhecimento no espaço científico brasileiro. Há uma determinada maneira de se fazer história das idéias lingüísticas no Brasil que constrói o lugar da história das idéias lingüísticas do Brasil. Há uma especificidade no fazer científico brasileiro, que se constrói no próprio processo de reflexão sobre as idéias lingüísticas no Brasil, permitindo criar uma disciplina com o nome de história das idéias lingüísticas e inaugurar, deste modo, o domínio da história das idéias lingüísticas do Brasil (FERREIRA, 2009, p. 29).

O domínio da História das Ideias Lingüísticas no Brasil está cada vez mais sendo ampliado, como podemos ver no crescente número de pesquisadores (vinculados a diversas teorias, como Semântica da Enunciação, Análise de Discurso, Lexicografia, entre outros) que se interessam em constituir relações com esta disciplina e possuem trabalhos relevantes à área. Bem como a disciplinarização desta área de estudos nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em diversas instituições brasileiras, entre elas a Unicamp e a UFSM.

2.1 A Disciplinarização

Em entrevista concedida aos integrantes do Laboratório Corpus, o professor Christian Puech¹² abordou, entre outros temas, a questão da disciplinarização. Segundo o autor, este é um termo que ele, Chiss e Savatowski elegeram porque se ocuparam do século XIX e XX, e porque lhes parecia necessário encontrar um termo ‘menos carregado’ que ‘ciência’, ‘teoria’ e mesmo ‘saber’.

De acordo com Puech (2009), ‘saber’ é um conceito foucaultiano nem sempre fácil de manipular; isso os levou a pensar em um termo que algumas pessoas, especialmente os sábios, não gostam: o termo ‘disciplina’. Por que ‘disciplina’?

¹² Entrevista realizada durante o II CIAD, evento que ocorreu na UFSCAR, São Carlos, em 2009. No prelo (a ser publicada pela editora do PPGL, sob a organização da professora Amanda Scherer e Verli Petri). Tradução: Prof. Dr. Marcos Barbai.

Segundo o autor, porque *discipulus* é o mesmo que aluno, ou seja, é um termo que promoveria a ideia de que as teorias ou as descrições linguísticas só existem verdadeiramente porque elas são transmitidas. E, de uma certa forma, elas são concebidas para a transmissão. O que, para o autor, obriga-nos a abandonar um ponto de vista muito teoricista sobre a teoria:

[...] quando Canguilhem faz a história do conceito de reflexo, é a sua tese; bom, ele descreve o que há antes, ele descreve a *mise en place* do conceito, e descreve sua herança; é uma história conceitual da ciência; com o termo de “disciplinarização”, desejaríamos – eu não sei se chegamos – desejaríamos levar em conta não somente o aspecto conceitual, mas também todos os aspectos práticos: inscrição nas instituições científicas, utilização e uso do saberes algumas vezes na forma vulgarizada, na escola, no colégio, nas universidades; e aí pensamos em utilizar o termo disciplina ao invés de disciplinarização [s.p].

O autor enfatiza que os saberes não são campos muito demarcados, muito delimitados, de uma vez por todas. Para ele, os saberes são processos em movimento com formas de aliança, e a Linguística só existe, de certo modo, de acordo com o tipo de alianças que ela passa a ter com a sociologia para a sociolinguística, com a psicologia para a psicolinguística, com as neurociências para a neurolinguística.

Há estratégias mais ou menos conscientes, segundo o autor, mais ou menos obrigatórias instituídas pelas instituições científicas, como, por exemplo, a necessidade de existir doutorandos, créditos, um laboratório, revistas, enfim, todo um aparato que faz parte da ciência. É preciso considerar também que as políticas linguísticas, as políticas educativas, as políticas por elas mesmas, também constituem a disciplinarização, de acordo com o mesmo autor.

Em artigo intitulado *Le mouvement et les déplacements des études sur le discours à partir des années 80 et leur disciplinarisation: le cas brésilien*, Scherer e Petri (2010), buscam analisar a história da disciplinarização dos estudos sobre o discurso no Brasil a partir da problemática contemporânea sobre a historicização das ideias linguísticas.

De acordo com as autoras, a disciplinarização deve levar em conta três aspectos:

*[...] le premier, à notre avis, ce que c'est qu'une discipline proprement dite, le second, la constitution d'un savoir sur la langue et le troisième, la production des instruments linguistiques qui peuvent nous aider à réfléchir sur ce savoir comme discipline universitaire*¹³ (SCHERER ; PETRI, 2010, p. 04).

Considerando que a disciplinarização precisa abarcar a noção de disciplina, temos aqui uma dualidade que não podemos deixar de considerar no decorrer de nosso trabalho, já que são noções que estão imbricadas, mas constituem diferentes ordens. Duas noções que nos levam a refletir também sobre uma terceira noção: a institucionalização. Sobre isto, estamos em consonância com Luz:

Para a realização do trabalho que aqui propomos é preciso considerar que tratamos tanto da institucionalização da ciência Linguística, quanto da institucionalização da disciplina Linguística, embora nosso enfoque esteja centrado no modo como se constituiu a disciplinarização, não é possível descolar a disciplina da ciência que lhe dá origem. Tanto a ciência quanto a disciplina se constituem a partir da relação com o objeto e mostram os diferentes modos que o sujeito pode relacionar-se com tal objeto, em nosso caso, os objetos de estudo e de ensino da Linguística (LUZ, 2010, p. 112).

Em relação a esta noção de disciplina, levamos em consideração a seguinte afirmação:

A noção de disciplina está presente tanto no mundo da Ciência – onde os conhecimentos são produzidos –, quanto no mundo da Escola e da Universidade – onde eles são transmitidos, reproduzidos. Podemos, pois, dizer que no processo de produção do conhecimento linguístico, a disciplinarização é dele parte constitutiva (SILVA, 2005, p. 01).

Segundo Chiss e Puech (1999), o ponto de vista disciplinar caracteriza-se em relação a um antes – em que se inscreve a novidade teórica –, a um depois – para o

¹³ Tradução nossa: em primeiro lugar, a nosso ver, definir o que é uma disciplina propriamente dita, segundo a constituição de um saber sobre a língua; e em terceiro a produção de instrumentos linguísticos que possam nos ajudar a refletir sobre este saber como disciplina universitária.

qual tende o objeto teórico –, a uma sincronia e às exigências de transmissibilidade. No entendimento de Silva (2005, p.02), “há uma dupla inscrição implicada nesse processo de disciplinarização” – a que se refere à invenção e a que se refere à transmissão – inscrição que, nas palavras da autora “se produz em um continuum de discursos em que se homogeneiza e estratifica o objeto de conhecimento e constroem-se representações (imaginárias) sobre a língua e sobre os saberes sobre ela produzidos”.

Para Chiss e Puech (1999), a representação disciplinar é um processo que acontece, simultaneamente, dentro do processo de constituição do conhecimento, não um antes do outro. Conforme Scherer (2008, p. 134), “a problemática da disciplinarização como eixo de leitura permite reunir, em um mesmo conjunto, preocupações históricas e didáticas”. Segundo a autora, considerando isto, poderemos ressaltar alguns processos pelos quais a AD se constitui como disciplina no Brasil, pressupondo que ela tenha uma unidade de um projeto pedagógico desde sua fundação, e, também, entender melhor de que forma, a partir dos saberes de referência, tal disciplina ganhou visibilidade.

PARTE II
DA PRÁTICA À PRODUÇÃO E
CIRCULAÇÃO DE SABERES

3 A DIVULGAÇÃO DE UMA CIÊNCIA E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Um ponto fundamental para o desenvolvimento de nossa tese diz respeito à seguinte afirmação: “não há ciência que não se assente em pressupostos (teorias) políticos e cujos resultados, em sua prática, não tenham consequências sobre os sujeitos, a sociedade e a história” (cf. ORLANDI¹⁴).

Orlandi e Guimarães (2006 p. 07), ao abordarem a questão das Ciências Humanas, entre elas as Ciências da Linguagem, consideram que precisamos ter um conhecimento mínimo do processo histórico de uma disciplina, de como ela desenvolveu suas práticas, conceitos e noções e também como ela é praticada no momento. Para os autores:

[...] não se pode prescindir de pensar as práticas científicas das ciências da linguagem hoje sem considerá-las no processo da história das ideias linguísticas e das teorias sobre a linguagem. E ao mesmo tempo saber entender as especificidades destas práticas no momento atual (GUIMARÃES; ORLANDI, 2006, p. 07).

Em relação a esta questão, Nunes (2008) formula que, ao buscarmos compreender a história do conhecimento linguístico, somos conduzidos a nos posicionarmos criticamente diante das produções atuais. Segundo o autor, este posicionamento pode ser considerado em pelo menos três instâncias:

a) um posicionamento diante das ciências da linguagem, que procura mostrar o modo como o político e o histórico estão ou não presentes nas teorias e de que modo; b) um posicionamento diante da produção dos instrumentos linguísticos, com a análise e a crítica das obras recentemente publicadas, considerando-se a memória do saber linguístico; nesse sentido, cabe também a proposição de novos procedimentos de fabricação desses instrumentos, bem como o desenvolvimento de projetos compatíveis com esses procedimentos; c) um posicionamento junto à “opinião pública”, com a produção de materiais de divulgação e a realização de fóruns de discussão sobre os conhecimentos linguísticos (NUNES, 2008, p. 120).

Este posicionamento diz respeito às tomadas de posição do sujeito frente à teoria. Conforme Orlandi (1999), há um jogo de alianças na produção do

¹⁴ HIL: Conhecimento e Política de Línguas. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/hil/projeto_conhecimento.html>. Acesso em: 22 dez. 2009.

conhecimento linguístico, a partir do qual entendemos que pensar a sua história é pensar o político na língua e o político da língua. Para a mesma autora, ao tratarmos da institucionalização de uma disciplina das ciências da linguagem, estamos tratando também de uma questão de política linguística.

É importante apontarmos que, ao abordamos questões sobre o processo de disciplinarização da AD, entendemos que este ocorre dentro do espaço institucional (acadêmico), em consonância com Lagazzi-Rodrigues (2007). Para a autora (Ibid.), se por um lado a institucionalização impõe injunções, por outro lado ela torna possível a circulação de um saber, abrindo para diferentes modos de representação e para a continuidade da produção científica. É “Uma questão de política linguística marcada pela tensão entre a função autor e a posição autor” (Ibid., p. 17).

Sobre o processo de institucionalização, Pfeiffer (2007) coloca que ele toca o espaço político-social e, ao pensarmos esse processo de institucionalização da Linguística, refletimos sobre o político que o sustenta. Estendemos esse pensamento da autora para a AD, que é disciplinarizada no Brasil em um lugar já ocupado pela Linguística.

De acordo com Pfeiffer (2007, p. 21), colocar o político como estruturante do conhecimento científico é uma contribuição indiscutível. Orlandi (2008, p. 40) afirma que a AD, ao mesmo tempo em que produz uma certa forma de conhecimento, obriga-nos a uma tomada de posição frente à história das ciências.

Para Orlandi (2007, p.08),

[...] quando falamos de Política Linguística enquanto Política de Línguas damos à língua um sentido político necessário. Ou seja, não há possibilidade de se ter língua que não esteja já afetada desde sempre pelo político.

Nesse sentido, Lagazzi-Rodrigues (2007, p. 11) aponta que, na sua incompletude constitutiva, a língua configura um espaço político. E o saber que se constrói sobre ela delimita trajetos, propõe continuidades, silencia percursos. A autora levanta, ainda, a questão sobre se seria possível falar de processos de identificação do sujeito com o saber linguístico, e destaca as diferenças existentes entre instituir uma ciência, praticar uma ciência, ensinar uma ciência e divulgar uma

ciência, bem como a importância de cada uma destas funções na legitimação daquela.

Segundo Orlandi:

Se por um lado, tudo é político, e de outro tem-se procurado minimizar ou desprezar a importância do político, não é menos verdade que hoje é mais ou menos claro para todo intelectual que o que ele produz como conhecimento é submetido já de saída a tensões que nascem de embates que nada tem a ver com a pretensa neutralidade da Ciência, mas com as relações de força que presidem um imaginário social como o nosso (ORLANDI, 2008, p. 40).

“Toda teoria é política”, afirma Orlandi (2007, p. 53), porém a autora salienta que isto não significa que o político venha explicitado em todas elas ou que o político tenha lugar em todas elas. Conforme seu entendimento, as diversas teorias da linguagem são afetadas pelo político pelo próprio modo como constituem seu dispositivo teórico analítico.

Se tomarmos a questão da disciplinarização de uma teoria da linguagem, veremos que o político permeia as nomeações de disciplina e conceitos mobilizados nos programas da mesma, no interior de uma dada instituição. Podemos evidenciar a presença de uma política de língua específica, por exemplo, na seleção e citação de determinados autores nos trabalhos científicos e/ou programas de disciplina, pois a citação é “uma forma de representação que funciona legitimando-se pela reafirmação” (Lagazzi, 2007, p. 13). Isto funciona pelo fato de que o pesquisador, ao citar determinado autor, está buscando dar legitimidade ao seu dizer:

Filiar-se a uma teoria é reconhecer-se frente a determinadas possibilidades de perguntas e práticas científicas, em determinadas condições de produção. Uma filiação histórica que não pode ser explicada (LAGAZZI, 2007, p.13).

Para a mesma autora, embora a filiação teórica “não possa ser explicada e se dê nas bases de um processo de identificação, no campo científico” (Ibid., p. 13), faz-se necessário que essa filiação trabalhe em termos de uma prática científica.

Em relação à questão de filiação teórica, tomamos emprestada a consideração de Scherer (2008, p. 133) de que “produzir conhecimento é um trabalho permanente de demarcação, de lugares, trabalho que exige um policiamento incessante de fronteiras e uma vigilância epistemológica ímpar de domínios”, isto para que possamos, segundo a autora, “manter as rédeas da nossa sujeição nos possíveis deslizamentos de sentido na constituição do campo do saber em que estamos postos”. Ainda segundo a autora (2008, p. 133):

Produzir ciência é produzir conhecimento em uma certa ordem, em uma certa época, em certas condições de produção. A partir desse entendimento, recorro a Stengers (1987), quando a mesma afirma que os conceitos são nômades pela natureza da história da ciência com espaço-tempo-lugar bem marcados.

E, sobre esta questão colocada por Scherer a respeito de “produzir conhecimento”, estamos de acordo com Petri (2010, p. 02) quando esta afirma que “a produção do conhecimento linguístico precisa ser considerada em sua relação com a história, esta que não funciona como mero contexto, mas que é constitutiva de todo o processo”. Por isso, em nosso trabalho, consideramos as condições de produção dos estudos discursivos no Brasil em sua relação aos estudos sobre a linguagem, os quais, conseqüentemente, influenciam os estudos desenvolvidos no RS.

3.1 A relação entre a AD e a Ciência Linguística

De acordo com Souza Santos (2003), a Ciência Moderna surge em meados do século XVIII, saída da revolução científica do século XVI¹⁵, e começa a se transformar no ‘fermento de uma transformação técnica e social’. Poderíamos afirmar que este é o contexto de uma fase de transição. De acordo com Souza Santos:

¹⁵ A distinção primordial da revolução científica do século XVI é: natureza x ser humano. Nos séculos seguintes, sobrepõem-se outras distinções: natureza X cultura; ser humano x animal. (SOUZA SANTOS, 2003)

O modelo de racionalidade que preside à ciência moderna constitui-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvida nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais [...] só no século XIX que este modelo de racionalidade se estende as ciências sociais emergentes (SOUZA SANTOS, 2003, p. 20-21).

O autor coloca ainda que, no séc. XIX, o modelo de racionalidade científica é predominante, e as formas de conhecimento que não se adaptam a ele, isto é, que não se pautam pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas são consideradas, por sua vez, conhecimentos não-científicos. Os estudos das humanidades são exemplos de conhecimentos considerados não-científicos, figurando, entre eles, os estudos da História, da Filosofia, da Filologia, da Teologia, da Literatura e os Estudos Jurídicos.

Durante este período, é cunhado o conceito de 'ruptura fundante' (SOUZA SANTOS, 2003), que possibilita uma e só uma forma de conhecimento verdadeiro. Na ciência moderna, a ruptura epistemológica se dá do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico.

Apresentamos, a seguir, um breve panorama dos estudos linguísticos no século XX, pois, no Brasil, conforme nossas pesquisas, a AD é institucionalizada nos Cursos de Letras e, principalmente, no cerne da Linguística. E, é no interior dos programas de Pós-Graduação em Letras e Estudos Linguísticos que a AD primeiro aparece em nosso Estado.

Esse panorama dos estudos linguísticos nos oferece um horizonte de retrospectão, no qual poderemos encontrar pistas para entendermos o processo de disciplinarização da AD. De acordo com Auroux:

[...] 'nós nomeamos horizonte de retrospectão o conjunto destes conhecimentos antecedentes [...] A existência de um horizonte dos horizontes de retrospectão atesta que o conhecimento tem necessariamente relação com o tempo: não há conhecimento instantâneo (2008, p, 141).

Para o referido autor:

[...] porque é limitado todo o ato de saber possui, por definição uma espessura temporal, um horizonte de retrospectão, assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não

destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência, ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber (1992, p. 12).

Ao recorrermos a um horizonte de retrospectiva da disciplinarização da Linguística e, por consequência, da AD, consideramos a afirmação de Guimarães (2002) de que há três movimentos fundadores nos estudos linguísticos do século XX. O primeiro movimento seria o **Curso de Linguística Geral** (CLG), de F. Saussure, que considerava que o objeto específico da Linguística tinha que apresentar homogeneidade interna para poder se pensar a linguagem cientificamente (nada na língua é externo à língua). O segundo movimento seria a repercussão do trabalho de Noam Chomsky nos estudos Linguísticos. E, por fim, ainda segundo Guimarães (Ibid.), existiria um terceiro movimento, que nos interessa particularmente neste trabalho, que consistiria em uma posição teórica que busca articular uma relação entre a exterioridade e o linguístico e que, para o autor, configura-se na posição da Análise de Discurso.

3.2 A Linguística e a ciência

A Linguística como disciplina científica data do século XIX, entretanto, os estudos sobre a linguagem tomaram a forma que têm hoje a partir das mudanças no domínio da Linguística, constituída no início do século XX pelo abandono do naturalismo dominante no comparatismo do século XIX.

Conforme já destacamos, o primeiro momento fundador nos estudos linguísticos do século XX, de acordo com Guimarães (2002), se dá com o CLG, de Saussure, na Universidade de Genebra. Para o autor, o corte saussuriano põe os estudos da linguagem num novo caminho que se desdobra por várias direções, como, por exemplo, os estudos comparatistas (que se renovaram pela concepção de sistema) e os estudos sincrônicos (que buscam incluir no linguístico o sujeito – caso de Benveniste).

Considerando que o CLG é resultado de seminários ministrados no início do Século XX, ainda sobre forte influência do sentido da Ciência Moderna, ele estaria pautado por questões inerentes ao paradigma dominante de ciência que busca o rigor científico. É preciso considerar, também, que Saussure tem sua formação no comparatismo do século XIX, estando inserido num modelo de ciência que buscava tal racionalidade.

Para ele, a possibilidade de a Linguística ser considerada uma ciência só seria concretizada se ela apresentasse um objeto específico, que possibilitasse uma homogeneidade interna para se pensar a linguagem. Saussure constrói sua ‘tese’ baseado nesse modelo de ciência, vigente até o momento, por meio da distinção língua/fala, estabelecendo que a língua seria a forma que poderia dar cientificidade para a Linguística, por se tratar de um sistema de signos.

Neste sentido, o historiador do estruturalismo, François Dosse (1993), em seu texto intitulado ‘*O corte saussuriano*’, afirma que Saussure ditou, no início do século XX, os novos rumos da Linguística, podendo ser considerado o estruturalista ‘*avant la lettre*’, visto que ele buscou fundar a ciência linguística ancorando-se em uma nova forma de produzir conhecimento, forjando uma nova dimensão para os estudos da linguagem ao introduzir a noção de sistema. Para o autor, a principal inflexão do CLG é a preponderância atribuída à sincronia; com isso, Saussure estaria ressaltando a insignificância da historicidade, o que permitiu que a Linguística fosse libertada da ‘tutela historiadora’, favorecendo sua autonomização como ciência.

Outro ponto levantado por Dosse (1993) é que, ao evidenciar que uma língua não muda de acordo com as mesmas leis da sociedade, Saussure traz o entendimento que uma língua não é a simples expressão de algum particularismo social, como pensavam os linguistas do século XIX.

Ainda segundo Dosse (ibidem), Saussure dá solução para o velho problema formulado por Platão no **Crátilos**¹⁶. Esse debate, recorrente, encontra em Saussure aquele que vai dar razão a Hermógenes com sua noção de arbitrário do signo. O autor considera ainda que, embora outras pessoas já discutissem o assunto, foi necessária a publicação do CLG para assistir o nascimento da Linguística Moderna.

¹⁶ De acordo com Dosse (1993, p. 65), “Com efeito, Platão opõe duas versões das relações entre natureza e cultura: Hermógenes defende a posição segundo a qual os nomes atribuídos às coisas são arbitrariamente escolhidos pela cultura e Crátilos vê nos nomes um decalque da natureza, uma relação fundamentalmente natural”.

Para nós, então, falar em Linguística Moderna só seria possível relacionando-a ao termo ciência moderna, isto é, chamaríamos de Linguística Moderna os estudos da linguagem que foram pautados sobre o paradigma cientificista (racionalista) da ciência moderna. E, embora saibamos que “o pensamento moderno sobre a linguagem instala-se a partir do século XIX, com a linguística comparativa” (GUIMARÃES, 2002, p. 116), é a partir da ‘ruptura fundante’ de Saussure que realmente a Linguística Moderna se instaura, ruptura que se dá por meio da sistematização dos estudos da linguagem.

De acordo com Ferreira:

A ruptura que o Cours de Linguistique Générale de Saussure promoveu é evidentemente significativa na história da Linguística. No entanto, não o é enquanto uma realidade objetiva que efetivamente dividiu a Linguística em um antes e um depois, a partir da qual as Linguísticas já existentes antes da Linguística saussuriana deixaram de funcionar, ou a partir da qual se tornou impossível a constituição de outras Linguísticas. (FERREIRA, 2009, p. 57)

A problemática do ‘corte’ saussuriano foi e continua sendo tema para muitos linguistas e teóricos de disciplinas que utilizam a Linguística como teoria de apoio ou auxiliar, sendo este um tema que causa divergências.

Sériot (1999) coloca em foco a questão do paradigma em Linguística. Ele questiona se ‘seria possível datarmos o nascimento de uma teoria em Linguística, e mesmo o seu término’. Para o autor, a história desta área do saber é o contrário da fórmula kuhniana que, aliás, não se aplica à Linguística, uma vez que fazendo parte das ciências humanas, ela se encontra em fase de maturação científica. Para o autor (ibid), “*aucune théorie en linguistique n’a jamais annulé le travail des siècles précédentes, elle a tout juste déplacé la problématique*”¹⁷ (2009, p.18).

Na perspectiva de Auroux (2008, p. 141), a questão da ruptura é abordada por uma relação com a estrutura do horizonte de retrospecção pela co-presença dos conhecimentos. Esta co-presença é uma “modalidade necessária do horizonte de retrospecção”.

¹⁷ Tradução nossa: “nenhuma teoria em linguística jamais anulou o trabalho anterior, ela apenas deslocou a problemática”.

Segundo o autor:

Apagar a co-presença supõe uma ruptura na estrutura do horizonte de retrospectão, ou seja, um estatuto diferente para certos conhecimentos que recaem sobre todos: se certos conhecimentos tornam-se antigos, é porque todos, no fim, são carregados de historicidade (Auroux, 2008, p. 142).

Quando um estudioso, segundo Auroux (2008, p. 142), “fala da opinião dos ‘Antigos’”, ele não está apagando a co-presença, pois ao fazer tal referência não significa que a ciência possa ser qualificada como antiga. Há, conforme seu entendimento, a possibilidade da ruptura, e o que devemos nos interrogar é “quando, como e porque ocorreu a ruptura”(ib).

No entendimento de Dosse (1993), não há quem suponha que o pensamento linguístico tenha saído “pronto e acabado” para consumo imediato da cabeça de um único indivíduo. Há aqueles que defendem uma postura continuísta, isto é, afirmam que o corte não ocorreu e que Saussure “apenas” sistematizou estudos que já vinham sendo realizados desde a antiguidade, e há os que concordam com uma visão de corte/ruptura, isto é, os que defendem uma postura descontinuísta, de quebra de paradigmas.

Não pretendemos nos filiar a nenhuma destas posições, continuísta ou descontinuísta, a respeito da Linguística Saussuriana; o que procuramos apresentar é uma contextualização destas duas posições relacionando-as com a concepção de ciência vigente no período em que são construídas, sem deixar de considerar que não podemos avaliar o passado com critérios do presente, isto é, para entendermos o que era questão fundamental em tal momento histórico, devemos entender qual era a concepção de ciência vigente.

Para tanto, trazemos à tona o pensamento de Schlieben-Lange (1993) quando esta afirma que há duas concepções da história da ciência (Linguística), a história da continuidade e a história das rupturas:

[...] a história da continuidade versus a história das rupturas, são as duas faces necessárias de toda história das ciências, apesar de parecerem à primeira vista, incompatíveis. Só se pode identificar aquilo que mudou se souber o que ficou igual (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 36).

Para a autora (ibid), podemos separar a história da continuidade da história das rupturas (descontinuidades) para fins analíticos, mas devemos, indubitavelmente, encontrar um ponto de referência em comum entre o discurso da continuidade e o da ruptura.

Ao tratarmos da designação Linguística Moderna, da qual já está posto que Saussure é “o pai fundador”, por constituir um gesto epistemológico que permite que a Linguística seja considerada ciência autônoma, levantamos novamente a questão de que existem muitas divergências sobre se, de fato, este gesto saussuriano seria uma ruptura ou se estaria mais atrelado a um gesto de continuidade com o que já se vinha fazendo há alguns séculos em termos de estudos da linguagem.

De acordo com Faraco (2004, p.28), “seria injusto não reconhecer o longo processo preparador deste gesto”. Muitos autores buscaram em um horizonte de retrospecto¹⁸ os dados e fatos que teriam precedido os estudos de Saussure, em busca de um outro movimento fundador que antecederesse às suas formulações, para poder justificar suas teorias da continuidade.

Faraco (2004) afirma que, além de ser um gesto de continuidade, este também representa uma ruptura. É neste ponto que encontramos uma ligação, “um ponto de referência comum entre o discurso da continuidade e da ruptura” (cf. Schlieben-Lange, p. 37). Este ponto estaria presente no próprio gesto epistemológico saussuriano que instaura a possibilidade da imanência¹⁹ e, com isso, postula a possibilidade de uma ciência da linguagem autônoma, enquanto realidade estritamente sincrônica.

Embora o gesto de Saussure seja o de ruptura com o modo de fazer linguística do século XIX, é também um gesto de continuidade. O que ele faz (e não é pouca coisa) foi dar consistência formal à velha intuição de que as línguas humanas são totalidades organizadas (FARACO, 2004, p. 29).

Considerando este fato apontado por Faraco (ibid), poderíamos encontrar na obra do mestre genebrino as duas faces necessárias (segundo Schlieben-Lange)

¹⁸ De acordo com Auroux (2008, p, 141): “[...] nós nomeamos horizonte de retrospecto o conjunto destes conhecimentos antecedentes [...] A existência de um horizonte dos horizontes de retrospecto atesta que o conhecimento tem necessariamente relação com o tempo: não há conhecimento instantâneo.

¹⁹ Entendemos pelo princípio de imanência a formulação da língua como um sistema de signos independentes.

para estudarmos a história da ciência (neste caso, a história da Ciência Linguística), a saber, como já colocado anteriormente: a história da continuidade e a história da ruptura.

No entanto, muitos acreditam que a Linguística Moderna fica “à margem da tradição” (COSERIU, 1999), isto é, que apresenta apenas a face da ruptura, do novo, da descontinuidade, para justificar sua posição contrária, isto é, de que a Linguística, na verdade, recorre a abordagens teóricas muito antigas sobre o conhecimento da linguagem. Coseriu, em seu livro intitulado ***Lecciones de Linguística General***, apresenta-nos uma história da continuidade, perscrutando, no passado, os pontos mais importantes apresentados no CLG.

Segundo Coseriu (1999), a Linguística Saussuriana é mais antiga e tradicional que a Linguística chamada tradicional. Coseriu (Ibid.) levanta, por exemplo, que a distinção entre significante e significado, que se atribui comumente a Saussure é, no entanto, uma distinção muito antiga que aparece nos estudos de Aristóteles (embora com outros termos, a saber: o que está na voz e o que está na alma) e, mais explicitamente, na gramática dos Estoicos.

Outro exemplo que Coseriu (Ibid.) utiliza para tentar romper com a ideia de que o corte saussuriano seria fundante, isto é, de que este traria à tona novos conceitos, diz respeito à distinção entre sincronia e diacronia. Esta distinção, de acordo com autor (Ibid.), pode já ser observada no ano de 1796, na tradução francesa da obra de Harris, realizada por François Thurot.

Thurot, de acordo com Coseriu (Ibid.), ao inserir notas de rodapé na sua tradução, acaba por definir esta distinção. Ainda sobre essa dicotomia, o autor (Ibid.) acrescenta que Saussure deve muito a Georg Von der Gabelentz, o qual teria distinguido precisamente os fatos linguísticos simultâneos e fatos linguísticos sucessivos. Coseriu (Ibid.) afirma que “*Saussure, en su cours de linguistique générale, recoge casi literalmente esta distinción, hablando de **termes coexistants** y **termes sucessifs**²⁰*” (p.23).

Coseriu põe em dúvida até mesmo a originalidade da dicotomia saussuriana básica: *Langue* e *Parole*. Embora ele reconheça que esta é uma distinção que se

²⁰ Tradução nossa: Saussure em seu curso de linguística geral recorre quase literalmente a esta distinção falando de termos coexistentes e termos sucessivos. Grifos do autor.

encontra explicitamente formulada e fundamentada no CLG, o autor (Ibid.) explicita diversas fontes às quais se pode atribuir o uso anterior da distinção entre *Langue* e *Parole*.

Entre elas, ele ressalta que esta é uma distinção que se encontra intuitivamente na própria linguagem, pois muitas línguas têm palavras diferentes para designar língua e para designar fala. Para Coseriu (Ibid.), Saussure teria formulado sua distinção a partir desta intuição já existente e transformado em termos técnicos, diríamos científicos, as palavras francesas *Langue* e *Parole*.

Outro ponto salientado pelo autor (Ibid.) é que, desde a disciplinarização da gramática, esta distinção (*Langue* e *Parole*) já está implícita, pois nenhuma gramática até então teria pretendido descrever a fala, a atividade linguística, visto que todas descreviam a língua, o saber linguístico. Além disso, também aborda o fato que, explicitamente, esta dicotomia é abordada na obra de Hegel (1817), intitulada **A enciclopédia das ciências filosóficas**.

No tocante ao arbitrário do signo, Coseriu (Ibid.) salienta que estes estudos dedicados a tal problema também não encontram sua origem em Saussure, pois esta se trata de uma tradição iniciada com Aristóteles. Para ele (Ibid.), o arbitrário do signo colocado por Saussure não é nada mais que uma forma moderna da teoria aristotélica.

Mesmo após remeter os conceitos sistematizados por Saussure a questões do passado, Coseriu (Ibid.) reafirma sua posição continuísta, sem, no entanto, deixar de considerar que também há uma descontinuidade, porém esta se daria apenas com relação à Linguística anterior à Linguística moderna, isto é, a ruptura, o corte epistemológico saussuriano, dar-se-ia em relação à Linguística histórica produzida nas últimas décadas do século XIX.

Para o autor:

*[...] hay que tener en cuenta que 'El curso de lingüística geral' no constituye solo un punto de partida sino también un punto de llegada y encuentro de tesis e intuiciones anteriores y que justamente por ello representa un momento esencial en la historia de la lingüística*²¹ (COSERIU, 1999, p.129).

²¹ Tradução nossa: Temos que levar em conta que o "CLG" não constitui sozinho um ponto de partida, mas também um ponto de chegada e encontro de teses e intuições anteriores e que justamente por isso representa um momento essencial na história da linguística.

Com isso, podemos inferir que, para Coseriu, há alguns conceitos e noções presentes no CLG que já são pensados e discutidos desde a antiguidade, havendo outros que são pensados por meio de influências recíprocas entre Saussure e seus contemporâneos. Mesmo fazendo as devidas objeções e ressalvas, o autor coloca ainda que “*La linguística europea actual debe mucho a Saussure*²²” (p. 74).

Há também os autores que, mesmo sem desconsiderar as continuidades presentes no CLG, sobrepõem a estas a face da história da ruptura. Guimarães (2008, p. 09) enfatiza que “a história da linguística tem centrado sua atenção, de um ou de outro modo, no corte, decisivo sob muitos aspectos, do CLG”.

A ênfase na ruptura ocorre porque os autores postulam que o corte saussuriano, o novo modo de considerar os fatos da linguagem, permeia toda a Linguística atual, ou seja, a maioria dos estudos linguísticos realizados no século XX e XXI (pelo menos no tocante ao mundo ocidental), são todos afetados, de alguma maneira, pela obra do mestre de Genebra.

Assim sendo, independentemente de serem partidários de uma noção continuísta ou de uma noção descontinuísta, não é possível negar a importância do CLG e de Saussure para os estudos da linguagem e, principalmente, para o estabelecimento da Linguística como uma Ciência Moderna.

Para Benveniste (1988), não há um só linguista que hoje não deva algo a Saussure, pois ele é “em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos” (p. 34). O linguista (1988) afirma que Saussure, ao afastar-se de sua época, estava, aos poucos, se tornando senhor de sua verdade, gradativamente estava transformando a ciência da linguagem “[...] à medida que adianta sua reflexão, vai à procura de dados elementares que constituem a linguagem, desviando-se pouco a pouco da ciência do seu tempo, em que não vê senão ‘arbitrariedade e incerteza’” (BENVENISTE, 1988, p. 36).

Segundo o autor (ibid.), a Linguística que temos hoje, a qual se tornou uma ciência importante, tem sua origem em Saussure, pois é “em Saussure que ela se reconhece e se reúne” (p. 49). Ao considerar que o mestre genebrino busca garantir os fundamentos da Linguística, Benveniste afirma: “estranho destino esse das

²² Tradução nossa: A linguística europeia atual deve muito a Saussure.

ideias, e como parecem às vezes viver pela sua própria vida, revelando ou desmentindo ou recriando a figura de seu criador” (p. 48).

Uma das inflexões possíveis por meio destas reflexões a respeito do corte saussuriano seria a de entender que a ‘novidade’ teórica de Saussure (que o fez ser considerado o ‘pai da Linguística’) consistiu em sistematizar os estudos da linguagem e, com efeito, abrir caminho para que a Linguística Moderna pudesse ser estabelecida enquanto ciência autônoma.

Refletindo acerca da problemática do corte saussuriano, levantamos a questão da designação²³ da Linguística ‘fundada’ por Saussure. Seria ela realmente uma *Linguística Moderna*, uma vez que para muitos autores e pesquisadores esta é uma Linguística que remete a questões abordadas desde a antiguidade?

Para Coseriu, “*Sin embargo, si, en cierto sentido, la lingüística moderna es ‘antigua’ en lo que se refiere a sus motivos y planteamientos, que son, em rigor ‘tradicionales’, ello no significa que lo sea también en su desarrollo*”²⁴(COSERIU, 1999, p. 27-28).

Ao levantarmos, a partir de Coseriu, a questão de Linguística Moderna, poderíamos inferir que a nomeação Linguística Moderna (usada comumente para designar os estudos linguísticos realizados após as ideias de Saussure tornarem-se conhecidas) ‘recobre’ em sua designação conceitos presentes em outros períodos dos estudos linguísticos, isto é, para o autor, temas tratados, abordados na Linguística dita Moderna são recorrentes em outros períodos dos estudos linguísticos. Entretanto, o autor (1999) considera também que mesmo sendo temas já levantados em outras épocas, eles são abordados, desenvolvidos de maneira diversa, isto é, com outros sentidos.

Entendemos também que diferentes nomeações podem estar carregadas com um mesmo sentido ou com sentidos diferentes, o que não modifica o objeto e sim as formas de apresentação (e de representação) desse objeto, a maneira como ele significa, isto é, como ele é designado. Independentemente de ser nomeada *Linguística Moderna*, independentemente de apresentar temas/conceitos ‘originais’

²³ Em consonância com Guimarães (2002b), tomamos neste trabalho a definição de designação como significação de um nome.

²⁴ Tradução nossa: No entanto, em certo sentido, a linguística moderna é antiga no que se refere a seus motivos e abordagens, que são em rigor tradicionais, o que não significa que seja também em seu desenvolvimento.

ou não, a Linguística apresentada no CLG constitui o ponto de partida de grande parte das teorias linguísticas a partir do século XX. Conforme Benveniste (1988), “não há uma só teoria geral que não mencione seu nome” (p.34), independentemente de aceitar ou negar os conceitos por Saussure postulados no CLG.

Ao abordar seu percurso acadêmico, Puech (2009) destaca que fez parte de um grupo de história da Linguística em torno de Saussure, do qual Claudine Normand também participava. E, depois nos anos 80, integrou uma equipe que se dedicava à HIL, fundada pelo professor Jean Claude Chevalier, a qual deu origem à Sociedade de História e de Epistemologia das Ciências da Linguagem, na França.

Puech (2009) salienta ainda que maio de 68 possibilitou uma reconfiguração tanto no que diz respeito à expansão das universidades quanto à reconfiguração das faculdades de letras:

Após maio de 68 as universidades se tornaram não mais simplesmente faculdades de letras, como dizíamos na época, ao lado das faculdades de ciência, mas universidades como um todo, de letras e de ciências humanas, e lá, a linguística é verdadeiramente instalada nas universidades que tiveram que criar departamentos de linguística que não estavam mais ligados a literatura, ao ensino da literatura [s.p.].

Para o professor, nesta época, era fundamental “provar que a linguística era verdadeiramente uma ciência, do mesmo modo que as ciências da natureza” [s.p.]. Assim, iniciaram-se as pesquisas acerca da história da Linguística em torno de Saussure. E, neste momento, era muito importante colocá-lo em um lugar de cientificidade, como se ele fosse o princípio dessa cientificidade, promovendo uma revolução científica.

Os componentes do referido grupo de história da Linguística preconizavam, conforme suas palavras, que “Saussure inventou a Linguística, antes de Saussure ela não existia” (Puech, 2009). Segundo o autor, alguns eram mais prudentes que outros e colocavam Saussure no início da Linguística Moderna²⁵. Puech sublinha que, ao integrar a equipe de pesquisa de Sylvain Auroux (composta por

²⁵ Cabe salientar que o professor Puech afirma que esse grupo de pesquisadores, inclusive ele, mudou de ponto de vista.

pesquisadores da linguagem de diversas áreas e de épocas diferentes), mudou seu ponto de vista: “grosso modo, eu não mais penso hoje que a Linguística seja uma ciência jovem; eu aderi à ideia de Sylvain Aurox de que ela é uma das disciplinas mais antigas das humanidades, com a matemática e a astronomia”.

O que era apresentado nos anos 70 como descontinuidade hoje é tratado como continuidade profunda destas disciplinas. O ponto de vista atual explicitado pelo professor nos permite considerar que Saussure é, sem dúvida, um gênio, mas não é um ‘inventor’ único da Linguística. Ele é um homem de seu tempo que buscava soluções para os problemas postos em sua época e também em outras épocas, mesmo sem saber.

Eu penso que exista em Linguística – apesar do que dizem os linguistas – eu não creio em rupturas do tipo daquelas que existiram, por exemplo, entre Aristóteles e Galileu, ou a teoria do flogístico na química, e a teoria da combustão de Lavoiser: aí, há verdadeiras rupturas; abandonamos um sistema de pensamento e adotamos um outro; e um não tem mais nada a ver com o outro. **Em linguística e em Ciências Humanas em geral, eu penso que considerar a longo prazo é absolutamente essencial**; porque esses não são saberes que se acumulam (PUECH, 2009, s.p.).

O autor pontua que, quando um matemático faz matemática, não precisa tratar historicamente de conceitos e autores, pois estes fazem parte das ferramentas que eles usam todos os dias, enquanto que um linguista, ao abordar um conceito de determinado autor, não se dá conta, ou ‘não sabe’ que determinada questão pode já estar posta há alguns séculos. Tal perspectiva vem corroborar com a ideia de que a Linguística é uma disciplina que esquece o seu passado e que não integra uma espécie de desenvolvimento progressivo, como ocorre, por exemplo, em ciências como a Matemática, a Física e a Biologia.

Por isso, fazer a ‘história da linguística é absolutamente fundamental, não somente para a cultura, mas para fazer linguística ela deveria ser indispensável’ (cf. Puech), pois se não conhecermos esta história acreditaremos sem reflexão em uma história de rupturas, podendo qualquer linguista se colocar e ser colocado como ponto de partida desta teoria.

Sériot (1999) perpassa a história da Linguística colocando em cena um panorama desta disciplina desde o início do século XIX até o seu final. Para ele, é

no término deste que o modelo organicista – que em Linguística representava a uma concepção essencialista, corrente na biologia do século XIX, e segundo a qual cada espécie é caracterizada por sua essência invariável e separada de todas as outras espécies por uma descontinuidade radical – é progressivamente abandonado, sem que, no entanto, a ideologia positivista deixasse de ser debatida, mesmo que transparecesse uma crise cada vez mais aguda onde suas certezas desmoronavam dia a dia.

Tal panorama, apresentado pelo autor, evidencia que, durante a Primeira Guerra Mundial, a Linguística é dominada pela corrente dos neogramáticos, os quais aplicavam aos fenômenos da linguagem o modelo das ciências naturais e tinham como objetivo estudar os fatos da evolução no interior das diferentes línguas. Isso sem se preocuparem, como Schleicher (1861-1862), com a reconstrução de uma língua-mãe ou da tipologia ou da classificação, mas procurando colocar em pauta um método rigoroso, que pudesse ser válido tanto para línguas antigas quanto para dialetos modernos. Nesta perspectiva, esforçavam-se em interpretar, em termos de leis, as mudanças fonéticas, para eles “*conformément aux lois inexorables de la nature, la langue évolue en dehors de la volonté humaine, il n’ existe rien d’irrégulier, rien de fortuit, tout est explicable*” (Sériot, 1999, p. 118)²⁶.

Para o autor (ibid.), esta posição dos neogramáticos era insustentável e os primeiros golpes vêm do interior da própria teoria. O modelo neogramático pressupõe que as línguas evoluem por divisão, divergência, do mesmo modo que os braços de uma árvore, desligando-se pouco a pouco de seu tronco. Para eles, os limites entre as línguas e as famílias das línguas eram postos como intangíveis, isto é, os elementos que elas tinham em comum não podiam ser herdados de seus ancestrais em comum.

Conforme Sériot (1999), aos poucos foram surgindo novas concepções que admitiam que uma língua pudesse ter origem mista, o que coloca em dúvida a ideia romântica de língua pura. Guimarães (2002, p.119) afirma ainda que “Outros caminhos que de algum modo circulam neste espaço saussuriano são os que desembocam no funcionalismo de Roman Jakobson de um lado e de Martinet do outro”.

²⁶ Tradução nossa: “conforme as leis inexoráveis da natureza, a língua evolui, fora da vontade humana, não há nada de irregular, nada de fortuito, tudo é explicável.”

Nesta perspectiva, Sériot coloca que, no mundo ocidental, é comum:

[...] *d'envisager l'histoire du structuralisme comme une évolution linéaire, partant de Saussure et allant vers Cl. Lévi-Strauss et R. Barthes en passant par des sort de maillons intermédiaires à Prague et Copenhague dans les annés vingt et trente*²⁷ (1999, p. 08).

Porém, para Sériot, Jakobson pode ser considerado um dos 'pais fundadores' do Estruturalismo, juntamente com Troubetzkoy, embora ambos sejam amplamente conhecidos no Ocidente como simples continuadores de Saussure; fato este que chega a ser evidenciado em uma carta endereçada a Jakobson, na qual Troubetzkoy se mostra revoltado com o fato de A. Mazon pretender encontrar na obra de Jakobson ideias de Saussure e também com o fato de ele e Jakobson serem identificados "pura e simplesmente" com a escola Saussuriana. Troubetzkoy até se pergunta: *será que fizemos algo errado?*

Ao tratar dessas questões, Sériot (1999) coloca que as razões desse mal entendido devem ser estudadas, pois elas ultrapassam as simples distorções entre variedades de uma mesma corrente de pensamento. Para ele, há certa diferença entre a face Russa e a face Ocidental de tomar a produção do conhecimento linguístico.

Entendemos, assim, ser necessário abordar o papel de Jakobson na produção do conhecimento linguístico. E, para compreendermos a importância dos estudos de Jakobson para a Ciência Linguística, devemos buscar conhecer o contexto político e intelectual em que ele viveu, e isso também em relação à questão da língua, pois estamos em consonância com Guimarães quando este afirma que "É impossível separar o conhecimento de suas causas e consequências, ou para lembrar Paul Henry (1997), de sua história" (GUIMARÃES, 2003, p.198).

Para Pêcheux (2004, p. 64), "o trabalho da língua adquiriu no outubro Russo de 1917 sua forma maior moderna em uma proximidade máxima entre revolução da literatura e a reflexão linguística". Nesta época, língua, literatura e social andavam

²⁷ Tradução nossa: "(...) relacionar a história do Estruturalismo (como uma evolução linear partindo de Saussure e chegando a Lévi-Strauss e Barthes e passando por uma espécie de malha intermediária como Praga e Copenhague nos anos vinte e trinta".

juntos “pelos ruas e vanguardas literárias, políticas e linguísticas no campo do outubro Russo”. Orlandi afirma que é Pêcheux (2004) quem melhor expõe isso:

[...] a história da linguística é daí para frente inseparável das questões da alfabetização, da escolarização, do jornalismo, da propaganda de massa, da revolução cultural, etc. surgidas com a entrada em cena do proletariado russo. Essa mudança ideológica, esse gigantesco processo metafórico em que o sentido se produz do interior do não-sentido concerne a toda Europa (com repercussões no resto do mundo) (Orlandi, 2005a, p.39).

E Gadet e Pêcheux concluem:

O trabalho da língua no país dos *soviets* constitui na nossa modernidade o ponto histórico em que se sobredetermina a relação entre a política revolucionista, o exercício do contraditório das práticas linguísticas e a reflexão teórica sobre a materialidade da linguagem [...] (2004, p. 65).

Segundo Orlandi (2005), em relação aos protagonistas da literatura e da linguística, há os que ficaram ao lado dos ‘decadentes’ e são hostis a coisas novas e há os que se engajam na revolução, preocupados com a força das palavras.

Para Schnaiderman:

Na realidade, a explosão revolucionária de 1917 foi acompanhada de um revolver completo do consagrado e do estabelecido, nas artes, na literatura, nas normas do cotidiano. Não foi por acaso que os revolucionários do estético se uniram a Revolução, enquanto os poetas de salão, os continuadores da arte, acabaram assumindo, na maioria, posição contrária (1979, p.19).

Devemos considerar que é nesse meio que se desenvolve o formalismo russo, onde elementos importantes da Teoria da Informação eram praticamente renunciados.

Entre aqueles que se engajaram na revolução, Orlandi (ibid.) cita a presença dos Formalistas do Círculo Linguístico de Moscou²⁸ e da Opoiaz²⁹ (Jakobson³⁰,

²⁸ De acordo com Mariani, “uma reunião de linguistas, filósofos e escritores, deu origem ao que ficou conhecido como *formalismo russo*, uma metodologia de trabalho fundada em um conjunto de procedimentos teóricos e metodológicos contrários às ideias vigentes durante o século XIX sobre literatura e análise de textos literários.

lynianov, Polinov, etc.), que trabalham o estudo científico da língua e das leis de produção poética, procurando desmistificar as obscuridades místico-poéticas enquanto linguagem dos deuses. Eles eram contra a poesia idealista e também buscavam analisar as forma do conto, da narrativa, dos poemas populares.

Como as questões políticas na Rússia desta época tiveram consequências nos planos ideológico e literário, houve uma condenação do formalismo (1923) e a consequente extinção do círculo de Moscou.

Sériot (1999) pontua que "*L' entre-deux-guerres est une période de crise des valeurs de la civilisation occidentale, en particulier de la démocratie, et recherche d' autres formes d' organisation de la société*"³¹ (1999, p. 05). Para o autor, este pode ser considerado um período chave para a história das ciências, marcado pelo desmoronamento do positivismo como modelo dominante e pelas descobertas e invenções de grande importância, da relatividade ao inconsciente, do conceito de modelo àquele de estrutura. Neste período, no círculo Linguístico de Praga, criado pelo tcheco Mathesius, surgem três personalidades enigmáticas e emblemáticas: Troubetzkoy, Karcevsky (Savickij) e Jakobson (1896-1986).

Mariani afirma: "Como sinalizam os historiadores das ideias linguísticas, Jakobson chega à ciência linguística a partir da poética, fato que vai caracterizar uma diferença significativa no modo como irá teorizar sobre a língua". Em seu texto intitulado "*Por que ler Roman Jakobson na atualidade*"³², Mariani coloca que

Ler a biografia e as reflexões de Jakobson, portanto, é acompanhar a história da Linguística, desde sua institucionalização como disciplina científica, em Praga, Copenhague e Haia seguindo, também, suas viradas teóricas na Europa e nos Estados Unidos. Em toda essa trajetória, pode-se observar uma ética presidindo o discurso teórico de Jakobson, uma vez que ele não exclui a linguagem infantil, a significação, a falha, o político e o poético do estudo da língua" (MARIANI, s/d, p.47).

²⁹ (*Óbchestvo po izutchéniu poetítcheskovo iazyká* – Sociedade de Estudos da Linguagem Poética),

³⁰ Foi Jakobson que, em 1915, teve a iniciativa de formar o Círculo Linguístico de Moscou, que reunia os formalistas russos.

³¹ Tradução nossa: "o período entre as duas guerras é um período de crise de valores da civilização ocidental, em especial da democracia e da busca de outra solução, de outras formas de organização da sociedade".

³² Texto no prelo.

A autora ressalta também que, nesses momentos iniciais de institucionalização da linguística, produz-se uma relação contraditória com o Saussure do CLG. Para Mariani (ib, p.49), ele é tanto um modelo a partir do qual se desenvolvem concepções teóricas quanto se constitui como referência a ser contestada face às próprias ideias linguísticas em circulação e em desenvolvimento.

De acordo com Gadet (2000), diferentemente de outros linguistas “estruturalistas”, Roman Jakobson não se declara herdeiro de Saussure³³ e ainda menos como o único ou o verdadeiro herdeiro. Para ele, Saussure é uma fonte de inspiração entre outras.

No entanto, a dicotomia saussuriana Sincronia/Diacronia configura-se, ao mesmo tempo, o primeiro par conceptual saussuriano utilizado e o primeiro submetido à crítica (GADET, *ibid.*). Pode-se observar que, desde o fim de 1926, Jakobson fala em uma carta a Troubetzkoy em “preencher o fosso anti-natural entre a análise sincrônica e a fonética histórica considerando cada mudança fonética do ponto de vista do sistema global”. Jakobson propõe uma sincronia dinâmica, conceito que tem por objetivo mostrar que ‘sincronia não é estática, ou melhor, que se pode pensar em termos de uma totalidade sincrônica que se movimenta’³⁴, (MARIANI, s/d, 50).

Em diálogo com Krystyna Pomorska, Jakobson afirma:

Se a sincronia é dinâmica, a diacronia da língua, isto é, a análise e o confronto das diversas etapas da língua durante lenta progressão do tempo, não pode e não deve, por sua vez, limitar-se apenas à dinâmica das modificações da língua, pois lhe é necessário, além disso, levar em consideração os fatos estáticos. (...) Saussure, e esse é o seu grande mérito, colocou em primeiro plano o estudo do sistema da língua em seu conjunto e na relação de todas as suas partes componentes (1985, p. 62-63).

Jakobson ainda salienta que “a coexistência e a modificação não se excluem mutuamente”, como também estão ligadas de maneira indissolúvel.

Para Gadet (2000), apesar das divergências conceituais, Jakobson permanece ligado a Saussure pela ideia semiológica de “língua como sistema em que tudo se

³³ Mesmo sendo ele “um dos primeiros a citar Saussure em outra língua que não em francês” (Gadet).

³⁴ Em sua argumentação, Jakobson demonstra que não se deve opor o eixo diacrônico ao eixo sincrônico, uma vez que ambos afetam o sistema da língua e estão relacionados com a experiência subjetiva dos falantes (MARIANI, s/d, 59).

mantém” (jamais “sistema de signos”). Mas o aspecto conceptual desta semiologia não é reconhecido, a estrutura se torna postulado de referência, e não como em Saussure, como algo a construir.

De acordo com a autora, “Jakobson encontrou em Saussure algo que lhe é essencial, o princípio da diferença como acesso ao sistema, de que ele fez, tanto quanto sentiu necessidade, uma máquina de guerra contra o historicismo dos Neogramáticos”.

Além de circular por distintas áreas do saber, Jakobson provocou o campo da Linguística a se repensar, tendo em vista seu modo interdisciplinar de pensar a linguagem, um modo que não desconsidera a poeticidade inscrita na língua. Para Mariani, ler Jakobson é mais do que necessário, ainda nos dias de hoje, pois, como afirma Krystyna Pomorska no posfácio de seu livro de entrevistas com o linguista,

Uma pesquisa intrépida, uma total ausência de conformismo científico, ausência que não deixou de desconcertar inúmeros contemporâneos – eis o aspecto que marca a obra inteira de Roman Jakobson (JAKOBSON; POMORSKA, 1993, p.174).

Conforme já posto anteriormente, o segundo movimento fundamental da Linguística do século XX, de acordo com Guimarães, é o trabalho de Chomsky, que busca o cognitivismo do séc. XVI para fundamentar uma nova posição biológica para a linguagem (linguagem diretamente ligada à questão do pensamento, aparecendo como seu instrumento de expressão do pensamento).

Nesse sentido, Ferreira (2009) aponta que

A lingüística saussuriana é incontornável na medida em que ela provoca continuamente, através mesmo do corte que produziu, as discussões sobre aquilo que está fora e aquilo que está dentro da lingüística. **Nesse sentido, a lingüística do século XIX é significada como um antes e o gerativismo como um depois em relação à lingüística saussuriana**³⁵ (retomada enquanto estruturalismo). Não se trata portanto, de uma história cronológica da lingüística - a cronologia é construída historicamente – mas de uma história de sentidos (FERREIRA, 2009, p. 67).

³⁵ Grifo nosso.

E, por fim, temos o terceiro movimento na configuração dos estudos linguísticos, o que Guimarães chama de o “momento decisivo na história dos estudos da linguagem no século XX”, o qual é:

[...] marcado por uma posição teórica que busca pensar a relação entre a exterioridade e o linguístico como uma relação histórica e constitutiva do processo linguístico. Estamos aqui diante da posição da AD que se desenvolve a partir do final da década de 60 do século XX na França (GUIMARÃES, 2002, p. 122).

Esta posição tem como objeto fundamental os estudos do discurso enquanto objeto integralmente linguístico, integralmente histórico, considerando a exterioridade como parte do que é próprio da linguagem e do seu funcionamento. É, pois, uma posição que coloca a questão da linguagem no centro das Ciências Humanas (o diferencial desta posição e do estruturalismo, por exemplo, é que entra em pauta a questão da historicidade).

Salientamos que é a partir destas considerações do autor, a respeito destes três movimentos dos estudos linguísticos, que realizamos nosso recorte, isto é, definimos nosso objeto e centramos nossos estudos neste terceiro movimento/momento dos estudos linguísticos do século XX, para abordarmos a questão da disciplinarização na Parte IV de nosso trabalho.

3.2.1 A Linguística no Brasil

Os primeiros cursos de Letras surgem, respectivamente, nos anos de 1934, 1935 e 1939, na Universidade de São Paulo (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), na Universidade do Distrito Federal (Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil) e na Universidade de Minas Gerais.

Sobre os primórdios da pesquisa linguística no país, Fiorin salienta que:

A pesquisa Linguística na universidade brasileira surge com a criação dos Cursos de Letras. Estes aparecem no Brasil no bojo dos projetos de criação das Faculdades de Filosofia apenas nos anos 30 do século passado, embora houvesse reivindicações anteriores para a existência de uma formação superior em línguas e literaturas e mesmo experiências efêmeras no início do século XX (FIORIN, 2006, p. 12).

É no ano de 1938 que, pela primeira vez, é instituído um curso extensivo de Linguística em um curso de Letras, naquele momento ministrado por Joaquim Mattoso Câmara Junior, na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Mattoso, entretanto, ministrou por apenas dois anos a disciplina de Linguística Geral, pelo fato de tal universidade, criada em 1935, ter sido extinta no ano de 1939.

De acordo com Rodrigues (2005), a Universidade do Distrito Federal era uma instituição inovadora e liberal e, portanto, por determinação de uma reação conservadora tomada diante da emergência do Estado Novo, ela foi extinta. Em seu lugar foi instaurada a Universidade do Brasil e criada a Faculdade Nacional de Filosofia, também situada no Rio de Janeiro.

Contudo, nos programas do Curso de Letras da Faculdade Nacional de Filosofia, não figurava a disciplina de Linguística, o que, para o mesmo autor, configurou-se em um decréscimo científico, uma vez que tal faculdade “instalou uma versão mais antiquada e menos científica do ensino na área de línguas e literaturas, em que não havia lugar para a ciência linguística” (Ibid, p.13). O agravamento desta questão, para Rodrigues, dá-se ainda por ser este o modelo de faculdade tomado pelo Ministério da Educação para pautar as demais faculdades de Filosofia, Ciências e Letras do Brasil.

Apesar de tais circunstâncias político-científicas e burocráticas, ressaltamos o papel importante exercido por Mattoso Câmara para a divulgação da disciplina em nosso país, pois, além de ser o primeiro professor de Linguística em uma universidade brasileira (Ibid.), Mattoso publicou inúmeros artigos e resenhas na área e realizou várias traduções de obras de linguistas importantes, como, por exemplo, Sapir e Jakobson³⁶.

³⁶ Uma série de artigos de Jakobson foi traduzida para o português por Mattoso Câmara Jr. sob o título de *Fonema e Fonologia*, publicado no ano de 1967.

O estudioso também publicou **Princípios de Linguística Geral** (1941), obra que Aryon Rodrigues (Ibid.) aponta como o único texto introdutório à Linguística produzido em língua portuguesa, em um período de aproximadamente 25 anos, e que ainda hoje se constitui no mais abrangente, mais sólido e melhor escrito.

Para Altman (1998), Mattoso possui papel fundamental no desenvolvimento da Linguística tanto na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como no setor de Linguística no Departamento de Antropologia do Museu Nacional, pois foi ele quem realizou o trabalho de organização de tal setor no departamento. Contudo, Mattoso só foi reconhecido como um líder intelectual *a posteriori* (Ibid.).

Na Universidade de São Paulo, o processo de institucionalização da Linguística, de acordo com Fiorin (2006), tem início já nos primeiros anos de fundação da instituição, na segunda metade dos anos 30, a partir de pesquisas realizadas na cátedra de Filologia e Língua Portuguesa. Primeiramente, ela segue os rumos dominantes da Linguística Histórica e, aos poucos, começa a preocupar-se com a Geografia Linguística, seus métodos e objetivos.

O autor (Ibid.) afirma ainda que, no Brasil, durante muito tempo, os estudos linguísticos nas Letras Clássicas destinavam-se ao estudo da fonética, da morfologia, da sintaxe e da lexicologia histórica, pois os estudos linguísticos eram realizados apenas para que os alunos tivessem acesso a textos originais (na língua de origem), já que as cadeiras tinham uma orientação nitidamente literária.

Segundo Fiorin (ib), no período de 1934 a 1962, salvo raras exceções, “como os estudos sobre a língua falada pelos imigrantes italianos no Brasil, não se produziram pesquisas lingüísticas no domínio das línguas estrangeiras”(p. 23). Nas Letras Clássicas, embora tenham sido produzidos alguns trabalhos sob a orientação da Linguística Histórico-Comparativa, a maioria dos trabalhos versava sobre temas literários (Ibid.).

Os estudos da Linguística Moderna, na USP, iniciam na cadeira de Filologia Românica. Um nome importante para o desenvolvimento destes estudos é o de Theodoro Henrique Maurer Junior, que ensinava Linguística mesmo antes do estabelecimento desta como disciplina obrigatória nos Cursos de Letras. Durante os anos de 1945 e 1946, Maurer Jr. foi bolsista da Fundação Rockefeller na Universidade de Yale, onde estudou Linguística Geral e foi aluno de Bloomfield.

De acordo com Fiorin (2006), foi Maurer que, em São Paulo, começou a ensinar e a difundir as teorias de linguistas como Saussure e o próprio Bloomfield. Para o autor,

[...] a cadeira de Linguística Românica e Glotologia Clássica tem uma orientação histórico-comparativa. No entanto, é nessa cadeira que, *graças à formação de seu catedrático*³⁷, começam a difundir-se as idéias dos fundadores da Linguística Moderna. Essa será a base da formação de toda a geração de linguistas, que estão em atuação hoje em diferentes universidades brasileiras (FIORIN, 2006, p. 24).

Considerando a abordagem em linhas gerais que esboçamos anteriormente no que se refere à formação de Maurer Jr., bem como o que Fiorin (2006) pontua em relação ao fato de o professor conseguir implementar alguns tópicos vinculados a sua formação teórica mesmo em uma disciplina como, por exemplo, a Filologia, que se insere em uma vertente teórica tradicional, percebemos a importância de considerarmos o papel do sujeito-professor. Neste caso, podemos observar que Maurer trouxe para as disciplinas que ministrou, a Linguística Românica e a Glotologia, aspectos da sua formação teórico-metodológica, introduzindo algumas abordagens linguísticas em suas aulas.

A partir destes dados e fatos apresentados, percebemos que a Linguística, no Brasil, apresenta diferentes orientações e modos de entrada, como, por exemplo, na Universidade do Distrito Federal, onde foi disciplinarizada logo nos primeiros anos de sua fundação (mesmo que só por dois anos, pois foi extinta em 1939). Já na Universidade de São Paulo, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ela surge por meio de pesquisas realizadas na cátedra de Filologia e Língua Portuguesa.

Diferentes são os percursos de institucionalização das pesquisas linguísticas no Brasil (no interior de cada universidade) até a década de 1960, quando um decreto do Ministério da Educação a torna uma disciplina obrigatória nos Cursos de Letras. Esses caminhos podem ser observados por meio do percurso de alguns professores, já que, inicialmente, as pesquisas linguísticas interessaram a poucos.

³⁷ Grifo nosso.

Além de Mattoso Câmara e Maurer Jr., podemos citar outros. O professor francês Robert Henri Aubreton (cadeira de Língua e Literatura Grega – USP), por exemplo, constitui uma importante figura nos estudos da linguagem no Brasil. Entre seus feitos, podemos salientar a fundação da Associação dos Estudos Clássicos do Brasil, a publicação de seu *Boletim*³⁸, entre outros.

De acordo com Castilho (2005, p. 04) Aubreton “conseguia “bolsas de estudos na França para alunos brasileiros e Maurer ajudava nessa tarefa de seleção de candidatos”, esse intercâmbio possibilitava a aqueles que viajassem (formados no final dos anos 50, início dos anos 60) regressarem, após a realização de suas pesquisas (teses), munidos de informações sobre o que se ‘fazia’ de ‘moderno’ nos estudos da linguagem na Europa, fomentando e contribuindo com o desenvolvimento da Linguística no Brasil.

Foram alguns destes alunos os primeiros professores da disciplina de Linguística no país. Citamos, por exemplo, Izidoro Blikstein, professor que, tão logo voltou da França, foi contratado e encarregou-se das aulas de Introdução à Linguística, na USP. No decorrer dos anos, o professor Blikstein formou em torno de si um grupo de jovens que, posteriormente, destacaram-se no cenário nacional como importantes linguistas, entre eles Haqira Osakabe, Rodolfo Ilari e Eni Orlandi.

O professor Cidmar Teodoro Pais é outro pesquisador que, ao retornar da França, em 1967, exerceu funções intelectuais e organizacionais importantes para a institucionalização da Linguística como campo autônomo de estudo.

O início da Linguística no Brasil está fortemente ligado, portanto, à postura político-teórica do sujeito-professor (aliada, claro, às condições institucionais), pois, conforme apontamos anteriormente, foi a formação destes profissionais que determinou as linhas teóricas seguidas na Linguística brasileira. Foram os grandes filólogos que ocuparam as principais cátedras universitárias do país e fundaram os primeiros centros de pesquisa dedicados a temas dessa natureza.

O processo de institucionalização da Linguística só veio a consolidar-se ampla e definitivamente nos anos 60, por meio de uma resolução do Conselho Federal de Educação (CFE). No ano de 1961, o CFE determinava, para o ano

³⁸ *Boletim de Estudos Clássicos. Revista da Associação de Estudos Clássicos do Brasil. Ano I (1956).*

seguinte, a implantação da disciplina de Linguística em todas as Faculdades de Filosofia que tivessem curso de Letras.

A seguir, transcrevemos um trecho da resolução do Conselho Federal de Educação, tal qual aparece no texto de Castilho (1963, p. 26):

Resolução. O Conselho Federal de Educação, usando da atribuição que lhe confere os arts. 9º (letra e) e 70º da Lei nº. 283-62, que a esta fica incorporado, RESOLVE:

Art. 1º - O currículo mínimo dos cursos que habilitam à licenciatura em Letras compreende 8 (oito) matérias escolhidas na forma abaixo indicada, além das matérias pedagógicas fixadas em resolução especial:

1. Língua Portuguesa
2. Literatura Portuguesa
3. Literatura Brasileira
4. Língua Latina
5. **Linguística**³⁹
6. Três matérias escolhidas dentre as seguintes [...]

Para Castilho (Ibid.), o alinhamento da Linguística entre as disciplinas básicas é 'digna de aplauso', mesmo considerando as ponderações de Rodrigues que, em Brasília, no ano de 1963, argumentava não haver um número suficiente de linguistas aptos a ministrarem a disciplina. De acordo com Rodrigues (2005), na época em que a resolução do CFE a respeito da obrigatoriedade da Linguística foi implementada, havia apenas três professores formados na área: ele próprio – Aryon Rodrigues, Mattoso Câmara e Francisco Gomes de Matos.

Rodrigues, logo que chegou a Brasília (1963), criou um curso intensivo que promoveu a preparação dos professores universitários que ministrariam a disciplina de Linguística. Ainda em 1963, implantou em Brasília o primeiro departamento autônomo de Linguística e o primeiro programa de Pós-Graduação (em nível de mestrado) voltado para pesquisadores em Linguística (curso que funcionou somente até o ano de 1965, devido a intervenções e demissões ocorridas após a revolução de 1964).

³⁹ Grifo nosso.

Embora a Linguística seja incluída nos currículos mínimos no ano de 1962, é, de acordo com Altmann (1998), a partir de 1968, que se concentram um conjunto de fatores de ordem intelectual e social que permite, em vários pontos do país, a solidificação institucional de uma 'Linguística brasileira' e, conseqüentemente, de um jovem grupo de pesquisadores que começam, a partir de então, a se reconhecerem 'linguistas'. Com isso, apesar de 1968 não ser de fato o ano da institucionalização obrigatória da disciplina, este é o ano que marcaria o reconhecimento dos pesquisadores na área.

A disciplina Linguística dessa época, no Brasil, também apresenta uma forte ligação com a Antropologia. No Museu Nacional (RJ), em 1968, foi criado um Curso de Pós-Graduação em Linguística, cujos professores eram, na sua maioria, antropólogos, com exceção de Rodrigues. Dois anos mais tarde, o Curso do Museu Nacional foi agregado à Faculdade de Filosofia. Em decorrência desta mudança institucional, Rodrigues e parte de sua equipe transferiram-se para a Universidade Estadual de Campinas, no ano de 1973, onde continuaram seus trabalhos na área de Linguística.

No Rio de Janeiro (UFRJ) os estudos da linguagem diferenciam-se dos da USP, o que é resultado dos aspectos institucionais dos anos 1950-1960 (Guimarães, 2002). A UFRJ tinha nos seus quadros funcionais o professor Mattoso Câmara, que possuía relações com os estudos realizados nos Estados Unidos, mais especificamente com os trabalhos de Sapir (Mattoso foi professor nos EUA). Isso, ainda de acordo com Guimarães (2002), certamente influenciou os rumos das pesquisas linguísticas na instituição, sendo que a Linguística na UFRJ é marcada pela filiação à Gramática Gerativa de um lado e à Sociolinguística Quantitativa de outro. É neste período dos anos de 1960 que se dá a criação da Especialização em Letras (Linguística) na USP.

Segundo Orlandi,

Em 1965, sob a demanda de um grupo de estudantes da Universidade de São Paulo – Emílio Giusti, Eni Pulcinelli e Lélia Erbolatto – é criada a especialização em Letras, domínio de Linguística Geral, no Curso de Filologia Românica, sob a direção de T.H. Maurer (Indo-europeísta e linguista) (ORLANDI, 2000, p. 36).

Este grupo formado na USP seguiu uma orientação teórico-metodológica diferenciada dos demais profissionais que trabalhavam no campo do conhecimento linguístico no país. De acordo com Altmann (1998), para Rodrigues, “em linguística, dificilmente estudantes formados em ambientes diferentes compartilham das mesmas práticas e/ou do mesmo tipo de informação”.

Conforme Altmann (Ibid.), podemos afirmar que, até meados dos anos 60, a Linguística latino-americana era basicamente uma extensão da europeia. Diversos fatores contribuíam para isso, entre eles a formação europeia de nossos linguistas e o acesso à língua francesa.

Em relação à institucionalização da disciplina de Linguística no país, Guimarães afirma que

[...] a década de 1960 trará consigo novos contornos institucionais. Começa com a obrigatoriedade de inclusão da linguística nos currículos de letras e termina com a criação do sistema nacional de pós-graduação e a criação dos primeiros programas de pós-graduação em Linguística do Brasil (2004, p. 42).

A respeito destes contornos institucionais e das mudanças ocorridas nas grades curriculares dos cursos de Letras na década de 60, podemos observar por meio de texto publicado na revista *ALFA* (1963), pelo professor Castilho, que se estava buscando soluções para a implementação efetiva da disciplina de Linguística no país.

Em seu texto, Castilho propõe um novo currículo para o curso de formação do professor de Português e Latim. Entre suas diversas sugestões, ressaltamos a de uma cadeira de Linguística que fosse ministrada em três semestres. Em dois semestres seria desenvolvido um programa de Linguística Geral, aconselhando como roteiro o que vinha sendo exposto na obra **Princípios de Linguística Geral** (1941), de Mattoso Câmara, autor que Castilho destaca como precursor nesta especialidade em língua portuguesa. E, no terceiro semestre, seria ministrado um curso de Fonética Geral, pelo professor de Linguística ou por um assistente.

A Linguística praticada nas universidades, naquele momento, está ligada também ao estruturalismo, divulgado por Mattoso Câmara (Saussure) e Aryon Rodrigues (Sapir e Bloomfield). Entretanto, Maurer também teve um papel

importante no desenvolvimento da Linguística no país, tendo sido um dos professores participantes no processo de instalação do curso de Pós-Graduação em Letras, assim como os estudantes que, na década de 1960, constituíram público interessado nestes estudos. Afinal, muitos destes, após o primeiro contato com a disciplina, foram para a França justamente na década de 60, período em que o estruturalismo estava em evidência.

Na UFRJ, o modelo norte-americano de Linguística era o que predominava (Rodrigues com Linguística Aplicada e Linguística Descritiva), enquanto na USP formavam-se linguistas no modelo das universidades francesas. Já na Unicamp, nos anos 70, diferentemente do que ocorre na UFRJ e na USP, a Linguística é constituída fora do domínio das Letras. Esta disciplina surge no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, estando assim diretamente relacionada às Ciências Humanas e Sociais e à Filosofia. Resultado disso é a inexistência de uma faculdade de Letras na instituição.

Outro ponto interessante a ser mencionado é o primeiro simpósio das Faculdades de Filosofia do Brasil, ocorrido no ano de 1953, em São Paulo. Segundo o professor Ataliba Castilho (1963), estiveram presentes 24 representantes neste evento, no qual foi redigido um documento com propostas para o Curso de Letras, cujo redator foi o Prof. Dr. Mário Pereira de Sousa Lima. Entre as propostas, salientamos a inclusão da Linguística como disciplina básica tanto do curso de Letras Clássicas e Vernáculas quanto do curso de Letras Anglo-Germânicas, o que permanece até hoje em todos os cursos de Letras do país.

As propostas discutidas no evento constituíram um anteprojeto de Lei das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, e pode-se afirmar que a instituição de disciplinas 'básicas' foi 'uma feliz antevisão' (Ibid.) do que os mínimos federais estabeleceriam ao tratarem do currículo mínimo dos cursos de Letras (Parecer nº. 283).

Para Castilho (Ibid.), a inclusão da disciplina de Linguística entre as disciplinas básicas é algo notoriamente positivo. Entretanto, o autor não deixa de expor em seu texto as ponderações do professor Aryon Rodrigues, o qual argumenta não haver, no Brasil, na época, 73 linguistas para igual número de Faculdades de Filosofia, o que causaria um problema para o desenvolvimento da

disciplina, já que as faculdades, vendo-se obrigadas a ofertá-la, contratariam profissionais mesmo sem preparo adequado.

Como sugestões para que não ocorressem ‘disparates’ no ensino da Linguística, Rodrigues propôs que esta disciplina fosse oferecida em séries mais avançadas, para que pudesse ser ‘treinada’ uma equipe de linguistas num curso intensivo na Universidade de Brasília (UNB) e também contratados professores estrangeiros (o que só seria possível em instituições oficiais).

É importante ressaltar que, nos anos 50 e 60, as Faculdades de Filosofia e Letras tinham por objetivo único a formação de professores, sem incentivo a pesquisa acadêmica. Isso significa que a instituição acadêmica, tal qual nos foi apresentada por muitos anos, principalmente nos Cursos de Licenciatura, tinha por finalidade somente ensinar, “repassar” conceitos e teorias e, como foi mencionado, não visava formar pesquisadores, o que já não é mais o caso atualmente, uma vez que, desde cedo, o estudante pode se interessar pela formação em pesquisa através de programas de iniciação científica.

Somente no final desta década de 70 um maior grupo de alunos formados em cursos de Linguística começou a interessar-se também por pesquisas. Para Altmann (1998), ao invés de lugar de pesquisa, as universidades eram consideradas, até então, apenas lugares oficiais de ensino/aprendizagem que visavam formar professores de línguas.

Nos anos 1970, ocorre a regulamentação dos Cursos de Pós-Graduação no país, o que se constitui em um desafio para a Linguística, devido tanto à falta de recursos materiais quanto à falta de recursos humanos. Considerando este contexto, pode-se afirmar que é a partir dos anos 70 que a Linguística passou a constituir um domínio específico e autônomo de investigação.

No ano de 1971, inicia-se na Unicamp o Curso de Pós-Graduação em Linguística. De acordo com Guimarães (2002), existem alguns fatores constitutivos de uma diferença importante no trabalho sobre linguagem entre estas duas instituições, a USP e a Unicamp. Na USP, por exemplo, alguns professores que tiveram papel de destaque na constituição da Linguística obtiveram formação específica na França (nos anos 1960) e estabeleceram alguns contatos fundamentais com os estudos de semiótica greimasiana, o que se reflete nas

pesquisas da USP nos anos 1980. Na Unicamp, o fator decisivo é a vinda do Prof. Ducrot, fato que será percebido com a presença marcante de estudos enunciativos e discursivos na instituição.

Neste período (final dos anos 60), muitos professores brasileiros são enviados para fora do Brasil para cursarem seus mestrados e doutorados, o que se realizou a partir do apoio financeiro de órgãos como Capes e CNPq (âmbito federal) e da Fapesp (São Paulo), fomento de fundamental importância e que, para Guimarães (2004), constitui-se num primeiro “movimento em prol da consolidação de uma política de Pós-Graduação no Brasil” (p.38)..

Para o autor, um segundo movimento foi a afirmação de programas brasileiros que começaram a formar professores e pesquisadores de outras universidades, resultando na possibilidade de uma generalização dos estudos de Pós-Graduação em Linguística em diversos lugares do país. Em relação à política de Pós-Graduação brasileira, Guimarães afirma que

Estes movimentos da política de pós-graduação acabaram por colocar em convívio permanente no Brasil pesquisadores formados em centros diversos, principalmente dos Estados Unidos e da Europa. Assim o debate linguístico no Brasil é marcado por essa capacidade de movimentar formações que, muitas vezes, não se conversam tão diretamente como no Brasil (2004, p.39).

Portanto, a linguística brasileira é permeada por diferentes filiações teóricas, tanto as trazidas pelos primeiros professores europeus, que se deslocaram para o Brasil a fim de ministrar disciplinas nos Cursos de Letras e de Linguística, quanto as trazidas pelos linguistas brasileiros ao complementarem seus estudos no exterior. Isso converge na atual heterogeneidade das linhas de trabalho presentes nos Cursos de Pós-Graduação em Letras e Linguística do país. E, isso, certamente, também contribui para que a AD se institucionalize, no Brasil, vinculada a esses Cursos.

3.3 Análise de Discurso: fundação e disciplinarização

Para Maltby (1997, p.16), “A análise de discurso está presente em toda parte, mas a análise do discurso francesa está, talvez, presente de forma mais intensa”. E, é a história desta análise de discurso francesa, da qual fala Maltby, que nos interessa neste trabalho. Em seu texto *Elementos para uma História da AD na França*, Maltby situa a dupla fundação da AD, que provém dos estudos do linguista Jean Dubois e do filósofo Michel Pêcheux. Salienta que ambos elaboraram antes de 1968-1970 o que se chamará de AD, mas de forma independente.

A autora ainda afirma que Dubois coloca a AD no terreno do estudo dos grandes textos políticos da tradição francesa. Segundo Maltby (Ibid.), é ele quem elege o discurso político como objeto específico da AD e quem introduz o sintagma “Análise do Discurso”, o que possibilitou o desenvolvimento da Escola Francesa de Análise de Discurso.

Entretanto, a autora afirma (Ibid.) que a longevidade da disciplina deve-se ao fato de a AD ter sido ampliada e repensada amplamente por pesquisadores em torno de Michel Pêcheux. Durante aproximadamente quinze anos, Pêcheux produziu conceitos tanto em consonância como em ruptura com os de Dubois.

Podemos considerar que Pêcheux e Dubois, embora tenham preocupações distintas, são tomados em um espaço comum: o do marxismo e da política. De acordo com Maltby (1997, p.23), “ao evocar o nascimento da AD através do itinerário de dois homens, eu quis marcar, no grande desdobramento da linguística no fim da década de 1960, um encontro particular com o Marxismo”.

Embora por caminhos distintos, ambos chegam a um lugar comum e inscrevem-se no ato de fundação da AD. Poderíamos entender que são duas ADs que possuem pontos de aproximação: em torno de Dubois reúne-se um grupo de linguistas e em torno de Pêcheux pesquisadores em Ciências Humanas e Sociais.

No entendimento de Petri (2008), todavia, é Michel Pêcheux quem tem o mérito, historicamente reconhecido, de ser o fundador da AD como foi conhecida na França a partir dos anos sessenta e como é desenvolvida e tomada atualmente no Brasil. Entretanto, a própria autora destaca que:

A fundação (se for tomada como científica ou não) advém de um trabalho muito maior do que aquele de um único sujeito – ainda que esse dedicasse toda sua vida ao estudo de um objeto dado – não conseguiria... É tudo o que vem antes que trabalha para que a produção do conhecimento se efetive; é todo o tipo de interlocução que ressoa no discurso como uma memória que não cessa de se reorganizar; e mais, é tudo o que vem depois e passa a reconfigurar os já-ditos, deslocando sentidos já postos e agregando a eles outros sentidos ainda na ordem do devir (PETRI, 2010, p. 04).

Entendemos, então, que mesmo Pêcheux sendo reconhecido legitimamente como fundador, não devemos deixar de considerar que todo o contexto político e epistemológico de sua época colaborou para que ele exercesse este papel na fundação da AD.

Mazière (2007), em sua obra referente à história e às práticas da Análise de Discurso, ao referir-se à relação entre Linguística e AD, afirma que

Não obstante, os primeiros dispositivos de análise permitiam à AD definir-se por oposição, ou por adesão, às evidências dos anos 1960: a linguística estrutural, posteriormente gerativa, a enunciação e as tradições hermenêuticas, a sociolinguística e a “Discourse Analysis” anglo-saxônica, os processamentos automáticos e uma filosofia da linguagem que repensava o sentido (MAZIÈRE, 2007, p.11).

O momento político combativo e o contexto epistemológico na França, durante a década de 1960, formaram um contexto salutar para o desenvolvimento da Linguística nas universidades do país. Neste período, a Linguística possuía uma posição dominante entre as Ciências Humanas. A AD desenvolve-se neste panorama em que o estruturalismo está triunfante e a Linguística está no centro do dispositivo das ciências. Desde a fundação dos estudos em AD, a relação com a Linguística é muito estreita. Ora esta relação se dá por uma proximidade na concepção de conceitos comuns às duas disciplinas, ora se dá pelo afastamento no entendimento de outros conceitos.

Courtine, ao tratar das relações entre a AD e a Linguística, faz a seguinte afirmação:

Que las relaciones entre la lingüística y el AD son muy estrechas puede considerarse como una evidencia: en una acepción "amplia" de la extensión del dominio de la lingüística, ésta puede llegar hasta incluir al AD, haciéndola parte beneficiaria de una de las "ramas" especializadas de esta

disciplina, la socio-lingüística. Pero si nos referimos a una extensión más "estricta" del dominio de la lingüística, la que delimita su dominio desde la ruptura saussuriana, debemos convenir que los objetos respectivos de la lingüística y del AD (la lengua y el discurso) por una parte, así como la respectiva posición de esas dos regiones de conocimiento en el corte universitario del saber y de las disciplinas, las ubican en una situación de delimitación recíproca, es decir que constituyen la frontera, una de la otra. No por ser estrechas estas relaciones son menos paradójicas, lo que los analistas del discurso tienden a olvidar en la definición que dan de ellas⁴⁰ (COURTINE, 1981, p. 11).

Esta proximidade entre AD e Linguística é inegável. Este campo do saber (AD), na França, surge em um momento que a Linguística está em evidência e deslocando seu foco de atenção. Outras relações também são estabelecidas neste momento de fundação, tornando movediças as fronteiras que delimitam a AD.

Nesse sentido, Baldini (2005) afirma que:

A análise do Discurso inspirada por Michel Pêcheux soube de modo impar extrair as consequências do ensino estruturalista, mas isso não basta para que uma disciplina possa se configurar. Ao definir o solo teórico da AD, Pêcheux foi além da lição estruturalista. Elegendo o Materialismo Histórico, a Teoria do Discurso e a Linguística (campos estes atravessados por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica, a bem dizer, lacaniana), Pêcheux e seu grupo de trabalho puderam conceber um projeto de estudos que se configurou na instauração de um novo objeto de conhecimento: o discurso (Baldini, 2005, p. 35).

Para Orlandi (2006), a AD tem seu método e seu objeto próprios, que tocam as bordas da Linguística, da Psicanálise e do Marxismo, mas não se confundem com eles. Segundo a autora (Ibid.),

[...] a análise de discurso vai-se constituir como uma disciplina de entremeio. Fazendo-se na contradição dos três campos do saber – a linguística, a psicanálise e o marxismo – ela terá um particular desenho disciplinar (ORLANDI, 2006, p.14).

⁴⁰ Tradução nossa: As relações entre lingüística e AD são muito próximas, e isso pode ser considerado como prova em um sentido amplo da extensão do domínio da lingüística, que pode até incluir AD, fazendo dela parte beneficiária de um ramo especializado desta disciplina, a sócio-lingüística. Mas se nos referimos a uma extensão do domínio estrito da lingüística, que define o seu domínio a partir da quebra de Saussure (da ruptura saussuriana), temos que concordar que os respectivos objetos da lingüística e da AD (a língua e a fala) de um lado, e as respectivas posições destas duas regiões do conhecimento no corte da universidade do saber (conhecimento) e das disciplinas, as colocam em uma situação de delimitação recíproca, ou seja, que constituem uma fronteira entre si (constituem fronteira uma da outra). Não por estas relações serem próximas, são menos paradoxas, o que analistas do discurso tendem a esquecer, quando as definem.

É pertinente, neste momento, destacarmos aqui trechos da entrevista, já citada, concedida pelo professor Puech, nos quais ele faz referência a Pêcheux, sua relação com o teórico e também ao papel de ‘fundador’ a ele atribuído.

Ao ser interpelado sobre sua relação com Pêcheux, Puech ressalta que não fez parte da equipe dele, diferentemente de Courtine, que trabalhava, em Grenoble, desde muito cedo, sobre as modalizações informáticas, o que interessava a Pêcheux devido a seu projeto da análise automática do discurso.

[...] eu lembro que o primeiro projeto de análise do discurso de Pêcheux, era um projeto de automatização que podia ter verdadeiramente aplicações nos domínios documentários, triagem, arquivo de documentos, etc. Eram verdadeiramente trabalhos pioneiros, que poderiam ter dimensões muito tecnocráticas: sociedade de comunicação integral, enfim tudo o que conhecemos hoje, que se desenvolveu, todo esse discurso abundante, sobre as sociedades de comunicação, de transparência, etc. [s.p.]

Entretanto, o autor salienta que, evidentemente, Pêcheux não tinha isso em mente, pois havia outras preocupações, e a época era extremamente política; não era somente a ideia da modernidade, mas a ideia socialista, ou de renovação da ideia comunista de socialismo que estava vigente. Precisamos considerar que “Michel Pêcheux esteve ao mesmo tempo ao lado da *teoria do discurso* e ao lado da *análise do discurso*” (MALDIDIER, 2003, p. 16).

3.4 A disciplinarização da Análise de Discurso no Brasil

No Brasil, também, a AD foi fazendo alianças e tendo embates com a Linguística. E, devido à forte influência da Linguística americana (Pragmatismo) no país, aqui a AD teve como antagonista o Pragmatismo. Com isso, há aqueles que não compreendem a relação da AD de orientação francesa com a Linguística, e há aqueles que, inscritos na filiação linguístico-discursiva (filiação da qual Orlandi se declara participante), procuram entender a relação entre a Linguística e a AD.

A Análise de Discurso fundada na França, nos anos 1960, começa a ter lugar institucional no Brasil somente na década de 1980, embora alguns textos de

Pêcheux já tivessem sido traduzidos e publicados no país anteriormente. O texto intitulado *Reflexions sur la situation théorique des sciences sociales et, spécialement, de la psychologie sociale*⁴¹, escrito sob o pseudônimo de Thomas Herbert, havia sido publicado no Brasil ainda no início da década de 70, na revista *Tempo Brasileiro*.

Entretanto, estudos e pesquisas em AD começam a circular no espaço acadêmico brasileiro no final desta década e no início da década de 80. De acordo com Scherer e Petri (2010), a disciplinarização dos estudos do discurso, no Brasil, se dá no final dos anos 70, início dos anos 80, e seus principais fundamentos teóricos vêm da Europa e da América, com o retorno de grande parte de pesquisadores que estavam fora do país em virtude da ditadura militar⁴².

Segundo Scherer (2008), E. Orlandi é uma pesquisadora que demarcou o seu lugar nestes estudos e o lugar de uma disciplina. Sobre a autora, Scherer pontua:

[...] alguém que já institucionalizou e disciplinarizou um saber sobre a relação língua – sujeito – história, *construindo um objeto próprio, o discurso, e um campo teórico específico* (Orlandi, 2005, p.78), na condição de disciplina e de campo do saber, reconhecido pelos órgãos de fomento, com a designação AD de linha francesa (Scherer, 2008, p. 131-132).

Eni Orlandi, a partir de suas pesquisas e da formação de seu grupo de pesquisadores, inicia este caminho, pois é a partir de pesquisas e trabalhos destes sujeitos que a AD começa a circular no Brasil. Este grupo é responsável, por exemplo, pela tradução e publicação de diversos textos de Pêcheux disponíveis em português no Brasil, o que, para nós, contribuiu para a divulgação da obra do autor no país e, conseqüentemente, para a produção de conhecimento acadêmico fundamentado nos conceitos basilares postulados por Pêcheux.

⁴¹ Tradução nossa: Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social.

⁴² *Au Brésil, la disciplinarisation des études sur le discours a pris son essor vers la fin des années 1970 et au début des années 1980 et leurs fondements théoriques sont venus d'ailleurs, soit d'Europe, soit par la voie américaine, par le retour d'une grande partie des chercheurs qui se trouvaient loin du pays du fait de la dictature militaire.* (Scherer e Petri, 2010, p. 02)

No Quadro 01, a seguir, apresentamos uma relação de textos de M. Pêcheux que foram traduzidos e que circulam no Brasil⁴³:

1966: (Sous le pseudonyme de Thomas Herbert), « Reflexions sur la situation théorique des sciences sociales et, spécialement, de la psychologie sociale », Cahiers pour l'analyse, 2, 1966, (p. 174-203). Tradução brasileira em Tempo brasileiro (30/31), 1972, p. 3-36, exemplar organizado por Carlos Henrique de Escobar. Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especificamente, da psicologia social.
1968: (Sous le pseudonyme de Thomas Herbert) « Remarques pour une théorie générale des ideologies », Cahiers pour l'analyse, 9, 1968, p. 74-92. - Tradução brasileira de Carolina Rodríguez, Eni Orlandi, José Horta Nunes. Pêcheux M. (Thomas Herbert). Observações para uma teoria geral das ideologias. In: Revista Rua, 1, Campinas: Unicamp, 1995, p. 63-89.
1969: Analyse automatique du discours, Paris, Dunod, 1969, 142 p., (coll. "Sciences du comportement). Tradução brasileira de Bethania S. Mariani [et al.] Gadet e Hak (orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Ed. Unicamp, 1990.
1971: Haroche, C, HENRY, Paul, Pêcheux, M.I. "La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours". <i>Langages</i> 24, Larousse, Paris, 1971. Tradução brasileira de Roberto Leiser Baronas e Fabio César Montanheiro In: BARONAS, RL. Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007.
1973: Pêcheux M., Wesselius J., « A propos du mouvement étudiant et des luttes de la classe ouvrière: trois organisations étudiantes en 1968, In : R. Robin (ed.), Histoire et linguistique, Paris, A. Colin, 1973, p.245-260. Tradução brasileira : Adélia Bolle. São Paulo: Cultrix, 1977.
1975: Les vérités de la Palice, Paris, Maspero, 1975, 278 p. (coll. "Théorie"). Tradução brasileira de Eni Orlandi [et al.]: Pêcheux M. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
1977: Gadet F., Pêcheux M., "Y-a-t-il une voie pour la linguistique hors du logicisme et du sociologisme?", <i>Equivalences</i> , 2-3, 1977, p. 133-146. Tradução brasileira de Eni Orlandi : Pêcheux M, Gadet F, "Há uma via para a linguística fora do logicismo e do sociologismo" In: <i>Escritos</i> , 3, 1998.
1977a: Remontons de Foucault à Spinoza. IN: Maldidier, D L' Inquiétude du discours. Tradução brasileira: Maria do Rosário Gregolim. Mimeo 2000.
1981: Gadet F., Pêcheux M., <i>La Langue introuvable</i> , Paris, Maspero, 1981, 248 p. (coll. "Théories"). Tradução espanhola de B. Job. <i>La lengua de nunca acabar</i> , México, Fondo de Cultura Económica, 1984, 246 p. Tradução brasileira de B. Mariani e Maria Elizabeth C. de Mello. Pêcheux M, Gadet, F. <i>A língua inatingível: o discurso na história da linguística</i> . Campinas: Pontes, 2004.
1982: "Délimitations, retournements, déplacements", <i>L'Homme et la société</i> , 63-64, 1982, p. 53-69. Tradução brasileira de José Horta Nunes. Pêcheux, M. "Delimitações, Inversões e

⁴³ Listagem disponível para consulta no Centro de Documentação Urbana do Labeurb (Unicamp). "Tratam-se de textos de difícil acesso e que constituem na íntegra o pensamento de Pêcheux e da sua obra, das suas inquietudes teóricas sobre Análise de Discurso, na conjuntura e na efervescência política da época em que viveu". (Descrição encontrada no site <http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/home/lerArtigo.lab?id=50>).

Deslocamentos”, Cadernos de Estudos Linguísticos, 19, Campinas: Unicamp, 1990. p. 7-24.
1982b: “Lire l’archive aujourd’hui”, Archives et documents de la Société d’histoire et d’épistémologie des sciences du langage (Saint-Cloud), 2, 1982, p. 35-45. Tradução brasileira: de Maria Lopes Morin do Amaral. Pêcheux M. Ler o arquivo hoje. In: Orlandi, Eni P. (org). [et al]. Gestos de leitura, 1997, p. 55-65.
1983: « Rôle de la mémoire », Langage et Société. Paris: École Normale Supérieure, 1983, p. 261-267. Tradução brasileira de José Horta Nunes. Papel da memória, Campinas : Pontes,1999.
1984: “Sur les contextes épistémologiques de l’analyse de discours”, Mots, 9, 1984, p. 7-17. Tradução brasileira de Ana Maria Dischinger e Heloisa Monteiro Rosário, Pêcheux M. “Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso”, Cadernos de Tradução. n. 01. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.
1988: “Le discours: structure ou événement?” (p. 303-323) Tradução brasileira de Eni Orlandi. Pêcheux M. O discurso: estrutura ou acontecimento. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

Quadro 01: Textos de Pêcheux traduzidos no Brasil.

Ao observarmos a relação dos textos de Pêcheux que foram traduzidos no Brasil (vide Quadro 01), observamos que nove dos catorze foram traduzidos por Eni Orlandi ou por seu grupo de trabalho.

No tocante às datas de publicação dos textos brasileiros, observamos que estes não seguem uma ordem cronológica da sua publicação francesa. De acordo com Gregolin (2007) e Ferreira (2007), isto faz com que a AD brasileira tenha um percurso epistemológico diverso da AD francesa, o que vem a justificar, por exemplo, que o modo de entrada e a permanência de alguns conceitos sejam diferentes no Brasil e na França.

Ao abordarmos esta questão em relação à AD na França e no Brasil, cabe salientar que a Análise de Discurso é um campo do saber relativamente novo, ‘fundado’, como vimos anteriormente, no final da década de 60, na França, e disciplinarizado em nosso país na década de 80. Orlandi (2002a) afirma que, aqui, a produção teórica vinculada à AD (nos anos 70/80) encontrou eco institucional e acadêmico, não havendo um lapso entre produção e condições institucionais como ocorreu na França.

Ao tocar na questão da disciplinarização da AD, Orlandi (Ibid.) ressalta o fato de que, na França, até bem pouco tempo, ela não havia constituído uma disciplina. Segundo a pesquisadora, isto ocorreu porque:

[...] na França, a pesquisa em ciências humanas existe independentemente do ensino na Universidade e no Brasil não. Em nosso caso, ou se tornava uma disciplina acadêmica ou não teria futuro como pesquisa, ou seja, não sairia da fase inicial (ORLANDI, 2002a, p.38).

Com isso, no Brasil, os pesquisadores em AD precisaram deste respaldo institucional, o que, conforme Orlandi (ibid.) ocorre inicialmente na Unicamp, onde a AD se institucionalizou pelo seu ensino enquanto disciplina (tanto em currículos de Graduação como de Pós-Graduação) no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Cabe ressaltar que, até o final da década de 80, poucas eram as opções de formação para quem quisesse trabalhar em AD.

A AD produzida no Brasil desenvolveu-se, tanto que podemos observar que, nestes trinta anos, houve uma mudança significativa em termos de produção de conhecimento neste campo de pesquisa. Nas palavras de Ferreira (2007, p.21), a AD “perdeu um tanto de seu caráter revolucionário, diluiu-se o traço intervencionista, mas preserva sua face aguda questionadora, seu viés corrosivo, capaz de provocar desconforto, instabilidades, resistências...”

No Brasil, a Análise de Discurso é um campo de pesquisas no qual inúmeros trabalhos têm sido produzidos. Para Guimarães (2004, p. 40), “Esta área teve um desenvolvimento muito particular no Brasil, principalmente pelo que se convencionou chamar de AD de linha francesa”. O autor (ibid.) ainda salienta que o desenvolvimento dessa área do saber, em nosso país, está vinculado diretamente à professora Eni Orlandi, pesquisadora essencial na história brasileira da Análise de Discurso.

Filiada às propostas do teórico francês Michel Pêcheux com relação ao enlace dos conceitos de “sujeito”, “língua” e “história” na constituição do discurso, Orlandi produz um trabalho na esteira do pensamento ‘pecheutiano’, apresentando os pilares de sustentação da Análise de Discurso e buscando dar continuidade ao empreendimento de Pêcheux após seu desaparecimento no início da década de 80.

Para Guimarães,

E. Orlandi traz para este campo, entre outras, duas contribuições específicas. A primeira é a formulação de que a questão do sentido diz respeito a uma tensão entre polissemia (os muitos e sempre outros sentidos) e a paráfrase (o dizer o mesmo). A segunda é a consideração de que o sentido não diz respeito ao segmental, mas a que o silêncio significa, e é isto que faz sentido na linguagem (GUIMARÃES, 2002, p.122).

A AD realizada no Brasil possui suas próprias especificidades. Conforme Orlandi (2007a, p. 75), “a ciência da língua não está apartada do território em que se produz, tampouco a AD”. Aqui, a AD não foi afetada por uma divisão imaginária entre escrita (AD europeia) e oralidade (AD americana) (Ibid.). Além disso, embora a análise do discurso político continue em pauta, materialidades discursivas das mais diversas têm sido trabalhadas.

É também por meio de textos da própria Eni Orlandi, precursora da AD no Brasil, que podemos ‘contar’ esta história. Textos como, por exemplo, *Análise do discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil*, que pode ser considerado demarcador de território, apresentado no I Seminário de Análise de Discurso (SEAD)⁴⁴, em que a autora situa-se na fundação da AD brasileira.

Consideramos importante destacar que, atualmente, há diversos grupos de pesquisa em AD espalhados pelo Brasil, bem como várias teses, dissertações e publicações neste campo do saber. A disciplina conta, inclusive, com um Grupo de Trabalho na ANPOLL⁴⁵, o qual no biênio 2008-2010 tem como coordenadora a Prof^a Dr. Maria Teresa Celada (USP – SP) e como subcoordenador o Prof. Dr. José Horta Nunes (UNESP – Rio Preto), possuindo, até agosto de 2008, 112 membros cadastrados⁴⁶.

De acordo com Mariani (2008), se tomarmos a reflexão de Pêcheux e o modo como a teoria foi trabalhada no Brasil, podemos observar que ocorrem desdobramentos conceituais e uma produção intelectual com marcas específicas. Para a autora, “as diferenças no modo de trabalhar o discurso nos dois lados do Atlântico abriram espaço para formulação de novas conceituações e indicaram caminhos metodológicos diversos” (Ibid., p. 49).

Entendemos, com isso, que os percursos de fundação de um saber, de um campo de pesquisa, de uma ciência, são múltiplos, e a constituição da AD no Brasil e, conseqüentemente, em nosso Estado, segue esta mesma premissa.

⁴⁴ Seminário que ocorre a cada dois anos na UFRGS e que está em sua 4ª edição.

⁴⁵ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística.

⁴⁶ Fonte: <http://www.anpoll.org.br/site/gts/index.php#>. Acesso em 20 out. 2009.

Para Nunes (2008, p. 120):

[...] as próprias teorias linguísticas não estão fora do político, embora em alguns casos elas neguem a política. Assim, ao fazer história das ideias linguísticas, estamos lidando com diferentes formas de política linguística que se apresentam nas teorias, nos instrumentos linguísticos, nas instituições, nas formas de autoria.

As posições teórico-metodológicas que vão se delineando no interior das grades de conteúdos programáticos levam a AD como disciplina a ser ressignificada, ser designada de forma outra, escapando do controle do que pode ou não ser dito.

Tentando controlar sentidos, interpretações, a partir de um ato político de controle sobre o que 'pode' ser dito em determinada instituição, a disciplina é renomeada, para não mais significar daquela forma não desejada. Ao ser renomeada, uma disciplina vai assumindo diferentes designações, o que permite uma constante e ininterrupta 'construção/desconstrução discursiva' (Indursky, 1999) do que é entendido como AD no programa da instituição.

Nos trajetos que percorremos para conhecermos seu processo de disciplinarização, no Brasil, não encontramos uma única AD, pois ao ser nomeada em cada instituição, ela significa de maneira diferente, tomando para si uma designação específica. E são estes caminhos, estes trajetos que fazem esta disciplina significar e ressignificar que nos interessam em nossas pesquisas. Podemos afirmar que, no Brasil, esta disciplina constrói dispositivos teóricos e de análise próprios.

Cabe salientar que consideramos os estudos em AD relativamente novos se comparados a outras disciplinas, e que muitos pesquisadores ainda estão construindo seu percurso dentro deste campo de estudo. Com isso, queremos propor que a AD, enquanto disciplina, não é um campo do saber estabilizado, normatizado, tal qual inúmeros outros campos que já foram disciplinarizados há décadas em nossas instituições universitárias. A AD está em constante reconfiguração de sua delimitação disciplinar.

PARTE III

DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UMA TEORIA À CONFIGURAÇÃO DE UM CAMPO DISCIPLINAR

4 A ANÁLISE DE DISCURSO NO RS

Bethania Mariani, no texto intitulado *Uma Análise do Discurso Desejante*⁴⁷, ao abordar o uso da expressão ‘a análise do discurso’, remete-a a um sentido opaco devido à multiplicidade de trabalhos que hoje, no Brasil, abrigam-se sobre esta égide. No dizer de Mariani:

[...] essa super-utilização de um nome próprio designando, aparentemente, um campo específico de produção do saber apaga fortes diferenças teóricas que sustentam distintos modos de conceber e analisar a língua, a produção de sentidos, a historicidade e o sujeito (2008, p. 43).

Para tratarmos do uso dessa nomeação “Análise de Discurso” nos Programas de Pós-Graduação por nós estudados, primeiramente apresentaremos uma descrição detalhada do corpus que configuramos para esta pesquisa (que já havíamos apresentado de forma sucinta no início deste trabalho).

Este corpus foi constituído a partir do recorte que realizamos em nosso arquivo composto por documentos fornecidos pelos programas de Pós-Graduação em Letras da PUC/RS⁴⁸ e da UFRGS, os quais provêm de programas das disciplinas e diários de classe. Tivemos acesso a dezenove cadernos de chamada (com conteúdos programáticos) e a dois programas de disciplinas com referências bibliográficas por meio do PPGL da PUCRS. Já no que concerne ao PPGL da UFRGS, nosso arquivo é constituído de dois relatórios anuais de curso e dezesseis grades de horários em que constavam as disciplinas ofertadas em cada semestre letivo.

Inicialmente, apresentamos o Quadro 02, constituído a partir de consulta na grade curricular dos programas de Pós-Graduação da PUCRS e da UFRGS, no qual

⁴⁷ Texto apresentado no 1º JIED, na Universidade Estadual de Maringá, em mesa intitulada “O que quer e o que pode a Análise do Discurso Brasileira” e publicado no livro **O Discurso: nos domínios da linguagem e da história** (2008).

⁴⁸ O Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da PUCRS foi criado em 1969, pelo Conselho Universitário da Universidade, sob a denominação de Curso de Pós-Graduação em Letras. Em 1970, foi instalado o Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras (CPGLL), com a atribuição de implantar o Programa de Mestrado no Instituto de Letras e Artes (ILA), hoje Faculdade de Letras (FALE). (Conforme dados disponíveis em: <http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/faleppg/ppgl/ppglApresentacao#historico>).

destacamos o ano do primeiro programa a que tivemos acesso em cada uma das instituições pesquisadas e, que por isso, neste momento, estamos tomando como a data em que ela foi disciplinarizada em cada uma das instituições.

Também destacamos os professores e pesquisadores que ministraram a disciplina, conforme tais programas. Vejamos o Quadro a seguir:

PUCRS	UFRGS
<p>Ano de Criação do curso de doutorado: 1977</p> <p>Disciplina: Análise do Discurso Ano: 1987 Professora: Leci Barbisan</p>	<p>Ano de Criação do curso de doutorado: 1991</p> <p>Disciplina: Teoria da Análise do Discurso Ano: 1996 Professora: Freda Indursky</p> <p>Disciplina: Fundamentos da Análise do Discurso Ano: 1996 Professora: Maria Cristina Leandro Ferreira</p>

Quadro 02: Disciplinarização da AD.

No Quadro 02, também apresentamos a data da criação do curso de doutorado nas referidas instituições, porque entendemos ser importante destacar as condições de produção em que a AD é disciplinarizada (a história do curso, o trajeto de formação deste curso), isto é, os fatores que possibilitaram a inserção desta disciplina nestes cursos específicos.

Faz-se necessário, neste momento, apresentarmos alguns dados e fatos a respeito dos Programas de Pós-Graduação em Letras da PUCRS e da UFRGS, pois são estas duas instituições que, conforme já colocamos anteriormente, primeiro oferecem curso de doutorado em Letras no Rio Grande do Sul.

O curso de pós-graduação em Linguística e Letras da PUCRS foi criado no início da década de 70 e, no ano de 1977, foi implantado o curso de doutorado, nas áreas de Linguística Aplicada e Teoria da Literatura. Desde sua implementação, já foram formados na instituição mais de duas centenas de doutores, número significativo que serve para reafirmarmos a importância do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS no cenário acadêmico gaúcho.

Como já colocamos anteriormente, constituímos nosso arquivo com o objetivo de entendermos como se dá a disciplinarização da AD na PUCRS. Para tanto, realizamos uma análise de documentos provenientes deste processo (nosso arquivo, relativo à PUCRS, é formado por um montante de 19 diários de classe que apresentam os programas de disciplinas relacionadas ao campo do saber da Análise de Discurso e dois programas de disciplina).

Como salientado no Quadro 02, a AD já está presente nas grades curriculares da instituição no ano de 1987, e é ministrada até o ano de 2004 (período em que esta disciplina configura-se de diversas maneiras e recebe diferentes designações).

Destacamos que, em todos os programas aos quais tivemos acesso, o nome que figura como sendo da professora titular da disciplina é o da Prof.^a Dr. Leci Borges Barbisan. Esta professora ingressou nos quadros funcionais da PUCRS no ano de 1970, porém só assumiu uma cadeira no programa de Pós-Graduação da instituição no ano de 1985.

Na década de 80, ao percorrermos o arquivo de teses defendidas na área de Letras, na PUCRS, podemos observar um constante crescimento dos estudos discursivos nos resumos de teses disponíveis *online*, o mesmo ocorrendo com as grades curriculares desta instituição.

A professora Leci, que inicia neste período suas atividades docentes no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, é orientadora de inúmeras teses que priorizam os estudos discursivos nesta década na PUCRS⁴⁹. Este desenvolvimento culmina com o aparecimento da nomeação Análise do Discurso nas grades curriculares no ano de 1987, isto conforme dados presentes nos ementários do PPGL.

De acordo com os programas e ementários encontrados nos arquivos do PPGL da PUCRS, é a Prof.^a Leci Barbisan quem ministra, no ano de 1987, nesta instituição, a

⁴⁹ Por meio de um levantamento realizado no portal da instituição (PUCRS), no qual consultamos as teses de doutorado defendidas entre o ano de 1987 – 2002 (este recorte temporal foi realizado com base nos programas por nós levantados, nos quais se verifica que a disciplina AD, na PUCRS, foi ministrada entre o período de 1987 e 2001), pudemos observar que Barbisan foi a orientadora da maioria de teses que utilizam a AD como aparato teórico (na instituição), totalizando um montante de 18 teses defendidas, dentre as mais de quarenta teses orientadas pela pesquisadora.

disciplina intitulada Análise do Discurso, e inicia orientações de inúmeras teses defendidas (na PUCRS) que utilizam como pressuposto teórico a Análise de discurso.

Consideramos importante trazeremos alguns dados já apresentados em nossa dissertação, os quais, neste momento, colaboram para a compreensão do processo de disciplinarização da AD no RS, pois trazem à tona as temáticas desenvolvidas por estes doutores, bem como, em muitos casos, apresentam o recorte teórico (seleção de conceitos e autores) por eles utilizados na escrita de seus trabalhos, o que, para nós, de alguma forma, representa a configuração do que era destacado, priorizado nos estudos em AD, em um primeiro momento.

Em nossos trabalhos anteriores (Martins, 2008, 2010), apresentamos dados nos quais podemos observar que Barbisan foi a orientadora da maioria de teses que utilizam a AD como aparato teórico na PUCRS. Interessa-nos apresentar, aqui, um recorte referente ao montante de dezoito teses orientadas por esta professora entre o período de 1990 e 2002. Este recorte temporal foi realizado com base nos programas por nós levantados, nos quais se verifica que a disciplina AD, na PUCRS, foi ministrada entre o período de 1987 e 2001. Cabe ressaltarmos que o critério utilizado para a seleção das teses de doutoramento como objeto da pesquisa foi o de que seus autores, em sua grande maioria, estão inseridos em instituições universitárias gaúchas e estão formando novos pesquisadores.

Realizamos um levantamento de títulos e resumos das teses orientadas pela professora Leci Barbisan, e observamos que nove delas apresentam em seus resumos e/ou títulos elementos que as inscrevem no domínio disciplinar da AD. Vejamos o Quadro 03, a seguir:

01	Formações Discursivas da Classe Operária Brasileira Na Primeira República. (1993) - Caracterização das formações discursivas e suas transformações nos segmentos operários e lideranças sindicais do país durante uma década e meia de Primeira República (1889-1915), através de artigos coletados no Centro de Memória Sindical do País e no Arquivo Histórico Edgar Levenrolh – Unicamp, com base na teoria da enunciação e análise do discurso.
02	Na Inconsistência do Humor, O Contraditório da Vida; O Discurso Proverbial e O Discurso de Alterações (1994) - Estudo da compreensão do funcionamento discursivo de provérbios e de suas alterações com finalidade humorística, nos textos do Barão de Itararé, com base na teoria da análise do discurso.

03	O Povo Cala e Fala; O Discurso do Samba-Enredo de 1964/65 A 1989/90. (1995) Estudo da formação discursiva carnavalesca através do samba-enredo carioca, durante o período de vigência do sistema político introduzido em 1964.
04	Discurso e relações de gênero: sob o signo da contradição, o rompimento com o senso comum e a instauração do sentido/outro (1999) - Estudo do funcionamento do chamado discurso de gênero, através da análise de anúncios publicitários sobre a figura feminina, integrando os campos teóricos da análise do discurso de tendência francesa, a teoria dialógica da enunciação de Mikhail Bakhtin e as teorias de gênero.
05	A presença do outro no um; um exercício de análise em canções de Chico Buarque (1999) - Estudo da construção do sentido no discurso em um <i>corpus</i> constituído por canções de Chico Buarque, levando em conta a dimensão do desejo como constitutiva do sujeito, segundo a terceira época da análise do discurso de Michel Pêcheux.
06	O discurso do predador: uma análise discursiva de contos de João Simões Lopes Neto (2002) - Análise da questão do trabalho, no quadro do imaginário da população de Pelotas-RS, com base na Análise do Discurso, em articulação com a história, a psicanálise e a neo-escolástica.
07	O mesmo e o outro: a constituição dos sentidos na articulação entre lingüística e psicanálise (2002) - Discussão da inter-relação entre as teorias de F. Saussure, S. Freud. e J. M. Lacan, na tentativa de encontrar uma possível solução ao limite teórico da Análise do Discurso que Pêcheux sugere seja superado mediante a passagem do estudo do discurso para a língua.

Quadro 03: Resumos de tese com base em AD.

Ao lermos o Quadro 03, observamos que apenas uma tese tem explicitado em seu resumo a filiação teórica exclusiva em AD. As demais ou apresentam esta filiação incluindo, também, em seus pressupostos teóricos, outras teorias, ou não explicitam nos resumos a filiação teórica em AD. Entretanto, essas que não dão visibilidade em seus resumos à designação AD trabalham com conceitos basilares da disciplina, como, por exemplo, ‘formação discursiva’ e ‘discurso’, os quais são conceitos recorrentes nos programas da disciplina da AD na PUCRS.

Cabe ressaltar que estes dados foram retirados da página da PUCRS no ano de 2007 e também do Currículo Lattes dos autores das teses. Ao realizar pesquisa na página da universidade⁵⁰ no ano de 2011, encontramos a relação de teses defendidas na PUCRS, nas quais constam todas estas citadas no quadro acima, juntamente com a designação: “Doutorado em Letras (Lingüística Aplicada)”. Já nos Currículos Lattes, que são de responsabilidade dos próprios pesquisadores, os dados referentes à tese (área de pesquisa em que se situam) continuam os mesmos.

⁵⁰ Ver: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/pesquisa/pesquisa/artigo12link3.html>. Acesso em nov. 2011.

Durante nosso percurso analítico, outro elemento fundamental foi a Plataforma Lattes, por meio da qual acessamos o currículo dos doutores que produziram as teses relacionadas no quadro anteriormente citado e pudemos encontrar informações pertinentes para o nosso trabalho, como, por exemplo, as palavras-chave que os mesmos incluíram ao referirem-se as suas teses e também às Áreas ou Especialidades que eles se consideraram inclusas no momento de produção das teses.

Destes sete doutores, cinco classificam sua tese na especialidade Análise do discurso. Quanto à subárea, alguns se colocam na Linguística Aplicada e outros em Teoria e Análise Linguística. Buscamos recorrências, nas palavras-chave de seus trabalhos, citadas por estes pesquisadores, para sabermos quais são as noções da AD que são mobilizadas pelos doutores formados pela PUCRS. Dentre as palavras-chaves mais citadas, encontramos: discurso (06 vezes), sentido (02 vezes), sujeito (02 vezes).

Na Figura 02, a seguir, apresentamos o nome de doutores que, orientados pela Prof.^a Leci, escreveram suas teses voltadas aos estudos discursivos e também que, naquele momento de escritura, entre outros conceitos e teorias, trabalharam com conceitos da Análise de Discurso de linha francesa.

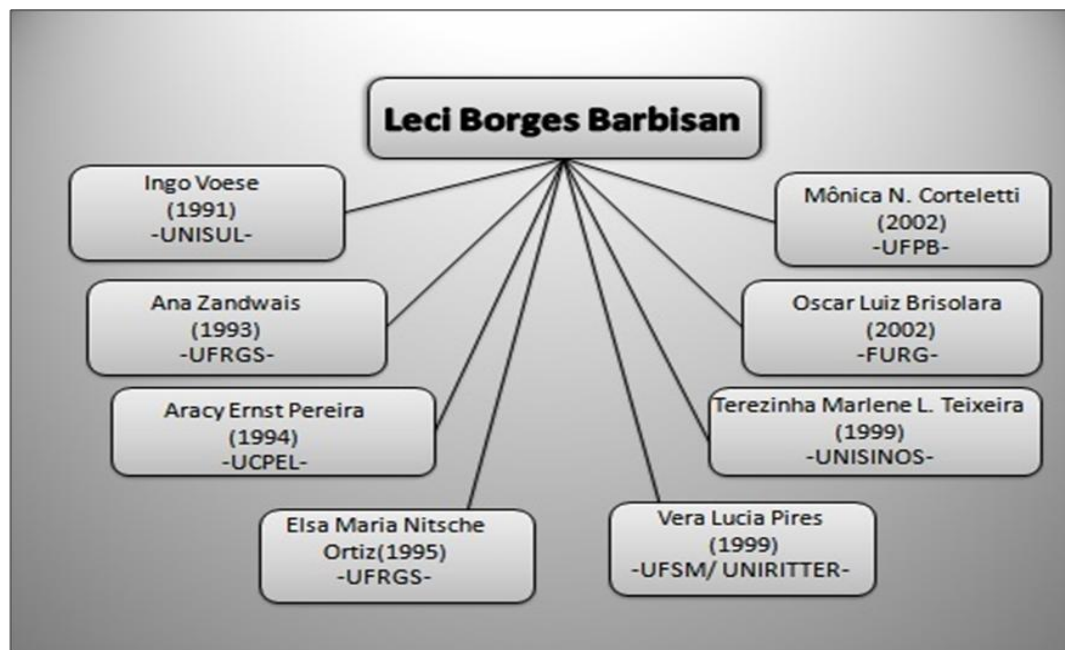


Figura 02: Doutores formados na PUCRS.

Dos doutores apresentados na Figura 02, dois não atuam no Estado do RS, sendo eles: Mônica Nóbrega, que já ministrou a disciplina de AD e, atualmente, tem trabalhado temas como psicanálise lacaniana, linguística saussuriana, produção de sentidos, sistema, discurso e sujeito, e Ingo Voese, que fez pós-doutorado na Unicamp e continua trabalhando com AD, ministrando disciplinas e coordenando grupos de pesquisa. Com relação ao resumo de tese do professor Voese, este não está apresentado no Quadro 03 por não apresentar em seu texto a nomeação análise de discurso.

Vejam os Quadros 04, a seguir:

O discurso citado: um estudo do humor político. 1991. 142p. Or.: Leci Borges Barbisan. Estudo sobre a avaliação das condições do exercício da subjetividade no processo de interação comunicativa, para comprovação de que o discurso é um acontecimento único e irrepetível que tem tanto seu sentido como sua forma constituídos através de uma negociação de interlocutores.

Quadro 04: resumo de tese *O discurso citado*.

Optamos, porém, por relacionar o nome do professor Ingo Voese na Figura 02 após consultarmos o Lattes do referido professor e observarmos que este situa sua tese na especialidade Análise do Discurso.

As professoras Ana Zandwais e Aracy Ernst Pereira têm desenvolvido trabalhos relacionados à AD. Os demais pesquisadores apresentam hoje estudos voltados ao discurso, mas com diferentes abordagens teóricas.

Apresentamos também, no Quadro 05, uma relação de projetos de pesquisa orientados pela professora Leci Barbisan, que, como podemos observar, de alguma forma relacionam-se com os estudos do discurso:

Ideologias subjacentes ao discurso pedagógico: ensino e aprendizagem da língua portuguesa (1991 – 1993):

Descrição: O presente estudo propõe-se a investigar os papéis atribuídos, por instituições das redes de ensino pública e privada, à disciplina de língua portuguesa, com vistas a estabelecer relações entre as condições de produção/recepção e transformação da prática pedagógica de língua materna e os discursos dos docentes da disciplina, discentes, comunidades de pais e alunos, e corpo diretivo de escolas que atendem a diferentes segmentos sociais da cidade de Porto Alegre, pretendendo-se, portanto, analisar as possíveis contradições existentes entre a)

<p>as formações discursivas⁵¹ das comunidades de classes dominantes e dos profissionais responsáveis pela educação e formação lingüística dessas classes; b) as formações discursivas das comunidades de níveis sócio-econômico baixos e dos profissionais responsáveis pela educação e formação lingüística das mesmas.</p>
<p>O discurso pedagógico: a presença do outro (1995 – 1997): <i>Descrição:</i> Este trabalho busca compreender o funcionamento do discurso do modalizado eu acho (que) como marca que explicita, no intradiscurso, a presença do eu como autor de seu dizer e contraditoriamente denuncia as vozes que falam por ele. Esse funcionamento é abordado combinando-se algumas formulações da análise de Discurso de linha francesa com algumas formulações da Psicanálise, buscando articular o lingüístico, o ideológico e o inconsciente no que diz respeito à constituição do sujeito. Acredita-se possível essa aproximação já que os dois campos do conhecimento, embora não apresentem o mesmo objeto de estudo, têm em comum a concepção de que o sujeito não é dono de sua fala. A investigação foi realizada a partir de entrevistas gravadas com a comunidade escolar (diretores, supervisores, professores e alunos) com o objetivo de desvelar as diferentes posições que o sujeito ocupa no discurso pedagógico. São questionamentos da pesquisa: (1) como se verifica a heterogeneidade no discurso pedagógico? (2) como o sujeito se relaciona com outras formações discursivas exteriores à sua? (3) Existe diferença entre a posição que os sujeitos de escolas particulares e públicas ocupam em seus discursos?</p>
<p>O processo de construção da subjetividade: marcas lingüísticas no discurso do neurótico e do psicótico (1996 – 1998): <i>Descrição:</i> O problema deste projeto se constitui na construção de um referencial teórico-metodológico de análise da linguagem a partir da articulação entre a Lingüística enunciativa de Oswald Ducrot e discursiva (de linha francesa) e a Psicanálise freudo-lacaniana em discursos de neuróticos e psicóticos. São objetivos específicos: (1).</p>

Quadro 05: Projetos de pesquisa orientados pela Prof^a Leci Barbisan

Por meio dos dados levantados na PUCRS, podemos afirmar que a história dos estudos do discurso, nesta instituição, está ligada à formação do sujeito-professor-pesquisador, ao modo como ele se inscreve no campo teórico e, principalmente, ao modo como ele contribuiu com a teoria e como se deu sua entrada.

No caso da Professora Leci Barbisan, sua inclusão entre os professores pesquisadores do discurso e, especificamente da AD no RS, ocorre na medida em que, além de participar da fundação desta disciplina na PUCRS, ela orientou um número significativo de teses e dissertações cujos pressupostos teóricos eram os da Análise de Discurso de linha francesa.

Outro fato importante é que, durante o período por nós destacado para a análise dos resumos de teses orientadas pela professora Leci (1987-2002), esta participava da

⁵¹ Grifos nossos.

Linha de Pesquisa intitulada *O Social na linguagem*. Tal Linha, de acordo com a descrição apresentada no Lattes⁵² da referida professora, tem por objetivo desenvolver pesquisas nas áreas do texto, do discurso, da enunciação, da semântica argumentativa, com vistas à teoria e à aplicação no ensino (Palavras-chave: discurso-enunciação, semântica argumentativa).

Na outra instituição por nós pesquisada, a UFRGS, o Curso de Mestrado em Letras foi criado no ano de 1972 e o Curso de Doutorado no ano de 1991. Na década de 1990, houve significativas mudanças nas diretrizes do Programa de Pós Graduação em Letras, e o fato que destacamos foi a divisão do programa em dois cursos, no ano de 1995: *Estudos da Linguagem (áreas de concentração: Aquisição da Linguagem e Teorias do Texto e do Discurso)* e *Estudos de Literatura (áreas de concentração: Literatura Brasileira, Literatura Comparada, Literaturas Francesa e Francófonas e Literaturas de Língua Inglesa)*, em níveis de Mestrado e Doutorado.

Embora ainda no ano de 2001 tenha ocorrido outra reformulação no Programa⁵³, focalizamos a mudança ocorrida em 1995, pois é neste ano que é criada no curso de Estudos da Linguagem a especialidade intitulada *Teorias do texto e do discurso*, efetivamente implementada nos ementários do PPGL no ano de 1996. Vejamos a grade de horários em que aparecem as disciplinas ofertadas para os estudantes de Pós-Graduação desta linha de pesquisa no ano de 1996:

⁵² Fonte: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=B098644>. Acesso em: 20 jan.2008.

⁵³ Foram criadas mais duas áreas de concentração no Curso de Estudos da Linguagem: *Teoria e Análise Linguística e Linguagem no Contexto Social*, em níveis de mestrado e doutorado.

HORÁRIO PARA 1996 - PRIMEIRO SEMESTRE				
CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM				
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã 09 horas <u>Fundamentos da Análise do Discurso</u> Profa. Maria Cristina L. Ferreira 04 Créditos Sala: G214	manhã	manhã
	tarde	tarde 13h30min <u>Semântica argumentativa</u> Profa. Ana Zandwais 04 Créditos Sala: 204	tarde 13h30min <u>Teoria do Texto</u> Prof. Paulo Guedes 04 Créditos Sala: 117 <u>Teoria da Análise do Discurso</u> Profa. Freda Indursky 04 Créditos Sala: 211	tarde 14 horas <u>Linguística Geral</u> Profa. Margarete Schlater 04 Créditos Sala: 204

HORÁRIO PARA 1996 - SEGUNDO SEMESTRE				
CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM				
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã <u>Teoria da Análise do Discurso</u> Profa. Maria Cristina Leandro Ferreira 04 Créditos 8h30min - Sala 233B	manhã	manhã
	tarde	tarde <u>Pragmática: Enunciação e Sentido</u> Profa. Ana Zandwais 04 Créditos 13h30min - Sala 208 Início: 17/09	tarde <u>Leituras Dirigidas: Aspectos Metodológicos da Análise do Discurso</u> Profa. Freda Indursky 02 Créditos 13h30min - Sala 204 Encontros quinzenais Início: 18/09/96	tarde

Figura 03: Grade de horários⁵⁴ PPGL/UFRGS – 1996.

⁵⁴ Cópia do original, fornecida pela secretaria do PPGL/UFRGS.

Podemos observar na Figura 03 a oferta de duas disciplinas que, pela sua nomeação, relacionam-se ao campo do saber da AD. São elas: Fundamentos da Análise do Discurso e Teoria da Análise do Discurso.

No primeiro semestre de 1996, a disciplina Fundamentos da Análise do Discurso é ministrada pela professora Dr. Maria Cristina Leandro Ferreira⁵⁵. E, a disciplina Teoria da Análise do Discurso tem como professora a Dr. Freda Indursky⁵⁶.

As professoras Freda Indursky e Maria Cristina Leandro Ferreira são as duas pesquisadoras que, na UFRGS, primeiro ministraram a disciplina nomeada Análise de Discurso, conforme dados fornecidos pelo programa. Como já dito anteriormente, estas duas professoras apresentam uma ligação direta de filiação com Eni Orlandi, estando elas relacionadas entre os primeiros doutores formados pela mesma na Unicamp.

Considerando isso, a partir do que formulamos em outro momento de nossa pesquisa (na escrita de nossa dissertação), delineamos um quadro analítico em que se pode observar os doutores formados por elas na instituição, e o local em que estes atuam. Isto porque, como já dissemos anteriormente, entendemos ser esta uma informação pertinente neste trabalho para que possamos refletir sobre como a disciplinarização da AD realizada em um curso de Pós-Graduação específico ramificasse para outras instituições e, em alguns casos, influencia no que é trabalhado e pesquisado nestas instituições, no que diz respeito a esta disciplina especificamente e, também, nos estudos da Linguagem.

Neste momento de nossa pesquisa, atualizamos o quadro que havia sido constituído no ano de 2007, e acrescentamos o nome da professora Ana Zandwais, que, no ano de 1993, defendeu sua tese de doutorado (sob a orientação da professora Leci Barbisan), a qual tem como pressupostos teóricos a Teoria da Enunciação e a Análise de Discurso. Pois, embora não tenha ministrado disciplina nomeada Análise de

⁵⁵ Que há dois anos (1994) havia concluído sua tese de doutorado intitulada: *A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambiguidade ao equívoco*, na Unicamp, sob a orientação de Eni Orlandi.

⁵⁶ Que no ano de 1992 defendeu sua tese de doutorado intitulada. *A Fala dos Quartéis e Outras Vozes - Uma Análise do Discurso Presidencial da Terceira República Brasileira*, também na Unicamp e sob a orientação de Eni Orlandi.

Discurso⁵⁷, a referida professora, no decorrer dos anos, nesta instituição, ministra disciplinas que têm como pressuposto teórico a AD, bem como possui vasta produção na área, e orientou, no período por nós estudado, teses que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da AD em nosso Estado.

Vejamos a Figura 04, a seguir:

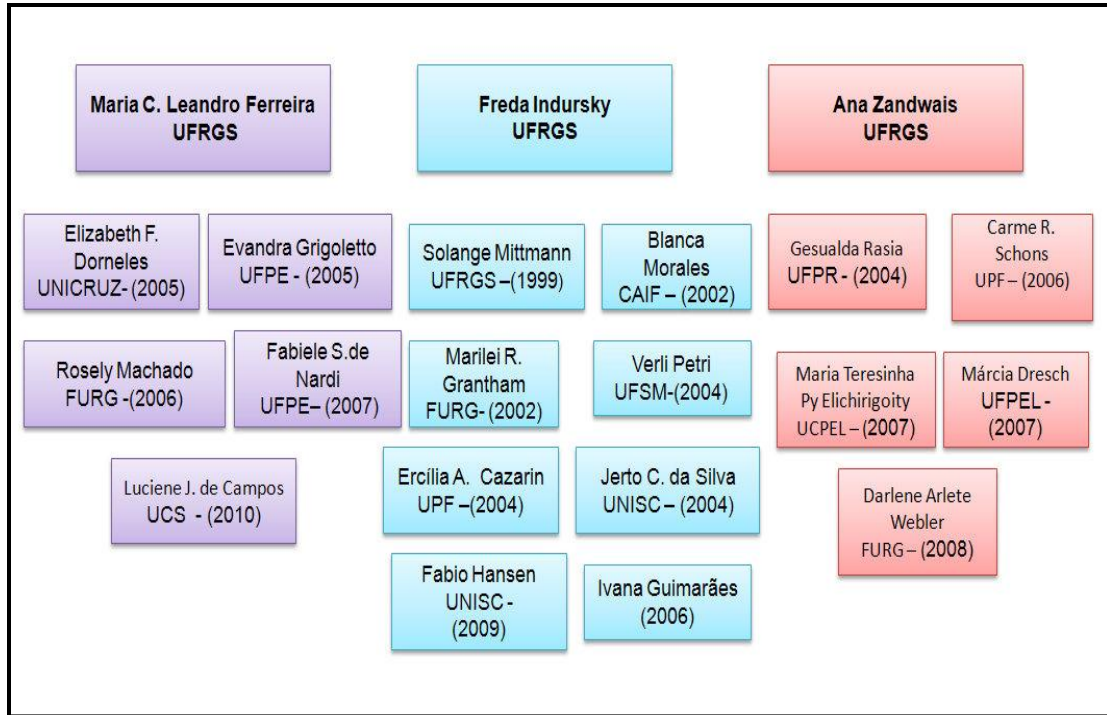


Figura 04: Teses defendidas na UFRGS entre os anos de 1999-2009⁵⁸.

Na Figura 04, podemos observar que foi uma orientanda da professora Freda Indursky, no ano de 1999, a primeira doutoranda a defender tese após a disciplinarização da AD no Programa de Pós-Graduação nesta instituição. A referida tese, que é de autoria da prof^a Dr. Solange Mittmann, tem por título *O processo tradutório: uma reflexão à luz da Análise do Discurso*.

A prof^a Dr. Solange Mittmam leciona atualmente disciplinas relacionadas à AD no PPGL da UFRGS, já formando pesquisadores na área (alunos de iniciação científica e

⁵⁷ A professora Zandwais, ministra no ano de 1996, por exemplo, na UFRGS as disciplinas Semântica Argumentativa (primeiro semestre) e Pragmática: enunciação e sentido (segundo semestre).

⁵⁸ Figura montada a partir de dados coletados no Currículo Lattes das professoras Freda Indursky e Maria Cristina Leandro Ferreira. Acesso em 26 nov. 2007.

mestrado). Outras três doutoras formadas sob a orientação da professora Dr. Freda Indursky, Marilei F. Grantham⁵⁹, Ercilia Ana Cazarin⁶⁰ e Verli Petri continuam trabalhando questões referentes à AD e também formando novos pesquisadores em outras instituições universitárias do RS (nomes apresentados na Figura 04), além de possuírem significativa produção na área.

O mesmo ocorre com as quatro doutoras formadas na UFRGS sob a orientação da professora Maria Cristina Leandro Ferreira. Todas atuam em instituições de ensino superior no país, sendo elas: Elizabeth Fontoura Dorneles, Evandra Grigoletto, Rosely Diniz da Silva Machado e Fabiele Stockmans De Nardi, as três primeiras orientandas de mestrado da prof^a Maria Cristina.

A professora Ana Zandwais ingressa nos quadros funcionais da UFRGS no ano de 1994 e, no ano de 1995, já começa a ministrar disciplinas no Curso de Pós-Graduação. Sua primeira orientanda a defender dissertação é a professora Carme R. Schons, que, posteriormente, no ano de 2006, também defendeu sob sua orientação a tese de doutorado intitulada: *Adoráveis Revolucionários. Produção e Circulação de Práticas Político-Discursivas no Brasil da Primeira República*.

A primeira orientanda da professora Ana Zandwais a defender tese de doutorado, como podemos observar na Figura 04, foi a professora Gesualda dos Santos Rasia, no ano de 2004. O título do trabalho de tese da professora Rasia, que atualmente é professora da UFPR, é *Os Discursos Sobre Língua e Ensino no Brasil da 1ª e da 2ª República: o duplo lugar da determinação e da contradição*.

4.1 As Formações Imaginárias na constituição/institucionalização de uma disciplina

⁵⁹ Sua tese recebeu o prêmio Anpoll 2006, concedido pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística.

⁶⁰ Prof^a Dr. Marilei F. Cazarin e Prof^a Dr. Ercilia Ana Cazarin foram orientandas de mestrado e doutorado da prof^a Freda Indursky.

As análises feitas até o momento nos levaram a perscrutar, nos Programas de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e da PUCRS⁶¹, quais são as teorias e os conceitos mobilizados no interior dos programas de disciplinas designados como Análise de Discurso. Isto nos provocou a refletir sobre que Formações Imaginárias permeavam a produção destes programas, isto é, que escolhas eram feitas, quem e/ou o quê determinava estas escolhas, enfim, quais as condições de produção de tais programas.

Para tanto, buscamos compreender a relação das Formações Imaginárias com/no processo de disciplinarização de uma ciência, em nosso caso, os estudos em AD no Rio Grande do Sul. Isso porque consideramos que elas estão no cerne da tomada de posição do sujeito no discurso, isto é, constituem parte determinante que possibilita ao sujeito realizar uma escolha em detrimento de outra (mas não de forma consciente), assim configurando uma disciplina do modo *x* e não do modo *y* (como, por exemplo, a escolha de conceitos e autores a serem trabalhados, e até mesmo as nomeações e designações das disciplinas).

A noção de Formação Imaginária é essencial para o desenvolvimento de nosso trabalho, pois é ela que regula a organização da disciplina, a sua designação. Conforme Pêcheux (1993), as Formações Imaginárias são o resultado das projeções realizadas pelos sujeitos interlocutores a partir da posição que cada um deles ocupa em determinada situação discursiva. Para o autor:

O que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que se eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro (PÊCHEUX, 1993, p. 82).

No discurso, quem significa não é a pessoa empírica, e sim suas Formações Imaginárias construídas discursivamente. Cabe lembrar, também, conforme Orlandi

⁶¹ Nos arquivos aos quais tivemos acesso, a AD, enquanto disciplina, figura nos programas da PUCRS no ano de 1987 e, nos da UFRGS, em 1996, conforme dados disponíveis nos ementários das referidas instituições.

(2002a, p. 42), que “o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não brota do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa por relações de poder”, o que faz com que em um discurso possamos ter várias imagens significando mutuamente.

Assim, são estas Formações Imaginárias as responsáveis pela forma como uma ciência é disciplinarizada e designada dentro de uma instituição universitária. Então, é por meio dos lugares assumidos pelos sujeitos que vão estar em jogo os sentidos produzidos e, para nós, é a partir desses lugares que o sujeito produz sentidos ao constituir e configurar uma disciplina acadêmica.

De acordo com Petri (2004), em AD, podemos observar o atravessamento das reflexões psicanalíticas e filosóficas, constituindo as noções de imaginário, simbólico e real. Segundo a autora, é possível que, por ser uma disciplina de entremeio,

[...] comporte o que há de mais significativo das outras áreas do conhecimento, mobilizando as noções de imaginário, simbólico e real em prol da compreensão dos processos discursivos que revelam a constituição do sujeito e do sentido (2004, p. 121).

Ainda para Petri,

Além da noção de imaginário, a AD propõe a noção de *Formações Imaginárias* como aquela que viabiliza a efetivação das relações sociais e que têm seu funcionamento garantido no discurso, enquanto um lugar onde se constituem as relações entre a situação(histórico-social) e a posição (ideológica) do sujeito, produzindo determinados efeitos de sentidos e silenciando outros (PETRI, 2004, p. 121).

A partir da referida autora, entendemos que, na/pela ordem do imaginário, podemos investigar o processo de disciplinarização dos estudos do discurso, já que é “constitutiva da tomada de posição de cada sujeito do discurso” (Ibid., p. 138).

Faz-se necessário, também, pensar na noção de Formação Discursiva (FD), domínios de saber que, em uma dada posição, em uma dada formação sócio-histórica, segundo Pêcheux (1995, p.160), vão determinar “o que pode e deve ser dito”. Isto

porque entendemos que é por meio dos lugares assumidos pelos sujeitos que vão estar em jogo os sentidos produzidos em cada um deles, e, para nós, é a partir desses lugares que o sujeito produz sentidos ao constituir e configurar uma disciplina acadêmica.

Conforme aponta Cervo (2008) em sua dissertação, se as FDs são sítios de significância aos quais o sujeito se identifica e dá movimento aos seus processos de subjetivação, “o discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não em outra para ter um sentido e não outro” (Orlandi, 2002a, p.43).

Não nos interessa saber se foi x ou y quem fez isso ou aquilo, mas saber como se dá essa tomada de posição, quais condições sócio-históricas permearam a nomeação dos estudos do discurso no RS, pois a AD, ao ser nomeada em cada instituição, significa de maneira diferente, tomando para si uma designação específica constituída por distintos olhares, que traçam novos caminhos, que fazem esta disciplina significar e ressignificar em um processo sempre contínuo.

Para tanto, consideramos que:

Cada época tem suas normas conceituais a partir das quais os professores efetuem valores teóricos para ensinar. Enfim, cada época tem suas convenções, valores, visões do mundo, formando um certo universo linguístico acadêmico, cujos elementos independentes mantêm entre si relações associativas e funcionais, em constante processo de mudança. (SCHERER, 2005, p.10)

Para compreendermos esse processo, inicialmente, analisamos os dois primeiros programas de disciplina da referente à Análise do Discurso que foram ministrados no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS e cujos estudos do discurso figuram como tema central, procurando observar nessas materialidades como a seleção de autores e, portanto, do conhecimento que produzem, significa politicamente no processo de constituição da disciplina Análise de Discurso. E, ao analisarmos os programas (conteúdos e bibliografias) da AD da PUCRS, consideramos que eles são

produções de sujeitos constituídos ideologicamente em condições históricas específicas (cf. GUIMARÃES, 2004).

Nosso gesto metodológico consistiu em analisar as bibliografias sugeridas nos primeiros programas da disciplina AD no Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS a que tivemos acesso, e verificar quais são as obras e os autores mobilizados.

A primeira nomeação de disciplina que possui os estudos do discurso como eixo central é “Análise de Discurso”. Salientamos que o uso da designação AD passa por recortes teóricos diferenciados tanto no Brasil como na Europa (Dias, 2005, p. 114). Segundo Dias, há pesquisadores que seguem a AD francesa mas não tomam as ideias de Pêcheux como marco teórico. E, no RS, isso não é diferente: uma disciplina, ministrada por uma só professora, dentro de uma só instituição, possui recortes distintos. Vejamos as figuras 05 e 06:



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
 INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
 CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA E LETRAS
 Av. Ipiranga, 6681 — Caixa Postal 1429
 Tel. 36-9400 — Telex (051)3349
 90620 Porto Alegre - RS
 Brasil

DISCIPLINA: Análise do Discurso
 PROFESSOR : Leci Borges Barbisan
 PERÍODO : 1º semestre de 1987

Conteúdos

Conceito de "discurso". Abordagens do discurso: lexicológica, e sintática. A enunciação. A gramática de texto. O texto político. O texto publicitário. A análise de conversações.

Bibliografia

1. BROWN & YULE. Discourse analysis. Cambridge. Cambridge University Press, 1983.
2. CHARAUDEAU, P. Langage et discours. Paris, Hachette Université, 1983.
3. GOFFMAN. La mise en scène de la vie quotidienne. Paris, Minuit, 1973.
4. _____. Les rites d'interaction. Paris, Minuit, 1974.
5. GUESPIN. Types de discours ou fonctionnements discursifs? Langages. Paris, Larousse, 41, mars 1971.
6. GUMPERZ. Discourse strategies. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.
7. KERLEROUX. Le marché, une routine commerciale transformée par le jeu. Langage et société.
8. LEVINSON, S. Pragmatics. Cambridge, Cambridge University Press, 1983.
9. MAINGUENEAU, D. Initiation aux méthodes de l'analyse du discours. Paris, Hachette, 1976.
10. _____. Approche de l'énonciation en linguistique française. Paris, Hachette Université, 1981.
11. MALCOLM, C. & MONTGOMERY, M. Studies in discourse analysis. London, Routledge & Kegan Paul, 1981.

Figura 05: Programa AD PUCRS – 1987 A.

Fonte: Cópia do original fornecido pela secretaria do PPGL/PUCRS.

12. ORLANDI, E.P. A linguagem e seu funcionamento. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
13. PROVOST, G. Approche du discours politique: "socialisme" et "socialiste" chez Jaurès. Langages, Paris, Didier, Larousse, 13, mars 1969.
14. ROBIN, R. História e linguística. São Paulo, Cultrix, 1977.
15. SCHEGLOFF. Sequencing in conversational openings. In GUMPERZ & HYMES, org. Directions in sociolinguistics. New York, Holt Rinehart and Winston Inc., 1972.
16. VAN DIJK, T.A. Gramáticas textuais e estruturas narrativas. In CHABROL, C. et alii, org. Semiótica narrativa e textual. São Paulo, Cultrix, 1977.
17. WATZLAWICK et alii. Une logique de la communication. Paris, Seuil, 1972.

REVISTAS:

1. Langages. Paris, Larousse, 62, juin 1981.
2. Langages. Paris, Larousse, 70, juin 1983.
3. Langages. Paris, Larousse, 71, sept. 1983.
4. Langue Française. Paris, Larousse, 9, fév. 1971.
5. Langue Française. Paris, Larousse, 38, mais 1978.
6. Langue Française. Paris, Larousse, 42, mai 1979.
7. Pratiques. Metz, Université de Metz, 28, oct. 1980.
8. Pratiques. Metz, Université de Metz, 30, juin 1981.
9. Communications. Paris, Seuil, 30, 1979.

Figura 06: Programa AD PUCRS – 1987 A (continuação).

Fonte: Cópia do original fornecido pela secretaria do PPGL/PUCRS.

Nas bibliografias apresentadas nas figuras 05 e 06, temos autores como, por exemplo, Van Dijk, Watzlawick, Schegloff, Levinson, Gumperz, Brown e Yule, Charaudeau, Guespin, entre outros. Tais autores possuem filiações teóricas diversas, mas, a nosso ver, possuem em comum o fato de abordarem a língua por meio de uma questão de uso, isto é, de uma pragmática linguística.

Agora vejamos as figuras 07 e 08:



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
 INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
 CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA E LETRAS
 Av. Ipiranga, 6681 — Caixa Postal 1429
 Tel. 36-9400 — Telex: (051)3349
 90620 Porto Alegre - RS
 Brasil

DISCIPLINA: LECI BARBISAN
 DISCIPLINA: ANÁLISE DO DISCURSO
 PROFESSOR : LECI BARBISAN
 PERÍODO: 1º/1987

PROGRAMA

Sujeito e sentide. Vozes. Polifonia. A ironia.
 O discurso relatado. A heterogeneidade mostrada e a
 heterogeneidade constitutiva. O outro no discurso.

1. AUTHIERZREUVUZ, J. Heterogénéité montrée et hetérogénéité constitutive. DRLAV. 26, 1982.
2. _____, La mise en scene de la communication dans les discours de vulgarisation scientifique. Langue Française 53, fev. 1982.
3. _____, Hétérogénéité(s) énonciative(s), Langages 73, mar 1984.
4. BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo, Hucitec, 1979.
5. _____, Problemas da poética de Dostoienshi. Rio de Janeiro, Forense Universitária 1972.
6. _____, Estética de la creación verbal. México, Siglo Veintiuno, 1982.
7. BENVENISTE, E. Problemas de linguistique générale. Paris, Gallimard, 1966.
8. DUCROT, O. Analyse de textes et linguistique de l'énonciation. In Les mots du discours. Paris, Minuit, 1980.
9. _____, L'argumentation por autorité. In L'argumentation. Presses Universitaires de Lyon, 1981.
10. FIORIN, J.L. O regime de 1964; discurso e ideologia. São Paulo, Atual, 1988.
11. FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
12. _____, L'ordre da discours, Paris, Gallimard, 1971.
13. GARDIN, R. Discours patronal et discours syndical. Language 41, mar. 1976.

Figura 07: Programa AD PUCRS – 1987 B.

Fonte: Cópia do original fornecido pela secretaria do PPGL/PUCRS.

14. GRESILLON, A.& MAINGUENEAU, D. Polyphonie, Proverbe peut en autre. Langages 73, mar. 1984.
15. GUIMARÃES, E. Emenciação, polifonia e argumentação. In texto e argumentação Campinas, Pontes, 1987.
16. GUIMARÃES, E. História e sentido na linguagem. Campinas, Pontes, 1989.
17. KOCH, I.G.V. Argumentação e autoridade polifônica. Letras de Hoje 52, jun. 1983.
18. MAINGUENEAU, D. Genésis du discours, Bruxelles, Pierre Margada, 1984.
19. _____, Novas tendências em análise do discurso. Campinas, Pontes, 1989.
20. ORLANDI, E.P. A linguagem e seu funcionamento. São Paulo, Cortez, 1983.
21. _____, Destruição e construção do sentido (um estudo da ironia). Série Estudos 12. Uberaba, 1986.
22. _____, Discurso e leitura. São Paulo, Cortez, 1988.
23. _____, Ilusões na (da) linguagem. In TRONCA, J.A.org Foucault ao vivo. Campinas, Pontes, 1987.
24. ORLANDI, E.P. GUIMARÃES, E., TARALHO, F; Vozes e contrastes São Paulo, Cortez, 1989.
25. PÊCHEUX, M. Hacia um análisis automático del discurso. Madrid, Cátedra, 1975.
26. _____, Semântica e discurso. Campinas, Editora da Unicamp, 1988.
27. POSSENTI, S. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
28. SIMONIN, J. Les plans d'énonciation dans Berlin Alexanderplatz de Döblin, Langages 73, mar. 1984.
29. TODOROV, T. Mikhaïl Bakhtine, le principe dialogique. Paris, Seuil, 1981.

Figura 08: Programa AD PUCRS – 1987 B (continuação).

Fonte: Cópia do original fornecido pela secretaria do PPGL/PUCRS.

Nas figuras 07 e 08, temos autores como Benveniste, Maingueneau, Authier-Revuz, Pêcheux, Foucault, entre outros. Uma particularidade é que, neste programa, diferentemente do programa apresentado nas figuras 05 e 06, observamos a presença

de pesquisadores brasileiros que trabalham com a problemática do discurso, entre eles, Fiorin, Possenti e Orlandi.

Tanto os programas apresentados nas figuras 05 e 06 quanto nas figuras 07 e 08 possuem uma seleção de bibliografia diferenciada para uma mesma disciplina. Estas observações poderiam fazer emergir outras questões teóricas e/ou analíticas que não trabalharemos nesse momento, mas que nos parecem ser pertinente mencionar.

Elas dizem respeito, por exemplo, a qual política de língua permitiu que determinados autores fossem agrupados em determinado quadro, sendo que ambos apresentam programas que estão sob uma mesma nomeação: Análise de Discurso. Qual a unidade presente entre eles, qual a ligação? Seria o conceito de discurso, o conceito de língua ou qual outro?

Também somos impelidos a refletir sobre questões referentes à exterioridade, como, por exemplo, o fato de que apenas dois textos da obra de Pêcheux haviam sido traduzidos no Brasil antes de 1987, ano este em que a AD é disciplinarizada na PUCRS. Para tanto, vejamos o Quadro 06:

1966: (Sous le pseudonyme de Thomas Herbert), « Reflexions sur la situation théorique des sciences sociales et, spécialement, de la psychologie sociale », Cahiers pour l'analyse, 2, 1966, (p. 174-203). Tradução brasileira em Tempo brasileiro (30/31), 1972, p. 3-36
--

1973: Pêcheux M., Wesselius J., « A propos du mouvement étudiant et des luttes de la classe ouvrière: trois organisations étudiantes en 1968, In : R. Robin (ed.), Histoire et linguistique, Paris, A. Colin, 1973, p.245-260. Tradução brasileira : Adélia Bolle. São Paulo : Cultrix, 1977.

Quadro 06: Relação de textos de Pêcheux traduzidos no Brasil até a década de 80.

São dados e fatos como estes que nos permitem assinalar pistas de como os profissionais que, no Estado do Rio Grande do Sul, primeiro trabalharam com os estudos do discurso⁶², designaram-no e configuraram-no e, com isso, tomaram parte no processo de disciplinarização deste campo do saber. Do mesmo modo, são estes dados e fatos que nos ajudam a compreender como funciona o jogo político que ocorre

⁶² Relacionamos os professores por meio das informações disponíveis nos programas de disciplinas analisados.

neste processo, em nosso caso, na disciplinarização dos estudos do discurso no RS e seus reflexos nas designações das disciplinas (voltadas aos estudos do discurso) nos Cursos de Pós-Graduação em Letras em nosso Estado.

Ao observarmos estes significativos movimentos que ocorreram na configuração da disciplina Análise de Discurso nos dois programas curriculares que apresentamos (ver figuras 05, 06, 07 e 08), tanto referentes aos conceitos mobilizados no interior de seus programas, como na seleção de autores e obras trabalhadas, propomos que as alternâncias ocorridas na designação desta disciplina sejam concebidas a partir da noção proposta por Orlandi (2005) de *variança*, princípio segundo o qual todo texto tem pontos de deriva possíveis, deslizamentos que indicam diferentes possibilidades de formulações.

Ao referir-se à *variança*, Orlandi (Ibid.) coloca que “mesmo que o sujeito repita o mesmo, já é outro texto, outra formulação, mesmo que não mude a posição sujeito em relação à ideologia”. E, para nós, essa *variança* é resultado das Formações Imaginárias que permeiam o sujeito responsável pela configuração da disciplina.

O que une estes autores é a questão da língua, de uma pragmática linguística, de uma questão de uso da língua. Este posicionamento é resultado de um primeiro olhar que lançamos sobre o corpus, com o intuito de tentarmos conhecer a política linguística presente dentro das instituições gaúchas.

Na esteira de Ferreira (2007), perguntamo-nos como se dá a formação do sujeito que ministra esta disciplina, como ele se situa no campo teórico e como se inscreve, que relações estabelecem com outros sujeitos analistas ou outros sujeitos professores de AD. Buscamos, então, observar as tomadas de posição do sujeito professor na configuração da disciplina e, posteriormente, na sua reconfiguração. Para tanto, consideramos o que postula Petri⁶³:

[...] não se trata, aqui, de se pensar num sujeito empírico que tem convicções particulares, mas de compreender que cada tomada de posição resulta das

⁶³ Ao abordar a questão do sujeito lexicógrafo em texto intitulado: *Emergência da Ideologia, da História e das condições de produção no prefaciamento de dicionários*.

relações desse sujeito com as formações ideológicas atualizadas pelos saberes da formação discursiva onde se inscreve prioritariamente (2009, p. 332).

Interessa-nos saber como se dá essa tomada de posição, quais condições sócio-históricas permearam a nomeação dos estudos do discurso no RS, pois entendemos que a AD, ao ser nomeada em cada instituição, significa de maneira diferente, tomando para si uma designação específica, lançando novos olhares, traçando novos caminhos, que fazem esta disciplina significar e ressignificar. Isto pode ser percebido a partir da análise dos programas da próxima instituição por nós pesquisada, a UFRGS.

Nesta instituição, os primeiros programas e ementas que temos acesso datam do ano de 1996⁶⁴, sob três designações: *Fundamentos da Análise de Discurso*, *Teoria da Análise de Discurso e Leituras Dirigidas: Aspectos Metodológicos da Análise do Discurso*.

Ao analisarmos as bibliografias de duas destas disciplinas, verificamos que a AD francesa, com seus teóricos fundadores, está fortemente marcada (Pêcheux, Gadet, entre outros). E também Orlandi, que iniciou os estudos em AD no Brasil, em Campinas. Vide as figuras 09 e 10, a seguir:

⁶⁴ Conforme documentos cedidos pelo PPGL da UFRGS.



Disciplina: **Teoria da Análise do Discurso**

Número de créditos: 04 (60 horas/aula)

Caráter: Específica

Professora: Maria Cristina Leandro Ferreira


EMENTA: Formação ideológica e formação discursiva. A problemática do sentido: sentido literal, processos de significação e efeito de sentido. A questão do sujeito: forma-sujeito, sujeito universal, efeito-sujeito e posição-sujeito. O enunciado discursivo, a seqüência discursiva, o recorte discursivo. Das famílias parafrásticas à heterogeneidade do discurso. O enunciado dividido. O discurso e suas relações com a exterioridade: o pré-construído, o discurso transversal e a memória discursiva.

BIBLIOGRAFIA

- AUTHER, Jacqueline. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive. *DRLAV*, Paris, n.26, 1982.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 19, jul.-dez. 1990.
- COURTINE, Jean Jacques. Analyse du discours politique. *Langages*, n.62, juin 1981.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Petrópolis, Vozes, 1972.
- GADET, Françoise & HAK, Tony (org) *Por uma análise automática do discurso; uma Introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1990.
- HENRY, Paul. Construções relativas e articulações discursivas. *Cadernos de estudos lingüísticos*, n. 19, jul.-dez. 1990.
- INDURSKY, Freda. Polêmica e denegação: dois funcionamentos discursivos da negação. *Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, n. 19, 1990.*
- _____. *A fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso presidencial da Terceira República Brasileira (1964-1984)*. Tese de Doutorado. IEL, UNICAMP, 1992.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, Pontes, 1988.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas, Pontes, 1988.
- ORLANDI, Eni. P. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas, Pontes, 1987.
- _____. *Terra à vista; discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo, Cortez, 1990.

Figura 09: Programa da disciplina Teoria e Análise do Discurso UFRGS 1996.

Fonte: Cópia do original fornecido pela secretaria do PPGL/UFRGS.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Letras

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO**

Disciplina: Leituras Dirigidas: Aspectos metodológicos em Análise do discurso
Número de créditos: 02 créditos
Caráter: Disciplina opcional
Profa: Freda Indursky

PROGRAMA

1. Formação Discursiva
2. Condições de Produção
3. Funcionamento discursivo
4. Universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo
5. Arquivo
6. Constituição do corpus: exaustividade x representatividade
Corpus empírico x corpus discursivo
7. Segmentar x recortar
8. Seqüências discursivas, seqüência discursiva de referência, recortes discursivos

BIBLIOGRAFIA

COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique. *Langages*, n. 62, juin, 1981.

GRANTHAM, Marilei R. *O discurso fabular e sua repetição através dos tempos: na reiteração do mesmo, a presença do diferente*. Dissertação de mestrado. CPG-Letras, UFRGS, 1996.

GUILHAUMOU, Jacques & MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da História. In: ORLANDI, Eni (org.) *Gestos de leitura*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1994.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Tese de doutorado. UNICAMP, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, Pontes, 1989.

MALDIDIER, Denise. O discurso Político e a guerra da Argélia. In: ORLANDI, Eni (org.) *Gestos de leitura*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1994.

ORLANDI, Eni. Segmentar ou recortar. *Série estudos*, n.10, p. 9-26. Faculdade Integrada de Uberaba, 1984.

_____. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas, Pontes, 1987.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. *Vozes e contrastes*. São Paulo, Cortez, 1989.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (org.) *Gestos de Leitura*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1994.

Figura 10: Programa da Disciplina LD: Aspectos Metodológicos em AD.

No ano de 2002, aparece nos programas da UFRGS uma disciplina designada *Leituras Dirigidas: Bakhtin e Análise do Discurso* e, no ano de 2006, a disciplina *Leituras em contraponto: Foucault, Pêcheux, Courtine, Bakhtin*, o que aponta para um

crescente interesse sobre os estudos bakhtinianos e suas interfaces com a AD nesta instituição.

Porém, não poderíamos deixar de mencionar que a AD desenvolvida na UFRGS possui uma relação muito forte com os estudos pecheutianos. No ano de 2003, esta instituição organizou e sediou um significativo evento nacional na área de AD, o *Seminário de Estudos em Análise do Discurso* (SEAD). Este primeiro SEAD foi nomeado *Pêcheux e a AD: uma relação de nunca acabar*.

No texto de abertura⁶⁵ do evento, a professora Maria Cristina Leandro Ferreira, além de relatar as condições de produção do mesmo, salienta a permanência e a expansão dos estudos em AD ligados à figura de Michel Pêcheux. Em suas palavras,

Desejar, conceber e organizar este 1º Seminário de Estudos em Análise e Discurso (I SEAD), **aqui em Porto Alegre**⁶⁶, envolveu um grupo de analistas de discurso, entre professores e alunos, em torno de um projeto, não só de pesquisa, mas também de vida, de militância e de resistência teórica e política. E Michel Pêcheux é o nome que está no centro de toda essa preparação, determinando-a e impulsionando-a. Precisamente 20 anos após seu desaparecimento, Michel Pêcheux continua, aqui no Brasil, e para muitos de nós, cada vez mais presente, seu nome cada vez mais citado e sua teoria cada vez mais influente, refletindo e ressoando os constantes embates materializados pela relação entre a língua, a história e o sujeito (FERREIRA, 2003, p. 01).

No trecho supracitado, Ferreira coloca que Pêcheux é o nome que está no centro da preparação do evento, que é em torno de seu nome que a organização pensou e concebeu o SEAD, frisando ainda o local, Porto Alegre. A professora (Ibid.) é, ainda, enfática ao afirmar que é o nome de Pêcheux que mobiliza os estudos em AD no Brasil, que seus estudos estão cada vez mais presentes no país.

Assim, tendo como suporte a afirmação da professora Maria Cristina Leandro Ferreira, a análise de bibliografias, a formação e produção teórica das professoras que ministram as disciplinas de AD na UFRGS, podemos afirmar que a AD realizada no RS hoje, via UFRGS, tem filiações na teoria histórico-materialista de M. Pêcheux.

⁶⁵ Texto disponível em <http://spider.ufrgs.br/discurso/evento/extra/apresentacao.pdf>.

⁶⁶ Grifo nosso.

Pois, como já salientamos no início da escrita de nossa tese, compreendemos que são os sujeitos professores/pesquisadores/orientadores que configuram a disciplina nas instituições universitárias do RS. São eles que, ao se filiarem à teoria *x*, ao autor *y*, ao selecionarem bibliografia *z* e, principalmente, ao nomearem a disciplina, vão trilhando novos caminhos, novas interpretações.

4.2 A configuração de um campo disciplinar: relações de aproximação e diferenças

Ao analisarmos os programas das disciplinas dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da PUCRS e da UFRGS apresentados no item anterior, sentimos a necessidade de abordarmos a história dos estudos do discurso no Rio Grande do Sul (RS) e a sua relação com os estudos do filósofo linguista francês Michel Pêcheux e do pensador russo Mikhail Bakhtin. Isto porque observamos, tanto nos resumos de tese da PUCRS (Quadro 03) e bibliografias da disciplina desta instituição (figura 07), quanto em disciplinas ministradas no Curso de Pós-graduação da UFRGS (Figuras 09 e 10), a presença dos Estudos Bakhtinianos.

Na UFRGS, por exemplo, a professora Ana Zandwais coordena, desde 2007, um projeto intitulado *Mikhail Bakhtin: contribuições para os estudos semânticos e discursivos*, que tem por objetivo “investigar, a partir de pressupostos de linguagem, sentido e ideologia de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, como os conceitos propostos na obra bakhtiniana determinam os estudos semânticos e discursivos da atualidade⁶⁷”.

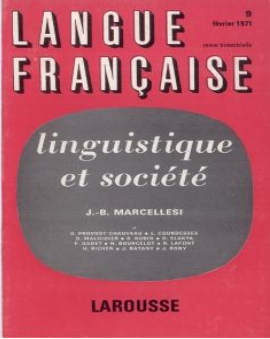

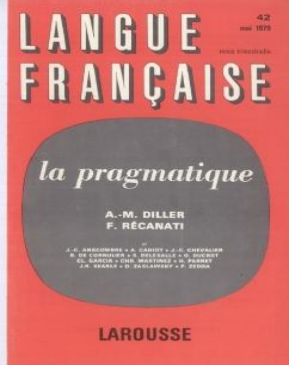
Tendo em vista que “A análise de discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2003, p. 26), buscamos nos arquivos fatos e acontecimentos que nos permitam saber como as ideias desses teóricos emergem e circulam nas instituições de ensino superior gaúchas.

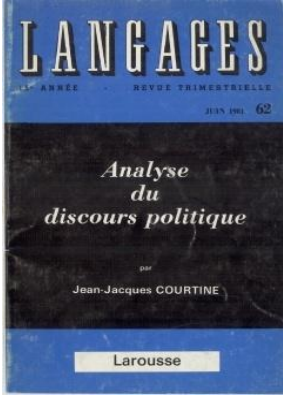

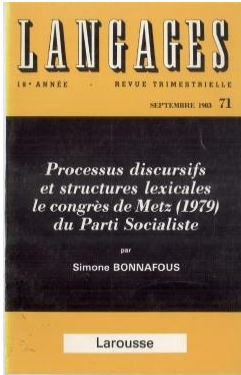
⁶⁷ Informação retirada do currículo lattes da professora Ana Zandwais. Ver: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=P274928>. Acesso em: 09 out. 2011.

Essas análises nos levaram a refletir sobre qual o lugar de Pêcheux e de Bakhtin nos estudos de AD no RS. Para tanto, trazemos novamente à tona os primeiros dois programas da PUCRS analisados, que são do ano de 1987 (ano da disciplinarização da AD na instituição). Vide figuras 05, 06, 07 e 08.

Nessas materialidades (programas e bibliografias), conceitos como enunciação, polifonia, vozes e heterogeneidade, tratados na obra de Bakhtin, fazem-se presentes, bem como um tópico referente ao 'conceito de discurso'. Ambos os programas apresentam (AD 1987a e AD 1987b), além do conteúdo a ser trabalhado, uma bibliografia da disciplina e uma bibliografia complementar. Na bibliografia referente ao programa '1987b', observamos a presença de três obras do autor (**Problemas da Poética de Dostoiévski, Marxismo e Filosofia da Linguagem e Estética da Criação Verbal**), conforme podemos ver nas figuras 07 e 08.

Já Pêcheux aparece com duas obras, **Semântica e Discurso** e **Por uma Análise Automática do Discurso**. Destacamos também que, das diversas revistas apresentadas nas bibliografias, apenas a *Langages* nº 62, de junho de 1981, intitulada *Analyse du discours politique*, possui um texto deste autor (*L'étrange miroir de l'analyse de discours*). Vide Quadro 07:

<p>Langue française. Vol. 9 N°1. Linguistique et société. Ano : 1971</p> 	<p>Langue française. Vol. 38 N°1. Enseignement du récit et cohérence du texte Ano : 1978</p> 	<p>Langue française. Vol. 42 N°1. La pragmatique Ano : 1979</p> 
<p>J.-B. Marcellesi - <u>Présentation</u> <u>Discours et politique</u>. G. Provost- Chauveau <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Problèmes théoriques et</u> <u>méthodologiques en analyse du</u> <u>discours</u>. L. Courdresses ▶ <u>Blum et Thorez en mai 1936 :</u> <u>analyses d'énoncés</u>. D. Maldidier ▶ <u>Lecture des discours de De</u> <u>Gaulle par six quotidiens</u> <u>parisiens : 13 mai 1958</u>. R. Robin ▶ <u>Histoire et linguistique :</u> <u>premiers jalons</u>. D. Slakta ▶ <u>L'acte de « demander » dans</u> <u>les « Cahiers de doléances »</u> <p><u>Langue et groupes sociaux</u> F. Gadet <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Recherches récentes sur les</u> <u>variations sociales de la langue</u> H. Bourcelot <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>L'Atlas linguistique et</u> <u>ethnographique de la</u> <u>Champagne et de la Brie et les</u> <u>limites linguistiques</u>. R. Lafont <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Un problème de culpabilité</u> <u>sociologique : la diglossie franco-</u> <u>occitane</u> Ulrich Ricken ▶ <u>Le vocabulaire de la</u> <u>classification sociale dans la</u> <u>littérature française</u> J. Batany, J. Rony <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Idéal social et vocabulaire des</u> <u>statuts (« Le Couronnement de</u> <u>Louis »)</u> ▶ <u>Linguistique et groupes</u> <u>sociaux</u> </p> </p>	<p>J. Peytard <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Le récit des écoliers (enjeux</u> <u>d'une pratique)</u>. M. Charolles ▶ <u>Introduction aux problèmes</u> <u>de la cohérence des textes</u> C. Nique, C. Lelièvre <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Le texte écrit d'élève :</u> <u>production d'un sujet, ou</u> <u>produit de déterminations ?</u> J.-F. Halté, A. Petitjean <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Lire et écrire en situation</u> <u>scolaire</u> B. Combettes <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Thématisation et progression</u> <u>thématique dans les récits</u> <u>d'enfants</u> F. Fillol, J. Mouchon <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Approche des notions de</u> <u>cohérence et de cohésion sur</u> <u>un corpus oral</u>. J.-M. Adam ▶ <u>La cohésion des séquences</u> <u>de propositions dans la macro-</u> <u>structure narrative</u>. L. Cherchi <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>L'ellipse comme facteur de</u> <u>cohérence</u> </p>	<p>F. Récanati, A.-M. Diller ▶ <u>Présentation [liminaire]</u>.</p> <p>F. Récanati <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Le développement de la</u> <u>pragmatique</u>. O. Ducrot ▶ <u>Les lois de discours</u>. J. R. Searle ▶ <u>Le sens littéral</u>. D. Zaslavsky ▶ <u>Pronoms personnels,</u> <u>performatifs et actes de</u> <u>langage</u>. B. De Cornulier ▶ <u>Remarques sur la</u> <u>perspective sémantique</u> <u>(thème, propos, etc.)</u>. J. C. Anscombe <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Délocutivité benvenistienne,</u> <u>délocutivité généralisée et</u> <u>performativité</u> H. Parret ▶ <u>Ce qu'il faut croire et désirer,</u> <u>pour poser une question</u>. S. Delesalle, J.-Cl. Chevalier, A. Cadiot, Cl. Garcia, Chr. Martinez, P. Zedda <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>« Oui mais, non mais » ou : Il</u> <u>y a dialogue et dialogue</u>. A.-M. Diller <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Bibliographie</u> </p>

<p>Langages, 15e année, n° 62. Jun 81. Analyse du discours politique</p> 	<p>Langages, 18e année, n° 70. Jun 83. La mise en discours</p> 	<p>Langages, 18e année, n° 71. Septembre 83. Processus discursifs et structures lexicales de Metz (1979) du Parti Socialiste</p> 
<p>Michel Pêcheux <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>L'étrange miroir de l'analyse de discours</u>[liminaire] Jean-Jacques Courtine <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens</u>[article] </p>	<ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Avant-propos Jean-Claude Coquet</u> ▶ <u>L'implicite de renonciation</u>[article] Catherine Fuchs ▶ <u>Variations discursives Manar Hammad</u> ▶ <u>L'énonciation : procès et système</u>[article] Francis Jacques ▶ <u>La mise en communauté de l'énonciation</u>[article] Eric Landowski ▶ <u>Simulacres en construction</u>[article] Herman Parret ▶ <u>La mise en discours en tant que déictisation et modalisation</u>[article] Marina Sbisà ▶ <u>Actes de langage et (acte d)énonciation</u>[article] Maurice Toussaint ▶ <u>Du temps et de l'énonciation</u>[article] 	<p>Simone Bonnafous <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Introduction</u>[article]. Bonnafous <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Les cheminements discursifs de Metz.</u> [article] Bonnafous <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Le vocabulaire de Metz, étude quantitative</u>[article] Bonnafous Simone <ul style="list-style-type: none"> ▶ <u>Conclusion</u>[article] </p>

Quadro 07: Sumários das revistas citadas na bibliografia da PUCRS.

Por meio destas breves considerações, podemos colocar que a disciplinarização da AD, na PUCRS, é constituída por uma diversidade de autores que trabalham com a problemática do discurso, entre eles Pêcheux e Bakhtin. Entretanto, não vemos

predominância de uma tendência x ou y de análise de discurso nesta instituição quando de sua fundação.

Conforme já colocamos anteriormente, ao apontarmos diferentes gestos de interpretação sobre os estudos de Michel Pêcheux e de Mikhail Bakhtin, suas perspectivas teóricas e sobre a presença destes dois autores na cena da disciplinarização da AD do RS, não temos a pretensão de qualificar as teorias, sobrepor uma a outra.

Nesse sentido, considerando a evolução dos estudos enunciativos, hoje, ainda não há intercâmbios entre muitos dos sentidos dessa linha de pesquisa com a Análise de Discurso. Entretanto, isso não significa que não haja pontos em comum. Segundo Orlandi (2001, p.45), “esses pontos estão na maneira como, a partir do discurso, a teoria histórica da enunciação passou a considerar a relação do sujeito com a língua”. A diferença constitutiva, nesse caso, reside no modo como no/pelos estudos enunciativos são trabalhados o real da língua em sua relação com o real da história e com a ideologia (Id. *ibid.*).

Sendo assim, por meio deste recorte, esperamos ter conseguido apontar, entre tantos outros, um dos trajetos de sentidos possíveis na constituição dos conhecimentos de um mesmo campo teórico, o que atesta que os sentidos estão sempre em movimento, são constantemente significados e ressignificados na história.

Compreendemos que esse trajeto que realizamos por entre os arquivos, como já dissemos anteriormente, para além de nos auxiliar a apontar quais conceitos, teóricos e sujeitos mobilizam e são mobilizados, permite-nos conhecer o lugar de Pêcheux, que formulou uma teoria materialista do discurso, e o lugar do pensador Bakhtin na disciplinarização da AD do RS.

Para tanto, buscamos discutir a relação entre esses dois teóricos, que são citados recorrentemente nos primeiros programas da AD nos Cursos por nós pesquisados, visto que são essas relações que têm sido questionadas durante nossas discussões acadêmicas. Questionamo-nos, frequentemente, se é possível relacionar esses dois teóricos frente à Análise de Discurso de linha francesa, ou ainda, se Bakhtin

é precursor dos estudos do discurso, se teria sido Pêcheux, durante a constituição de 'sua teoria', influenciado pelo pensamento de Bakhtin.

Em sua tese, Dias (1995) apresenta o lugar em relação ao qual Bakhtin, Pêcheux e Bourdieu conceberam o campo de trabalho da linguística. Interessa-nos apontar as definições dadas pelo autor para o trabalho de dois destes teóricos, a saber, Pêcheux e Bakhtin:

[...] em Bakhtin, a crítica de uma linguística que trabalha com uma língua que ainda não se tornou língua; (...) em Pêcheux, a crítica de uma linguística que trabalha com uma língua rarefeita (dado que minada da sua densidade semântica) (1995, p. 34).

Esse lugar em que Pêcheux e Bakhtin movimentam a definição do campo de trabalho da Linguística, bem como a relação entre estes dois teóricos no tocante aos estudos discursivos, é que serão abordados a seguir.

4.2.1 Relações bakhtinianas e pecheutianas na configuração dos estudos discursivos

O 'diálogo' que aqui se quer estabelecer para se pensar a perspectiva bakhtiniana e a Análise de Discurso pode ser introduzido de maneira a se considerar, inicialmente, um ponto em comum: um movimento de ressignificação, reterritorialização no campo científico-teórico em que essas disciplinas se constituem.

No seu contexto sócio-histórico, Bakhtin, por suas críticas à Linguística Tradicional e por seus gestos de interpretação sobre a epistemologia das Ciências Humanas, da Linguística, direciona seu trabalho para uma disciplina proposta por ele mesmo, a qual é complementar à Linguística, cujo objeto de estudos é a enunciação. Com isso, Bakhtin, se não rompe, renova o olhar sobre os estudos lingüísticos, porque reconstrói neles, e a partir deles, um campo de saber.

É importante salientar que não podemos entender a concepção de Bakhtin e seu círculo sem conhecermos o contexto imediato de seu pensamento, ou seja, as condições de produção de sua obra:

O marxismo de Voloshinov/Bakhtin está muito distante da maneira de como era pensado o marxismo na Europa Ocidental dos anos 1970-80 (...) Voloshinov/Bakhtin são filhos de sua época e de seu lugar: os limites de pessoa são questionados, mas não cessam de reaparecer (SÉRIOT, 2005,p. 71).

As condições de produção em que Bakhtin estava inserido remetem a um indivíduo que existe somente pelo grupo ao qual pertence. Esse grupo é feito das ‘outras’ pessoas. Assim, “o dialogismo de Voloshinov/Bakhtin, nos anos 1920-30, é ao mesmo tempo, uma teoria literária e uma psicologia social” (Id., Ibid.)⁶⁸.

Como já vimos ressaltando no decorrer deste trabalho, a Análise de Discurso, ciência que se constituiu nos anos 60 em torno dos estudos de Michel Pêcheux em um espaço de relações entre a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, também significa, na conjuntura sócio-histórica da sua constituição, um deslocamento nos limites de seu campo, a Linguística. Isso porque essa perspectiva discursiva, ao estabelecer como objeto de estudo o discurso, e como unidade de análise, o texto (ORLANDI, 2001), questiona e desloca-se dos trabalhos que partem do sentido como ‘conteúdo’ e da língua como autônoma e não transparente para considerar o sujeito na sua história, os processos e as condições de produção da linguagem por meio de uma análise da relação que se estabelece “pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer” (ORLANDI, 2003, p. 16).

Para Pêcheux, discurso é efeito de sentido entre interlocutores, prática de linguagem. Unidade de análise, e não de estudo – como propusera Bakhtin. Texto é oral ou escrito, uma unidade de sentido, na materialidade linguístico-histórica do qual vai estar inscrita a relação com a exterioridade (Id., *ibid.*). Dessa maneira, nos estudos discursivos, não interessa a organização linguística do texto em si, nem o que ele significa, mas como esse “texto relaciona a língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo” (Ibid., p. 69), ou seja, *como* ele significa.

⁶⁸ Segundo Barros (1997), uma designação correspondente para essa disciplina hoje seria Teoria do Discurso. Para Todorov, que preferia a designação Translinguística, o correspondente atual mais adequado seria a Pragmática.

Em se tratando agora de um contraponto inicial dessa perspectiva com o viés bakhtiniano, há aqui um rompimento crucial: para Bakhtin, a língua é social, autônoma, e a linguagem é compreendida como uma prática social que tem na língua a sua realidade material; para a Análise de Discurso, postulada por Pêcheux, a língua é relativamente autônoma, há um real da história de tal modo que o homem faz história, mas esta não lhe é transparente, e, por isso, a relação linguagem/pensamento/mundo não é direta, unívoca – a linguagem não é transparente (ORLANDI, 2003).

Daí que, em primeira instância, entre todos outros sentidos divergentes que resultam dessas colocações, o caráter do texto como *realidade imediata do pensamento e da emoção*, conforme o compreende Bakhtin, é um aspecto que, na perspectiva discursiva, é significado a partir de gestos de interpretação cuja direção de sentidos é bastante divergente. Segundo Indursky:

Pode-se aproximar a concepção dialógica que Bakhtin tem do discurso com a perspectiva assumida por Pêcheux ao longo da construção de sua Teoria do Discurso, bem como de toda produção teórica sobre discurso que se lhe seguiu e que o toma como objeto de estudo (2000, p. 78).

Para essa autora, é a concepção de sujeito que diferencia os estudos de Bakhtin e Pêcheux. Enquanto a teoria bakhtiniana concebe um sujeito consciente de suas escolhas e que não é interpelado dialogicamente, para a concepção pecheutiana, o sujeito não é o centro do discurso, é afetado por uma Formação Ideológica e dotado de inconsciente, porém se imagina como a única fonte de seu dizer.

É preciso entender que essa relação entre os estudos bakhtinianos e os pecheutianos é uma relação complexa, de ‘aproximação e de diferenças’ (ORLANDI, 2005); são teorias que se formam em um campo comum, porém com suas distinções. Para Orlandi, só poderemos entender que há esta relação se:

[...] admitimos que a contradição que está na base dos estudos da linguagem e que consiste no duplo fato de que há língua e há línguas, ou melhor, na relação necessária entre unidade formal e diversidade concreta. Relação esta que insistimos, na AD, é trabalhada pelo estatuto particular dado a história (ao interdiscurso), que preferimos chamar historicidade, na relação com a língua (2005a, p. 45).

Historicidade não porque a língua tem história, mas pela compreensão de que os sentidos são ‘função da inscrição de formas capazes de jogo na história’. De acordo com Barros (2005, p. 25), “Bakhtin influenciou e antecipou as principais orientações teóricas sobre o texto e o discurso, desenvolvidas, sobretudo, nos últimos 30 anos”.

Para Barros (2005), foram as reflexões sobre o princípio dialógico que dão aos estudos bakhtinianos este estatuto. Indursky (2005) coloca que tanto Pêcheux como Bakhtin são teóricos que refletiram fortemente sobre as questões de linguagem e do discurso e sua relação com a ideologia.

É importante colocar que o primeiro livro do russo Mikhail Bakhtin, **Marxismo e Filosofia da Linguagem** (publicado sob o pseudônimo de Voloshinov⁶⁹), data de 1929, e a primeira obra de Michel Pêcheux, **Análise Automática do Discurso**, data de 1969. São quarenta anos que separam os estudos e reflexões destes dois teóricos, fato este que traz à luz a questão da ‘paternidade’ dos estudos discursivos, de quem seria o teórico fundador. Isso porque, por motivos políticos, a obra de Bakhtin foi silenciada no ocidente por muitos anos, ocorrendo a primeira tradução para língua inglesa somente em 1973, e para língua francesa no ano de 1977.

Neste entremeio, outros teóricos, entre eles Pêcheux, trabalharam com a questão do discurso, produzindo e circulando saber sobre esse conceito. A respeito deste largo espaço entre produção (1929) e recepção da obra no ocidente (a partir da década de 70), Sériot aponta algumas considerações.

O autor sublinha que a produção escrita do ‘Círculo de Bakhtin’ é densa, por vezes opaca, frequentemente espantosa, e produz na Europa Ocidental um efeito de estranheza criadora de incompreensão e de mal entendidos. Essa obra recebeu enfoques muito diferentes de acordo com lugares e as épocas de recepção:

O Bakhtin ‘francês’ dos anos 1970 seria o precursor da Teoria da Enunciação, uma espécie de aluno prodígio de Benveniste, ou ainda um

⁶⁹ Salientamos que não discutiremos esta questão polêmica (Bakhtin X Voloshinov), que tanto tem produzido embates teóricos.

renovador da Teoria Marxista das ideologias⁷⁰; o Bakhtin ‘americano’ dos anos 1980 seria um pensador liberal adversário do totalitarismo stalinista, por vezes até usado pelos movimentos feministas; quanto ao Bakhtin ‘russo’ dos anos 1990, é um pensador moralista e religioso ortodoxo, personalista e profundamente conservador (SÉRIOT, 2005, p. 59-60).

Em meio a essas indicações tão ricas e contraditórias a respeito de Bakhtin e sua obra, interessa-nos apontar as injunções e disjunções do Bakhtin ‘francês’ em relação aos estudos do discurso, principalmente, a sua contribuição ou não contribuição à Análise de Discurso de linha francesa, pois é no ano de 1974 (data posterior à primeira publicação de Pêcheux), que, na França, ocorre a “descoberta do que se chamava à época os trabalhos de Voloshinov-Bakhtin, analisados como anti-Saussure” (Mazière, 2007, p. 76).

Indursky (2005, p. 101) coloca que “as reflexões iniciais de Pêcheux, penso poder afirmar, não sofreram influência dos escritos⁷¹ bakhtinianos”. Entretanto, a autora não deixa de considerar que há preocupações comuns na reflexão de ambos, como, por exemplo, o fato de criticarem fortemente o corte saussuriano que teve como resultado a fundação da Linguística e a delimitação de seu objeto, a língua sistêmica. Os dois teóricos recusavam-se a trabalhar com essa concepção de língua formulada por Saussure e que exclui toda a exterioridade (inclusive o sujeito). Indursky salienta que

[...] desde o início de suas formulações teóricas, Pêcheux, tal como Bakhtin, vai mobilizar a noção de ideologia. Mas diferentemente de Bakhtin, vai entrelaçá-la ao campo do discurso pelo viés do sujeito e não do signo, em primeiro lugar. E, em seguida, chama atenção, igualmente, nessa comparação, que para Pêcheux, interessa o sujeito e não o indivíduo, que é a figura mobilizada por Bakhtin (relação interindividual) (Ibid., p. 109).

Assim, em consonância com a autora, podemos dizer que tanto Pêcheux como Bakhtin buscaram uma maneira de entrelaçar ideologia e linguagem; Bakhtin pelo viés do signo, Pêcheux pelo viés do sujeito.

⁷⁰ Grifo nosso.

⁷¹ Procuramos traçar um paralelo com a AD que reconhece como teórico fundador Michel Pêcheux.

Em nosso trajeto de pesquisa, percorremos, no decorrer destes sete anos (mestrado e doutorado), um caminho que visou circunscrever uma AD praticada no Estado do Rio Grande do Sul. Essa caminhada foi fundamentada na análise documental de materialidades que institucionalizam uma história ao as remetermos à historicidade que as constitui, nesse caso, à insurgência teórico-política da AD na França.

Compreendemos que a AD postulada por Pêcheux vincula-se aos conflitos sociais de uma época e que são mobilizados teoricamente para se pensar o sentido, para se pensar a política que movimenta a vida, que subjetiva os sujeitos. Vimos que o movimento que constitui a AD é governado pela agitação dos discursos, das práticas de sentido; são elas que ditarão os deslocamentos da teoria e não o contrário. Dito de outro modo, o movimento é de revés, do político que constitui e divide o dizer, do social, para uma teoria de compreensão do mundo.

Essa política que ressoou em uma **AD Brasileira**, uma AD formulada a partir de um gesto de apropriação teórica, de leitura e de interpretação de uma obra e não (tão somente) de tradução ou de aplicação de conceitos, mas de uma teoria afinada com a conjuntura social brasileira, pensada a partir de nossa 'realidade'. Essa transição se dá através de uma produção intelectual vinculada, inicialmente, à Eni Orlandi e seu grupo de pesquisadores.

Esse deslocamento teórico, para nós, só é possível, graças a uma permanência que configura uma ausência sempre presente da história política que configurou a teoria pecheutiana da materialidade do sentido. Para mais, esse gesto de interpretação é respaldado por uma produção que abarca: tradução dos textos de Pêcheux, interpretação desses conceitos mobilizados de acordo com as condições de produção brasileiras, formação de pesquisadores filiados à AD, deslocamento desses conceitos segundo os movimentos do tempo presente, na medida em que estes são pensados a partir de práticas científicas e acadêmicas, como vimos.

É nesse sentido que propomos, desde nossa dissertação, “chamar a AD vinculada a Pêcheux, (re)formulada no Brasil de AD franco-brasileira”, leia-se o hífen como uma ligação necessária, necessária porque política, necessária porque é

histórica, mas não uma história já dada, já posta, mas a história do nosso tempo, do presente.

Esta ligação não é a mesma que se estabelece com os teóricos que embasam os currículos dos Programas de Pós-graduação em Letras no Estado do Rio Grande do Sul. Pêcheux - Foucault - Bakhtin não estabelecem uma relação necessária nem de complementaridade. Uma relação que se pode estabelecer é pela concepção de discurso, pois a tríade compõe um 'modo de interpretação', antes de mais nada, 'materialista' e, sobretudo, político.

Para nós, o político que corporifica o nome AD requer que a ele se acrescente algo, nele se mude, desloque para desligar-se (ligando-se) de uma política que instaurou uma discursividade (teoria ideológica, vinculada a luta de classes, vinculada inicialmente a uma doutrina esquerdista).

Para Martins (2008, p.93),

Muitos falam e ainda falarão de 'análise de/do discurso', mas o gesto político de Pêcheux não poderá ser apagado, pois nossa matéria não é tratar do discurso adâmico que permitiria a 'heurística' de uma AD ao se apontar 'a' gênese, 'o pai' da teoria, 'o grande precursor'.

Apontamos, em nossas pesquisas, que Pêcheux instaurou uma singularidade, um modo político de compreensão do mundo, o discurso, vinculado fortemente a uma história francesa, uma história que, em nosso entender, foi traduzida para nossa brasilidade, uma história que foi interpretada e da qual nos apropriamos para pensarmos os 'nossos discursos'. História esta que está em curso.

4.3 Mobilizando nomeações e conceitos

Após elencarmos informações pertinentes à formação dos doutores em Letras da PUCRS que, orientados pela professora Leci Barbisan, trabalharam com temas relacionados ao discurso, apresentamos a transcrição de dois programas da disciplina

de Análise do Discurso⁷², os quais, conforme arquivos que nos foram disponibilizados, são os dois primeiros programas da disciplina ministrados na PUCRS. Fazemos isso pois entendemos que estes doutores, provavelmente, foram alunos nesta disciplina durante sua pós-graduação, e de alguma maneira foram tocados por esta configuração disciplinar.

Os programas analisados são do ano de 1987 (ano da disciplinarização da AD na instituição), e ambos apresentam, além do conteúdo a ser trabalhado, uma bibliografia e uma bibliografia complementar.

No Quadro 08, a seguir, apresentamos os conteúdos propostos nestes dois programas:

<p>Disciplina: Análise do Discurso</p> <p>Professor: Leci Barbisan</p> <p>Ano: 1987</p> <p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conceito de “discurso” - Abordagens do Discurso: lexicológica e sintática. - A enunciação. - A gramática do texto. - O texto político. - O texto publicitário. - A análise de conversações. 	<p>Disciplina: Análise do Discurso</p> <p>Professor: Leci Barbisan</p> <p>Ano: 1987</p> <p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sujeito e sentido. - Vozes. - Polifonia. - A ironia. - O discurso relatado. - A heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. - O outro no discurso.
---	---

Quadro 08: Conteúdos AD – 1987 A e AD – 1987 B.

Estes dois programas, embora tenham sido ministrados pela mesma professora, no mesmo ano, apresentam uma diferente relação de conteúdos a serem abordados.

⁷² Ver programas originais nos anexos 05,06,07 e 08

Isto vem a destacar que, desde sua disciplinarização, a AD vem mobilizando diferentes conceitos, diferentes autores, estando sempre sendo reconfigurada.

Ao analisarmos os demais programas e ementas disponíveis, percebemos que eles, tais como os dois primeiros programas da instituição, apresentam diferentes configurações. E, é por meio deles que podemos entender o movimento que ocorre durante a disciplinarização da AD. Há uma constante reconfiguração de seus programas e das bibliografias trabalhadas, tanto que a disciplina inicialmente intitulada AD tem sua designação modificada em diversos momentos, o que reflete, algumas vezes, na modificação da sua nomeação, como podemos observar no Quadro 09⁷³:

Nomeação da disciplina	Ano do 1º e do último programa disponível
Análise do Discurso	1987
AD I	1991-1997
AD II	1991-1999
Tópicos em AD	2001
Seminário em AD	2003
Teorias do Discurso	2002-2004
Seminário em Teorias do Discurso	2002-2005
Tópicos em Teoria do Discurso	2003

Quadro 09: Nomeações/Renomeações da AD na PUCRS.

Por meio das nomeações/renomeações que ocorreram até o 1º semestre de 2003 na disciplina de AD, ela vai constantemente sendo designada de forma diversa, isto é, vai significando de outra maneira. Para nós, essa é uma política que busca renomear para poder designar de outra forma. Ao renomear, os conceitos mobilizados também são outros.

⁷³ Cf. programas curriculares e diários de classe da Profª Dr. Leci Barbisan.

Entendemos, pois, que as três últimas disciplinas apresentadas no quadro anterior já são resultado deste deslocamento da AD para uma Teoria do Discurso. Vejamos as figuras 11 e 12:

<u>Conteúdos desenvolvidos</u>	
1.	Enunciação e estruturalismo
2.	O estruturalismo saussuriano
3.	O signo lingüístico
4.	Relações paradigmáticas e sintagmáticas
5.	A teoria do valor
6.	A enunciação em Benveniste
7.	O aparelho formal da enunciação
8.	A não-pessoa em Benveniste
9.	Os pronomes pessoais na enunciação
10.	Enunciação e diálogo
11.	Idem
12.	A categoria do tempo
13.	Idem
14.	A categoria de lugar
15.	Idem

Figura 11: Disciplina Tópicos em AD (2001/2).

conteúdo

	G1	G2	MF	F	
1 Saussure e o estruturalismo					
2 Saussure: objeto da Lg ^{ca} , Lg ^{ca} -lg e fala	1	90	10	95	0
3 Saussure: natureza do signo Lg ^{co}	2	95	95	95	0
4 Idem: o valor Lg ^{co} ; rel. parad. esint.	3	-	-	-	0
5 Ducrot: A polifonia em Lg ^{ca}	4	85	90	87	0
6 Ducrot: 1ª, 2ª e 3ª confer. de Cali	5	10	10	10	0
7 Ducrot: 4ª e 5ª confer. de Cali	6	-	-	-	6
8 6ª confer. e Lg ^{ca} e verdade	7	90	95	92	6
9 Ducrot: argum. e topoi argum.	8	10	10	10	3
10 Idem: os topoi na Teoria da Arg. na Lg	9	90	90	90	3
11 Os modificadores desrealizantes	10	-	-	-	0
12 A argument. no discurso	11	10	10	10	3
13 A argum. interna aos enunciados	12	60	95	74	6
14 Os internalizadores	13	10	85	92	
15 Para o tratamento argumentativo da predicacp)					

Figura 12: Programa da disciplina Seminário em AD 2003/1.

A AD, na PUCRS, nesses aproximadamente quinze anos de existência, é designada de várias formas, até o momento em que ocorre a desconfiguração do seu campo disciplinar. Embora alguns programas disciplinares da instituição continuem tratando de conceitos como, por exemplo, o discurso, isto é feito também por meio de outras abordagens teóricas que não a AD.

Com isso, a partir do 2º semestre de 2003, na PUCRS, deixa de figurar nos quadros do PPGL a disciplina AD, e aparecem disciplinas como Tópicos em Teoria do discurso e Teorias do Discurso.

Destacando estas significativas variações que ocorreram tanto nas designações das disciplinas quanto nos conceitos mobilizados no interior de seus programas, interessa-nos, neste trabalho, apresentar as recorrências (de conceitos), pois por meio destas poderemos entender quais os conceitos da AD que fazem parte da fundação, isto é, da disciplinarização no RS, quais permanecem e quais são apagados durante estes movimentos de designações.

Para fins de exemplificação, realizamos um recorte nos programas das disciplinas AD I e AD 2. Vejamos os quadros 10 e 11, a seguir:

AD I	1987a	1987b	1991	1993	1995	1997
Conceito de “discurso”	X		X			
- Sujeito e sentido.		X				X
- A heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva.		X				
- O outro no discurso		X				
- Análise do discurso			X	X		
- O materialismo dialético e o materialismo histórico			X	X	X	X
- A noção de condições de produção			X	X	X	
- Interdiscurso, intradiscurso, pré-construído, enunciado			X	X	X	X
- Sujeito e ideologia			X		X	
- O Corpus para a AD			X	X		
- O corpus para a pesquisa			X	X		
- A definição do tema de discurso			X	X		
- Dialética – leis da dialética				X	X	
- O que é ideologia				X		
- FD				X	X	X
- Formulação, memória e corpus				X		
- O sujeito em Análise do discurso					X	

Quadro 10: Recorrências de conceitos AD I PUCRS.

AD II	1994	1996	1998	1999
- Os gêneros do discurso		X	X	
- A heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva		X	X	X
- A não coincidência interlocutiva		X	X	
- A questão do sujeito em Althusser		X		X
- As 3 épocas da AD			X	X
- A não coincidência do discurso com ele mesmo			X	X
- O silêncio e das reticências		X	X	X

Quadro 11: Recorrências de conceitos AD II PUCRS.

Nos programas por nós analisados, vários conceitos são mobilizados, contudo, ocorrem poucas recorrências, como podemos observar nos quadros 10 e 11, tanto que nenhum conceito apresenta-se continuamente desde os primeiros programas (1987). Há um movimento contínuo desses conceitos, o que reflete diretamente na designação da disciplina AD.

Entretanto, salientamos que os tópicos ‘Materialismo histórico e materialismo dialético’ e ‘Interdiscurso, intradiscurso, pré-construído, enunciado’ perpassam a disciplina AD I durante toda a década de 90, sendo o ‘Materialismo histórico e materialismo dialético’ estudado a partir de Politzer (cap. 4, 5, 6), e ‘Interdiscurso, intradiscurso e pré-construído’ a partir de Courtine, conforme podemos observar ao analisarmos as bibliografias dos referidos programas⁷⁴.

Ao analisarmos as bibliografias, também podemos afirmar que, juntamente com Pêcheux, são teóricos como Courtine, Robin, Authier-Revuz, Bakhtin e Ducrot que estão presentes na emergência da AD na PUCRS. (Vide anexos 02 a 08). No tocante a autores brasileiros, são citados Orlandi, Possenti, Fiorin e Guimarães.

No ano de 2005, houve novas alterações regimentais no programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, ficando a *Área de Estudos da Linguagem* constituída

⁷⁴ Ver anexos PUCRS páginas 154 até 165.

de três especialidades: *Linguística Aplicada*, *Teorias do Texto e do Discurso* e *Teoria e Análise Linguística*.

A especialidade *Teorias do texto e do discurso* abrange duas linhas de pesquisa, *Análises Textuais e Discursivas* e *Lexicografia e Terminologia: Relações Textuais*. A disciplina AD está colocada na linha de pesquisa *Análises Textuais e Discursivas*⁷⁵. Conforme descrição da linha de pesquisa, esta aborda estudos de diferentes tendências teóricas, e a AD é uma destas ‘tendências’ que incluem, ainda, Teorias do Texto, da Enunciação, Pragmática e Semiótica.

As disciplinas apresentadas no Quadro 12, a seguir, são relacionadas no site da instituição como pertencentes a esta linha de pesquisa:

<p>Denominação - Disciplina Obrigatória (DO) Linguística Geral</p>
<p>Denominação - Disciplinas Específicas (DE) Fundamentos da Análise do Discurso Teoria da Análise do Discurso Semântica Argumentativa Fundamentos em Teoria da Enunciação</p>
<p>Denominação - Disciplinas Opcionais (DOp) Pragmática: Enunciação e Sentido Teoria do Texto Discurso e Sintaxe Leitura em Contraponto Aspectos Metodológicos da Pesquisa em Análise do Discurso Topói, Polifonia e Argumentação Tópicos em Análise do Discurso Seminário de Análises Textuais e Discursivas Interpretação e Autoria Teorias da Enunciação</p>

Quadro 12: Disciplinas da Linha de Pesquisa Análises Textuais e Discursivas UFRGS.

⁷⁵ Descrição: Estudos de diferentes tendências teóricas – Teorias do Texto, da Enunciação, Pragmática, Análise do Discurso e Semiótica – que resultam na produção de pesquisas que tomam o texto e/ou o discurso como objeto de análise e teorização. Site: <http://www6.ufrgs.br/iletras/ppg/>. Acesso em 20 jun. 2009.

A partir da análise das designações das disciplinas ofertadas na linha de pesquisa *Análises Textuais e Discursivas*, bem como da ementa desta linha, sabemos que esta, além de incluir AD, também abarca outras teorias que têm como objeto o discurso e/ou o texto. Entre elas, destacamos a Teoria da Enunciação, que, embora não nomeada na outra instituição estudada, a PUCRS, igualmente aparece nos conteúdos programáticos daquela instituição, através de conteúdos na bibliografia de ADI, AD II e Tópicos em AD⁷⁶.

É nesta linha de pesquisa que figuram os estudos em AD na Pós-Graduação da UFRGS, como podemos observar através da designação das disciplinas apresentadas no Quadro 12 e também nas grades de horários (figuras 13 e 14, a seguir). Entre as que são apresentadas nas grades de horários estão: *Teoria da Análise do discurso*, *A análise do discurso e suas interfaces*, *Fundamentos da Análise do Discurso*, *Interfaces da Análise do Discurso II* e a disciplina *Leituras em contraponto: Foucault, Pêcheux, Courtine, Bakhtin*.

GRADE DE HORÁRIOS 2006-1 ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM/ESTUDOS DE LITERATURA					
ESPECIALIDADE: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO LINHA DE PESQUISA: Análises Textuais e Discursivas					
TURNO/DIA	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
MANHÃ		Lingüística Textual LIN00037 4 CR Profa. Elsa Ortiz SALA: 233B		L.D. A Análise do Discurso e suas interfaces LET00003 2 CR Profa. Maria Cristina Ferreira SALA: 119	
TARDE	Lingüística Geral LIN00001 Obrigatória 4 CR Prof. Valdir Flores SALA: 205 Prédio de Aulas	Topói, polifonia e argumentação LIN00058 4 CR Profa. Ana Zandwais SALA: 233B ----- Teoria do Texto LIN00036 4 CR Profa. Solange Mittmann SALA: G107	Fundamentos da Análise do Discurso LIN00010 4 CR Profa. Freda Indursky SALA: 119	L.D: Enunciação, constituição do sujeito e do laço social LET00003 2 CR Quinzenal Prof. Valdir Flores SALA: G 209	

Figura 13: Grade de horários 1º sem. 2006 – PPGL UFRGS.

⁷⁶ Ver anexos nas páginas 156 até 158

<p style="text-align: center;">ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM Especialidade: Teorias do Texto e do Discurso Linhas de Pesquisa: Análises Textuais e Discursivas / Lexicografia e Terminologia: Relações Textuais</p>				
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
		<p>Teoria da Análise do Discurso LIN00017 4 CR Profa. Solange Mittmann</p>		
<p>Fundamentos em Teoria da Enunciação LIN00040 4 CR Prof. Valdir Flores Profa. Nayr Tesser</p>	<p>LD: *Interfaces da Análise do Discurso II LET00003 2 CR Profa. Maria Cristina Leandro Ferreira Turma A</p> <hr/> <p>LD: Semântica Cognitiva LET00003 04 CR Profa. Maity Siqueira Turma B</p>	<p>Leituras em Contraponto: Foucault, Pêcheux, Courtine, Bakhtin LIN00042 4 CR Profa. Freda Indursky</p> <hr/> <p>A Fraseologia e suas Interfaces LIN00059 4 CR Profa. Cleci Bevilacqua</p>	<p>+Pesquisa Lingüística em Corpus LIN00044 2 CR Anna Maria Becker Maciel e Cleci R. Bevilacqua</p> <hr/> <p>++Tópicos de Lexicografia Bilingüe LIN00056 2 CR Félix B. Miranda</p> <hr/> <p>LD: Da dialética aristotélica ao materialismo histórico e dialético * LET00003 4 CR Profa. Ana Zandwais</p>	

Figura 14: Grade de horários 2º sem. 2006 – PPGL UFRGS.

Salientamos que, na Figura 14, referente ao 2º semestre de 2006, aparecem na mesma grade disciplinas ministradas por docentes filiados à linha de pesquisa Lexicografia e Terminologia: Relações Textuais. Entretanto, as disciplinas que possuem em sua designação o sintagma Análise de Discurso são ministradas por Freda Indursky e Maria Cristina Leandro Ferreira.

Embora outros professores pertençam à mesma linha de pesquisa que as referidas professoras, e ainda que alguns deles ministrem disciplinas que no seu interior sejam marcadas por questões da AD, são Indursky e Ferreira que, na instituição, trabalham com disciplinas nomeadas como propriamente como Análise de Discurso ou que possuem o sintagma Análise de Discurso na sua nomeação.

Para termos um panorama geral das disciplinas em que a nomeação Análise de Discurso se apresenta, organizamos, a partir de recortes realizados nas grades de horários que constam no arquivo desta pesquisa⁷⁷, o Quadro 13, a seguir:

Fundamentos da Análise do Discurso
Teoria da Análise do Discurso
Leituras Dirigidas: Procedimentos Analíticos em Análise do Discurso
Sintaxe e Discurso
Leituras Dirigidas: Aspectos Metodológicos da Análise do Discurso
Leituras Dirigidas: A Análise do Discurso e suas interfaces
Leituras Dirigidas: Bakhtin e a Análise de Discurso
Leituras Dirigidas: Interfaces da Análise do Discurso II
LD: Leituras em contraponto: Foucault, Courtine, Pêcheux...
LD: Leituras em contraponto: Foucault, Pêcheux, Courtine, Bakhtin

Quadro 13: Relação de disciplinas relacionadas à AD na UFRGS

Na UFRGS, não encontramos o mesmo movimento de nomeação/renomeação que na PUCRS. As disciplinas não se ‘transformam’, elas se ‘saturam’. É como se, para ao designar o novo, o diferente, fosse preciso nomear de outra forma, criando um outro espaço e não tomando um lugar já existente.

São estas questões referentes às nomeações e renomeações que levam a designações diversas ou não, as quais, de alguma maneira, já haviam sido exploradas por nós em nossa dissertação, que vêm nos provocando a deslocar nosso olhar sobre este objeto e a buscar os efeitos de sentido que se produzem sobre uma Teoria do Discurso que passa a ser AD e, ainda, a ser disciplina nos Cursos de Pós-Graduação em Letras do RS.

4.4 As revistas – o papel de institucionalizar e de disciplinarizar

⁷⁷ Grades completas: ver anexo pág. 155.

Consideramos que as revistas científicas podem exercer o papel de institucionalizar uma teoria, pois entendemos serem elas um dos espaços capazes de produzir unidade e dar legitimidade a tal teoria. Ao mesmo tempo, estas revistas contribuem para a disciplinarização da teoria, pois ao constarem em listas de bibliografias, por exemplo, permitem que determinados saberes sejam colocados na ordem institucional de uma disciplina.

Trazemos à tona sumários das duas revistas que estão ligadas às instituições por nós pesquisadas e que apresentam o autor e os títulos de seus trabalhos. Neles veremos que os pesquisadores, doutorandos nas referidas instituições (e apresentados nas figuras 02 e 04, encontram-se em sua maioria representados. São elas as revistas *Letras de Hoje*, da PUCRS, e *Organon*, da UFRGS.

Inicialmente selecionamos o sumário e a apresentação de duas edições destas revistas, uma de cada instituição, que, de acordo com seus organizadores, pretendem apresentar trabalhos de alunos, orientandos e ex-orientandos que trabalham com *Análise de Discurso*.

A edição da Revista *Letras de Hoje*⁷⁸ é de março de 1997, intitulada **Estudos do Discurso – 30º Ano de Fundação 1967-1997**. Já a edição da Revista *Organon*⁷⁹ data de jan/jun 2010, e é intitulada **A pesquisa em Análise do Discurso no PPG-Letras/UFRGS e sua expansão institucional**. Vejamos recortes dos textos de apresentação destas revistas:

Recorte 1⁸⁰:

*“A Letras de Hoje que estamos publicando fala do lugar da diferença, essencial à Universidade, para a compreensão dos sentidos das mudanças de tratamento da relação do homem com a produção de conhecimentos. **Esse diálogo, que decorre de uma integração teórica, tem seu lugar na PUCRS, devido a disponibilidade de pessoas, oriundas da Linguística, Psicanálise, História e Comunicação Social para reunirem em torno dos propósitos comuns quando da disciplina de Análise de Discurso II, ministrada pela Dr. Leci Barbisan, durante o 1º semestre letivo de 1996 no Curso de Doutorado em Linguística Aplicada [...] fazemos menção especial aos dois artigos que iniciam esta revista cujos autores Oswald Ducrot e Marion Carel, tivemos a oportunidade de contatar por ocasião do Seminário ministrado pelo professor Ducrot na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em***

⁷⁸ Periódico trimestral de difusão de estudos em Linguística, Literatura e Língua Portuguesa. Início das publicações junho de 1967.

⁷⁹ Revista científica do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, destinada à divulgação de trabalhos total ou parcialmente inéditos concernentes a questões de Língua/Linguística e Literatura/Teoria Literária. Publicações: 1956 até 1969 e depois retorna em 1986.

⁸⁰ Grifos nossos.

outubro de 1996. [...] Finalmente, destacamos que **a multidisciplinaridade é fundamental para os estudos em Análise do Discurso na cena atual, pois o discurso, abordado primeiramente como objeto linguístico, deve integrar a seu campo outras áreas compatíveis, permitindo que seja também analisado sob um prisma cultural.** [...] **Questionamos o enraizamento da AD a seus fundamentos, visto que os conhecimentos teóricos que o sustentaram sofreram transformações da modernidade.** Por esse motivo, a AD atinge públicos tão distintos como aquele que aceitou o desafio de produzir essa revista”. Leci Borges Barbisan, Marlene Teixeira, Valdir Flores, Vera Lúcia Pires.

No recorte 01, temos trechos da apresentação de um exemplar da revista Letras de Hoje, do ano de 1997, assinada pela professora Leci Borges Barbisan⁸¹ e seus então orientandos de doutorado, os professores Valdir Flores, Marlene Teixeira e Vera Lúcia Pires. Destes, apenas o professor Valdir Flores não aparece no quadro da página 84, pois sua tese é defendida sob a perspectiva teórica da semântica da enunciação.

Destacamos o fato de que, segundo os autores, os textos que compõem a revista são de alunos da disciplina de Análise de Discurso II. E, que estes alunos, são oriundos de diversas áreas de pesquisa, não apenas das Letras.

Outro aspecto a ser destacado é que, já na apresentação, os autores salientam seus posicionamentos em relação ao que chamam de “multidisciplinaridade da AD” e questionam o que chamam de “enraizamento da AD a seus fundamentos”, posicionamento este que, em nosso entender, pode melhor ser observado pela movência de conceitos e autores trabalhados nos programas da disciplina de AD na PUCRS.

Vejamos o Quadro 14, no qual podemos observar a partir da relação de autores, que embora, conforme afirma a autora, em seu texto de apresentação, sejam seus alunos na disciplinas de AD, nem todos são seus orientados:

Sumário	
Oswald Ducrot	– La pragmatique et l'étude sémantique de la langue
Marion Carel	– L'argumentation dans Le discours: argumenter n'est pas justifier
Valdir Flores	– Elementos de Análise do Discurso para uma Epistemologia da Linguística

⁸¹ A professora Leci Borges Barbisan, concluiu seu mestrado em Língua Portuguesa pela UFRGS, em 1980, sob a orientação do prof.^a Alvino de Bem Veiga, e seu doutorado em Linguistique et phonétique na Université Grenoble III, no ano de 1983, orientada pelo professor Louise Dabène. No ano de 1970, inicia sua carreira acadêmico-profissional na PUCRS e, no ano de 1984, ministra disciplinas no programa de pós-graduação desta instituição.

Marlene Teixeira – O “sujeito” é o “outro”? Uma reflexão sobre o apelo de Pêcheux à psicanálise.

Yeda Swirski de Souza – Sujeito do inconsciente e interdiscursividade: observações sobre a interseção dos conceitos

Vera Lúcia Pires – Relações de Gênero: efeitos de sentido no discurso da imprensa

Ana Maria Colling – “o célebre fio partiu-se”; Foucault, a psicanálise e a história das mulheres

Marcello de Oliveira Pereira – Indo ou vindo

Rejane Flor Machado - O movimento dos sentidos no silêncio

Quadro 14: Sumário da revista Letras de Hoje, mar 1997.

Destacamos, em amarelo, o nome dos autores que são orientandos da professora Leci Barbisan. Os demais são oriundos de outros programas de pós-graduação da PUCRS (psicologia e História). Destacamos, em azul, os nomes de Marion Carel e Oswald Ducrot, autor que sempre esteve presente nos estudos do discurso da PUCRS, conforme podemos constatar tanto ao observarmos as bibliografias das disciplinas da instituição, quanto em levantamento feito por nós, em sumários das várias edições da revista Letras de Hoje.

A presença de Oswald Ducrot e de sua semântica argumentativa na constituição dos estudos do discurso no RS, via PUCRS, é marcante. Ele está presente já na bibliografia da PUCRS no ano de 1887. Não explicitamente, mas se considerarmos que o único livro de Eni Orlandi que lá aparece “Linguagem e seu funcionamento”, e recorrermos aos textos lá apresentados, veremos que Ducrot figura na bibliografia de muitos deles.

Tanto podemos observar a presença do autor nas bibliografias como na formação dos docentes que fizeram e dos que hoje fazem AD em nosso estado. Ducrot está presente nos trabalhos atuais de Leci Barbisan, que atualmente está afastada da AD de linha francesa, mas que por muitos anos ministrou essa disciplina da PUCRS; nos programas da disciplina Seminários em Teoria do Discurso. Para nosso trabalho, ao obstante, o que se torna muito relevante é o Ducrot presente nos exemplares da **Revista Letras de Hoje**, organizados por Leci Barbisan e orientandos, que tratavam

especificamente do discurso, e, ainda mais, que diziam serem resultados de trabalhos desenvolvidos em disciplinas de Análise de Discurso da instituição.

Ducrot também aparece no trabalho de dissertação de mestrado⁸² da professora Ana Zandwais (ex-orientanda de doutorado da professora Leci Barbisan). Surge, ainda, na disciplina de Semântica argumentativa que esta ministra no ano de 1996, no programa de pós-graduação da UFRGS. E igualmente em textos em que a professora Zandwais, analista do discurso, publica na revista *Organon da UFRGS*.

Todos estes fatos e dados só vem a corroborar com a reflexão de Guimarães (2004, p.37), quando o autor, ao se referir ao programa de pós-graduação da Unicamp, sublinha que este,

[...] no momento de sua criação, trouxe para o Brasil o prof. Gentilhome, que acabou por não ficar em Campinas, vindo para o lugar que acabou por não ocupar, o prof. Ducrot. **Este fato marca também decisivamente o futuro da produção linguística na Unicamp, com alta capacidade irradiadora para todo o Brasil.**" (Guimarães, 2004, p. 37)

E, para nós, essa capacidade irradiadora, proclamada por Guimarães, atingiu os Estudos do Discurso no RS, com a presença marcante dos estudos do professor Oswald Ducrot nas instituições universitárias por nós pesquisadas.

Para tratarmos da questão referente ao desenvolvimento dos estudos do discurso em nosso estado, sob a perspectiva da UFRGS, trazemos o recorte 02, apresentado a seguir. Este se refere à apresentação da revista *Organon* nº 48, que é assinada pelas professoras Freda Indursky⁸³ e Solange Mittman.

Recorte 2⁸⁴:

*" Organizar este número temático, dedicado totalmente à Análise do Discurso, tal como ela é praticada pelos analistas de discurso do PPG-Letras desta universidade, é motivo de grande satisfação, pois possibilitou-nos lançar um olhar panorâmico e avaliativo sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido nestes dezessete anos que transcorreram desde que a **Análise do Discurso foi inserida no elenco das***

⁸² Trabalho orientado pelo Ir. Elvo Clemente, da PUCRS

⁸³ A professora Freda Indursky iniciou carreira acadêmico-profissional na UFRGS no ano de 1973. Em 1970 ela havia defendido sua dissertação na França, sob a orientação de J. Peytart. Defende sua tese sob a orientação da professora Dr. Eni Orlandi, em 1992, e começa a ministrar disciplinas na pós-graduação no ano de 1993. Sua primeira orientação de doutorado concluída é a da prof.^a Dr. Solange Mittman, no ano de 1999.

⁸⁴ Grifos nossos.

disciplinas ofertadas pela área de Estudos da Linguagem desse programa, em 1993. [...] Com o retorno dos primeiros docentes que se doutoraram nesse campo do conhecimento, começou a constituir-se o grupo de professores pesquisadores em Análise do Discurso que atua nesse programa, dando início a formação de mestres e doutores. [...] Esse panorama aponta, pois, não apenas para a produtividade interna ao próprio grupo, como também para a capacidade de expansão institucional, **pois novos núcleos de Análise do Discurso se constituem à medida que os docentes egressos de nosso Programa encontram sua filiação acadêmica profissional.** [...] Vê-se, pois, através dos trabalhos aqui apresentados, **que a teoria da Análise do Discurso nunca se apresenta fechada e cristalizada, tanto que no que diz respeito ao elenco de noções que constituem seu quadro teórico, quanto ao que tange à própria materialidade dos objetos que são somados para análise, resultando daí uma área profundamente dinâmica, como os trabalhos aqui publicados deixam entrever.**” Freda Indursky e Solange Mittmann.

Desta apresentação, destacamos o fato de que a data em que, segundo as autoras, a disciplina Análise do Discurso começa a ser ministrada no programa de pós-graduação da UFRGS, o ano de 1993, ano em que a professora Indursky, começa a ministrar disciplinas neste programa.

Destacamos também que as autoras salientam a questão da expansão institucional, dada a partir do momento em que mestres e doutores formados na UFRGS começam a atuar em outras instituições acadêmicas, formando novos núcleos de pesquisa em AD. Conforme propomos na figura 04 apresentada na página 90 de nossa tese. E, são estes mestres e doutores que são os autores dos textos que compõe esta edição da revista. Vejamos o Quadro 15:

Editorial
Apresentação
Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso Maria Cristina Leandro Ferreira
Estudos da Linguagem: língua e ensino Freda Indursky
A constituição do imaginário de língua na escrita de acadêmicos de Letras Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia
Concepções de texto: a heterogeneidade do objeto tomada a partir dos pressupostos da lingüística à análise do discurso Ana Zandwais
Relações entre cultura e ensino: um olhar discursivo sobre as políticas públicas para formação de professores Fabiele Stockmans De Nardi e Fabíola Ponzoni Balzan

Gestos interpretativos na configuração metodológica de uma FD Ercília Ana Cazarin
Os discursos de trabalhadores autogestionários Darlene Arlete Webler
A noção de pré-construído e seus desdobramentos no processo criativo do discurso publicitário Fábio Hansen
A oposição silêncio e interdito no funcionamento da linguagem e suas relações com a ideologia Noeli Tejera Lisboa
Funcionamentos discursivos de saturação e omissão na notícia em rede Solange Mittmann
Leitura e civilidade: um estudo discursivo de práticas de silenciamentos pela violência “costurada” no corpo infantil Carme Regina Schons
O papel do sujeito em uma enciclopédia on-line Gláucia da Silva Henge
Do discurso político às novas tecnologias: um percurso sobre o objeto de estudo da Análise do Discurso Evandra Grigoletto
SEÇÃO LIVRE Entrevista com Jean-Jacques Courtine RESENHA O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras, organizado por Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira e Solange Mittmann. Resenhado por: Márcia Dresch e Marilei R. Grantham

Quadro 15: Sumário revista Organon nº 48

Podemos observar que todos os doutores destacados em amarelo são formados na UFRGS e foram orientados das professoras Ana Zandwais, Freda Indursky e Maria Cristina Leandro Ferreira, conforme podemos observar na Figura 04 de nossa tese. Destacamos também, em verde, os textos das professoras do programa da instituição.

São elas Freda Indursky (que também apresenta o exemplar), Maria Cristina Leandro Ferreira⁸⁵, que é responsável pelo editorial da revista e que é professora do programa de pós-graduação da UFRGS desde 1995. Suas primeiras orientações de doutorado concluídas datam do ano de 2005, sendo as das professoras Elizabeth F. Dornelles e Evandra Grigoletto.

⁸⁵ A professora Maria Cristina Leandro Ferreira iniciou sua carreira acadêmico-profissional na UFRGS no ano de 1976, e defendeu seu mestrado em Letras nesta instituição no ano de 1982. No ano de 1994, defende sua tese na Unicamp, sob a orientação da professora Eni Orlandi.

Após pesquisarmos os títulos e sumários de todas as revistas Organon publicadas, destacamos que este é o exemplar da revista Organon o qual, em nosso entender, marca o lugar institucional da professora Ana Zandwais nos estudos em análise de discurso da UFRGS. Afirmamos isto apesar de a pesquisadora possuir texto publicado na edição nº 35 do ano de 2003, intitulada Discurso, língua e memória.

A pesquisadora referida possui textos em outros exemplares desta revista, tendo seu primeiro trabalho na revista Organon sido publicado no exemplar nº 23, intitulado o **Texto em perspectiva**, no ano de 1995. Vejamos o Quadro 16:

PERSPECTIVA EM LINGÜÍSTICA TEXTUAL

- O texto: construção de sentidos
Ingedore Grunfeld Villaça Koch
- O papel da seqüência temporal na coesão do texto
Ana Maria de Mattos Guimarães
- Homonímia, mundos textuais e humor
Luiz Carlos Travaglia
- Texto e contexto
Leci Borges Barbisan

PERSPECTIVA DA ENUNCIACÃO

- Texto e enunciação
Eduardo Guimarães
- Pseudoprovérbios e ditos sob a ótica enunciativa
Maria Lília Dias de Castro
- O discurso profético: condições de formação das relações hegemônicas entre o povo judeu, a partir de enunciações do velho testamento – a partir da análise do discurso profético
Ana Zandwais
- A ação lingüística na transformação dos discursos e dos espaços políticos
Eleni Jacques Martins
- Os processos metafóricos no vocabulário da inflação no Brasil
Maria Eugênia Malheiros-Poulet

PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO

- Texto e discurso
Eni Puccinelli Orlandi
- À propos de *on* en français: restrictions discursives et interpretation
Francine Mazière
- *Língua portuguesa e realidade brasileira*: o diretório de Pombal segundo Celso Cunha
Bethania Sampaio Corrêa Mariani
- A construção metafórica do povo brasileiro
Freda Indursky
- Né/Não é?: uma abordagem discursiva
Elza Maria Nitsche Ortiz

PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA

- A noção de texto na semiótica
José Luiz Fiorin
- *Le tournant modal* en semiotique
Jacques Fontanille
- O quase-texto sobre a visibilidade na expressão literal
Ione M. G. Bentz
- Preconceito e separatismo no discurso: um discurso separatista gaúcho
Diana Luz Pessoa de Barros
- Engano e desengano: os textos da ironia na fábula
Edward Lopes e Helenice B. Trigo
- Da prática significante lexicográfica
Maria da Graça Krieger

SEÇÃO LIVRE:

- O amor mudou de endereço: uma análise das transformações do conceito de amor no discurso Cinematográfico- Elizabeth Bastos Duarte

RESENHA: • BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica* - Ione M. G. Bentz

Nesta edição (nº 23), o texto apresenta diferentes perspectivas teóricas, e Ana Zandwais escreve sob a perspectiva da enunciação, conforme sumário apresentado no Quadro 16. Coube à professora Freda Indursky apresentar a perspectiva da análise do discurso, no que se refere a professores da UFRGS.

Zandwais também possui textos na Organon nº 25 – **A língua Materna: o ensino em processo**, de 1997. E na revista Organon nº 32/33, de 2002, intitulado: **Os estudos enunciativos: a diversidade de um campo**, organizado pelos professores Valdir Flores e Carmem Lucia Costa e Silva. Este número também contava com textos da professora Leci Barbisan (*Polifonia e evolução do conceito em Oswald Ducrot*) e outros ex-orientandos da mesma, como as professoras Vera Lúcia Pires, Marlene Teixeira e Elza Maria Nietsch Ortiz.

Ao retomarmos esta relação acadêmica de orientação entre a professora Ana Zandwais e a professora Leci Barbisan, trazemos a apresentação da revista Letras de Hoje do ano de 1991 e o sumário da mesma:

Recorte 3⁸⁶:

*“Este número de LETRAS DE HOJE fala de discurso. Os artigos aqui apresentados resultam de estudos feitos por **Mestrandos e Doutorandos do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**. Pretendeu-se a partir de uma **introdução aos pressupostos teóricos da Análise do Discurso na linha francesa**, a seguir, chegar-se à aplicação desses pressupostos a discursos políticos, a discursos cristãos, à leitura em âmbito escolar. O último artigo analisa discursos infantis na perspectiva semiolinguística do discurso proposta por Patrick Charaudeau. Espera-se que estes estudos tragam algum proveito a pessoas interessadas por esta área da Linguística”. Leci Borges Barbisan.*

Este exemplar, do ano de 1991, é o primeiro da PUCRS dedicado exclusivamente aos estudos do discurso, e conforme o texto de apresentação, os trabalhos que o compõem são resultados de uma “introdução aos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa”. Nesta edição, possuem textos duas então doutorandas sob a orientação da professora Leci, Ana Zandwais e Aracy Ernest Pereira, e uma mestranda, Alejandra Molinas. Além delas, também tiveram seus textos

⁸⁶ Grifos nossos.

publicados as doutorandas Margareth Axt e Regina Mutti, conforme podemos observar no Quadro 17:

<p>Sumário:</p> <p>Aracy Ernest Pereira – Uma introdução à Análise do Discurso</p> <p>Alejandra S. Bentolilla de Molinas – A modernidade, a Análise de Discurso e a dispersão do sujeito</p> <p>Ana Zandwais – Um processo comum de interpelação da sociedade cristã, investigado a partir dos pressupostos da Análise do Discurso</p> <p>Regina Maria Varini Mutti – Uma aplicação da Análise do Discurso à leitura e análise de textos.</p> <p>Margaret Axt – História mensageira...computador mediador; uma análise semiolinguística do discurso infantil na narrativa</p>

Quadro 17: Sumário Revista Letras de Hoje, jun 1991.

Para tentar apresentar o lugar destes sujeitos que constituem/constituíram a Análise de Discurso no RS, optamos por apresentar estas duas revistas, a Organon e a Letras de Hoje. Embora saibamos que estas se caracterizam diferentemente dos arquivos apresentados em nossa tese, os quais possuem uma forte chancela institucional, entendemos, a partir de Scherer (2003, p.80), que através das revistas

[..] pesquisadores, grupos de pesquisa, estudantes de pós-graduação e professores universitários mantêm uma ligação estreita entre o que se faz em pesquisa e entre a teoria e a prática. Toda a revista é coletiva por natureza, mesmo que pertença a uma só instituição universitária.[...] Ela é quase sempre organizada por intelectuais de importância, na sua área e estes procuram desenvolver seus produtos para uma massa de leitores-consumidores visando sempre instituir/firmar às necessidades do campo simbólico de seus instrumentos culturais e acadêmicos.

Para nós, estas revistas dão pistas efetivas da disciplinarização da AD e dos efeitos de sentido produzidos, pois nelas estão presentes como autores aqueles que, de alguma forma, são levados a trabalhar sob a perspectiva teórica da AD, e aqueles a quem é permitido dizer sobre os estudos do discurso algo que vai além da ordem institucional, mesmo que sendo ligada a uma instituição específica, mas que dá espaço a produção dos sujeitos pesquisadores.

A revista Letras de Hoje traz, principalmente, textos oriundos de disciplinas ministradas pela professora Leci Barbisan (mas não textos escritos por ela nesta perspectiva) e textos de autores como Ducrot e Authier-Revuz. Já a revista Organon apresenta tanto textos de professores do programa da UFRGS como também de pesquisadores de outras instituições nacionais, como Eni Orlandi, Bethania Mariani, Maria Onyce Payer entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão teórico-analítica sobre designação e nomeação, mesmo não sendo o foco principal desta tese, sempre permeou nossas pesquisas, razão pela qual ela retorna em vários momentos de nosso trabalho. Inicialmente, o que nos interessava era o movimento nas nomeações, designações e, conseqüentemente, a significação da disciplina de AD no RS.

Cabe ressaltar, como já havíamos colocado, que utilizamos como pressuposto teórico, para tratarmos desta questão da nomeação e designação, os estudos de Guimarães (1995, 2002). O autor, ao tratar da referência de um nome próprio, afirma que esta ‘resulta do sentido do nome constituído por seu funcionamento no acontecimento enunciativo’. Para Guimarães (2005), este acontecimento constitui o próprio passado, isto é, o que um nome refere hoje é o que uma nomeação passada nomeou.

Tomando tal afirmação em consideração, e transpondo essa questão dos nomes próprios de pessoas para o nome de uma disciplina, entendemos que os sentidos dados por determinada disciplina e o que ela significa em determinada instituição, em determinada época, é resultado de “toda sua história de nomeações, renomeações e referências realizadas com suas temporalidades próprias” (GUIMARÃES, 2002, p.42).

Considerando isto, ao retomarmos nossa questão de tese sobre os efeitos de sentido produzidos na disciplinarização de uma teoria, compreendemos que, para o entendimento da mesma, as nomeações e designações das disciplinas são tão importantes quanto a história (social e profissional) dos sujeitos envolvidos, quanto a configuração disciplinar apresentada em cada uma das instituições. Todos estes aspectos contribuem para a produção dos efeitos de sentido sobre a constituição

disciplinar da Análise de Discurso, pois formam uma rede de dados, fatos, informações que, ao serem interpretadas por diversos sujeitos, significam de forma diversa.

Na PUCRS, a disciplina Análise de Discurso é nomeada, renomeada, designada, significada, ressignificada no decorrer de mais de uma década de existência, na qual, de acordo com os arquivos que nos foram disponibilizados, foi ministrada por uma única professora. Nesse sentido, entendemos que a trajetória acadêmico-profissional desta professora, de alguma forma, produz efeitos nesta alternância, nesta movência de sentidos⁸⁷.

Embora saibamos que a instituição determina o que pode ou não ser dito e quais disciplinas serão ofertadas, e que saibamos, ainda, que as ementas destas disciplinas passam por uma chancela institucional, a instituição não controla totalmente os sentidos do que é dito, não controla a interpretação que é dada a cada ementa, o que ocorre no interior de uma sala de aula, enfim, não controla os discursos produzidos.

Na UFRGS, a disciplina Análise de Discurso está relacionada, principalmente, com uma relação de filiação teórica-analítica a uma Análise de Discurso de linha francesa, postulada, no Brasil, pela professora Dr. Eni Orlandi. Afirmamos isso não só porque duas das primeiras professoras da disciplina, de acordo com os arquivos que possuímos, tenham tido suas teses de doutorado orientadas pela referida professora, mas, principalmente, porque, ao analisarmos os programas e as bibliografias da disciplina Análise de Discurso, (conceitos mobilizados, autores selecionados e nomeações de disciplinas), conseguimos observar essa relação de proximidade teórica muito presente.

O recorte apresentando nesta tese constitui o nosso olhar sobre esse processo de disciplinarização; outros sujeitos podem recortar diferente, ou até mesmo recortar da mesma maneira, porém interpretarão de maneira diversa da nossa. E isto porque entendemos, conforme Orlandi (2002, p. 50), que “os sentidos não se esgotam de

⁸⁷ Mais informações a este respeito podem ser encontradas na entrevista concedida pela professora Leci Barbisan, na coleção *Fragmentum*, n. 24. Trecho: “Quando a gente trabalha em uma instituição, a gente, de certo modo, tem que fazer aquilo de que a instituição precisa (...) passei por várias áreas(...) **Sociolinguística, Análise da Conversação**, (...) passei também pela **Linguística do Texto até chegar a Análise de Discurso**. (...) aos poucos, eu fui conhecendo a teoria do professor Ducrot. Estudo, já há bastante tempo, a Teoria da Argumentação na Língua, a Semântica Linguística. **Semântica Linguística**” (2010, p.16).

imediatos”. Assim, os dizeres, os arquivos, as histórias de vida e profissionais produzem “efeitos diferentes para diferentes interlocutores” (ib).

Ingenuamente, passamos anos deste doutorado tentando fugir da nossa dissertação, fugir dos nossos trabalhos anteriores, tentando ser e fazer diferente, buscar diferentes sentidos, porém, a todo o momento éramos interpelados por estes trabalhos. No último seminário Corpus (dezembro de 2011), as professoras Carme Schons e Elizabeth Dornelles questionaram sobre os sujeitos que foram formados nas instituições pesquisadas PUCRS e UFRGS e, neste momento, entendemos (embora já soubéssemos teoricamente) que a história não pode ser compartimentada, que são todos estes elementos (sujeitos, programas, história da instituição, ementas, etc.), relacionados, que contribuem para a produção de sentidos sobre a disciplinarização da Análise de Discurso.

Portanto, o trabalho que aqui se apresenta é resultado destas idas e vindas sobre o arquivo, sobre a história, sobre a formação de um pesquisador na área de Letras.

De acordo com Scherer (2008, p. 140), “é impossível pensar a ciência sem o sujeito e sem a história do conhecimento” pois, para a autora, “ambos são constitutivos de nossa emancipação intelectual. Essa afirmação permeia todo nosso trabalho de tese, embora muitas vezes, na busca da objetividade, da não tomada de posição, na busca de um rigor científico que se espera da escrita de uma tese, tenhamos tentado fugir da história dos sujeitos que ministraram a AD no RS.

Ao término desta etapa do trabalho, o que podemos afirmar é que nossa fuga foi em vão, pois, como é possível perceber na leitura de nosso texto, o sujeito “teima em aparecer” a todo o momento. Mesmo ao deixarmos de considerar entrevistas pessoais com esses sujeitos e selecionarmos como objeto de nossa pesquisa programas e ementas de disciplinas, o sujeito continuava presente, em suas escolhas, em seus posicionamentos ao selecionar autores e bibliografias de disciplinas.

Fazer a história de uma disciplina, investigar os efeitos de sentido produzidos durante a disciplinarização de uma teoria não é tarefa fácil, principalmente se estamos nos referindo a uma teoria que está em constante formulação (re)formulação como a

AD, e que os sujeitos que movem, fazem e são a história desta disciplina (são responsáveis por sua institucionalização e sua disciplinarização) ainda estão atuando, ainda estão formulando, reformulando conceitos, movendo-se e deslocando-se no campo das ciências da linguagem. Entretanto, tomamos para nós esta tarefa, pois acreditamos ser possível, e necessário, contarmos essa história, do interior dela mesma, no momento que ela está sendo produzida, podendo dialogar com os personagens dessa história, mesmo que indiretamente, a partir de cada documento analisado, cada texto que vai sendo produzido por estes sujeitos e que marcam seu posicionamento (re) posicionamento diante da teoria.

Muitos analistas de discurso têm se dedicado a escrever, contar, formular a história da AD no Brasil. Entretanto, há entre estes aqueles que consideram que a história desta disciplina no país seria melhor contada por sujeitos não partícipes da mesma. Vejamos a seguinte afirmação:

A produção de um discurso sobre a formação e o desenvolvimento da Análise do discurso no contexto brasileiro tem sido empreendida por pesquisadores que participaram e participam como protagonistas dessa história. Ao número expressivo de versões dessa história corresponde um conjunto também diversificado de interpretações que variam de acordo com as preferências teóricas e/ou com conveniências institucionais. Talvez por isso fosse interessante que no futuro pudéssemos contar com uma história da Análise do discurso em nosso país escrita por um 'outro', que considerasse de outro modo as especificidades de sua implantação inicial, as trocas com os pesquisadores franceses, quando dos primeiros desenvolvimentos, as articulações entre os grupos de pesquisa, os supostos e os efetivos deslocamentos das idéias. Por enquanto, o que temos são analistas do discurso brasileiros fazendo e contando a história da AD no Brasil⁸⁸ (Piovezani e Sargentini, 2011, p. 10).

Posicionamo-nos de maneira diferente dos autores (ib), pois para nós que trabalhamos com arquivos, com dados, com fatos, dentro de uma perspectiva que articula a HIL e da AD, embora saibamos que em nossas análises estamos apresentando “gestos de leitura”, uma versão da história, uma maneira de interpretar estes documentos, fazemo-lo de maneira séria e com rigor metodológico, buscando não trazer interpretações tendenciosas, que variam “de acordo com as preferências teóricas e/ou com conveniências institucionais”.

⁸⁸ Grifos nossos.

Tanto que, muitas vezes, ao decorrer de nosso trabalho, ao perscrutarmos a nomeação das disciplinas nas instituições, a ideia pré-concebida que tínhamos de encontrar institucionalizado o lugar de pesquisadores que sabidamente fazem a AD a qual nos filiamos, não foi concretizada. Pois, mesmo trabalhando nas instituições pesquisadas, estes pesquisadores nem sempre estão relacionados com a docência nestas disciplinas nomeadas como AD.

Muitas vezes questionamo-nos: e o professor X? Ele está lá, ele produz AD? Ele é analista de discurso, mas onde ele está nestes programas? Onde ele aparece? Para nós, isso era e ainda é um dilema. Como dar visibilidade em nosso trabalho a esses pesquisadores, como dar lugar a alguém que está lá, que é o sujeito pesquisador em AD, mas não tem seu lugar legitimado nos documentos institucionais que constituem o arquivo de nossa pesquisa.

Neste momento, nos é pertinente a discussão levantada por nossa orientadora no texto “Dos domínios e das Fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar” (Sherer, 2008), no qual a mesma afirma que “a produção do conhecimento não se dá em linha reta, de forma retilínea. Produzir ciência é produzir conhecimento em uma certa ordem, em uma certa época, em certas condições de produção [...] Produzir conhecimento é um trabalho permanente de demarcação de lugar, de lugares” (p. 133) .

Não queremos dizer com isso que nossa tese tem o objetivo de demarcar lugares, mas sim de trazer à tona tanto os lugares já demarcados e estabilizados como aqueles que foram/são apagados e como estes produzem efeitos de sentido na história da disciplinarização da AD no RS.

Para tanto, buscamos conceber este trabalho em consonância com Ferreira (2009, p.31), conforme já citado anteriormente, na parte I desta tese, entendendo que “o analista não conta, simplesmente, a história; ele faz uma história [...] Disso não decorre que não há já rigor teórico e metodológico para se fazer história”. Ainda, na esteira da autora (ib), entendemos que “Não é possível sair de todas as evidências, mas é preciso poder desestabilizar as evidências históricas daquilo que se vai tomar como objeto de estudo”.

Assim, buscamos desestabilizar as evidências trazidas pelos documentos e pela história, sem, no entanto, tentar impor nosso gesto de interpretação como uma verdade única. Tentando oportunizar que um outro olhar para a história sobre a constituição dos estudos do discurso em nosso estado seja possível é que escrevemos esta tese.

Com isso, reafirmamos nossa posição de que não queremos instituir o lugar de um pesquisador específico, mas sim dar visibilidade à história destes pesquisadores, pois a história destes está vinculada à história da disciplinarização de uma Teoria. E, este entendimento se deu a partir da escrita de nossa tese e da análise dos documentos institucionais oficiais que muito nos “diziam”, mas muito também nos “escondiam”, pois, agora efetivamente, conseguimos compreender o dizer de nossa orientadora, Amanda Scherer, quando esta afirma que “história nenhuma se faz sem sujeito”.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, C. **A pesquisa Linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.
- AUROUX, S. **A questão da origem das línguas, seguido da historicidade das ciências**. Campinas, Editora RG, 2008.
- _____. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- BALDINI, L. **Um linguista na terra da gramática**. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2005.
- BARROS, D. I. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: Brait, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: EDIUNICAMP, 2005. P. 37-46
- BENVENISTE, E. *Saussure após meio século*. In: ____ **Problemas de Linguística Geral**. Campinas, 1988. P. 34-49. Edição original, 1966.
- BRÉAL, M. **Ensaio de Semântica – Ciência das significações**. Campinas, 2. Ed., Editora RG, 2008.
- CASTILHO, A. T. A reforma dos Cursos de Letras (p. 05-38) **Revista Alfa**. Março de 1963.
- CERVO, L. **O lugar da Linguística e da Língua como objeto de divulgação**. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, 2008.
- COURTINE, J.J. Análisis del discurso político (el discurso comunista dirigido a los cristianos). Trad. Cast.: María del Carmen Saint-Pierre. [Traduzido de: Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens]. In: **LANGAGES**. Jun 1981. Disponibilidade em: <http://pt.scribd.com/doc/7061487/Courtine-JJ>].
- COSERIU, E. **Lecciones de Linguística General**. 2. Ed. Madrid : Gredos, 1999.

CHISS, J.-L & PUECH C.L. **Le langage et ses disciplines XIX – XX siècles**. Paris/Bruxelles. Editions Duculot, 1999.

CHISS, J.-L. Didactique des langues et disciplinalisation. In: MARQUILLÓ LARRUY, M. (dir.). *Questions d'épistémologie en didactique du français (langue maternelle, langue seconde, langue étrangère)*. Poitiers: **Les Cahiers FORELL** – Université de Poitiers, pp. 159-163, 2001

DIAS, L. F.. *Resistência e Desafio: Traços do Pensamento de Pêcheux no Brasil*. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista (BA), v. 1, n. 1, p. 113-118, 2005.

_____. **Os sentidos do idioma nacional: as bases enunciativas do nacionalismos linguístico no Brasil** . 161 f. Tese (Doutorado em Letras) – Unicamp, 1995.

DOSSE, F. **História do Estruturalismo**. V.1: o campo do signo – 1945-1966/tradução Álvaro Cabral.São Paulo: Ensaio; Campinas, Editora da Unicamp, 1993.

FARACO, C. *Estudos pré-saussurianos*. In: **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, v.3/ Mussalin, F. e Bentes A. (orgs). São Paulo: Cortez, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes e Molina, Márcia Antônia Guedes. História das ideias linguísticas: origem, método e limitações. *Revista da ANPOLL no. 16*. São Paulo, Humanitas/ FFLCH/USP, jan./jun. 2004, pg. 131 a 146.

FERREIRA, M.C.L. Análise do discurso no Brasil: notas à sua história. In: FERNANDES, C; SANTOS, J.B.C. (orgs.). **Percursos da análise do discurso no Brasil**. p. 11-22. São Carlos: Claraluz, 2007.

FIORIN, J. L. A criação dos cursos de Letras no Brasil e as primeiras orientações de pesquisa Linguística universitária. In: **Revista Língua e Letras**. p. 11-25 Vol 7, n.2. 1º sem 2006. Disponível em <http://www.unioeste.br/saber>.

GADET, F. Jakobson sob o pavilhão saussuriano In: **Relatos**. Publicação do Projeto Histórias das ideias linguísticas no Brasil: ética e política das línguas. Campinas, SP: Unicamp; São Paulo: USP, junho de 2000, p. 33-41.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível: o discurso na história da línguística**. Traduzido por Bethania Mariani e Maria Elisabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004. Edição original: 1981.

GREGOLIN, M.R. **Michel Pêcheux e a história epistemológica da Linguística**. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, BA, v. 01, p. 99-111, 2005.

_____. *Tempos Brasileiros: percursos da Análise do Discurso nos desvãos da história do Brasil*. In: Cleudemar Alves Fernandes; João Bosco Cabral dos Santos. (Org.).

Percursos da Análise do Discurso no Brasil. São Carlos: Claraluz, 2007. v. 01, p. 23-46.

GUIMARÃES, E. ORLANDI, E.P. Apresentação. In: GUIMARÃES E.; ZOPPI-FONTANA (orgs). **A Palavra e a Frase – Introdução às ciências da linguagem.** Campinas: Pontes, 2006.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido: Um estudo Histórico e Enunciativo da Linguagem.** Pontes: Campinas, 2005.

_____. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação.** Campinas, SP: Pontes, 2005a

_____. **História da Semântica – Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil.** Campinas: Pontes, 2004.

_____. *A Linguística é uma ciência Histórica?* . In: ____ **Ensaio de Semântica: Ciência da Significação/** Bréal, M. 2. Ed., Editora RG, 2008.

_____. Para uma História dos estudos sobre linguagem. In: **Língua e instrumentos linguísticos/UNICAMP.** Campinas, SP: Ed Pontes: 2002, p. 115-124.

_____. **Uma política da língua em Said Ali.** Boletim Informativo da ANPOLL, São Paulo, n. 8, p. 21-36, 2000.

_____. Política científica e produção do conhecimento no Brasil (Uma aliança tecnológica?). In: Eduardo Guimarães (org.). (Org.). **Produção e circulação do conhecimento.** Campinas: Pontes, 2003, v. v.1-2, p. 193-200.

INDURSKY, F. De ocupação a invasão: efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso.** Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999. p. 173-186.

_____. Reflexões sobre a Linguagem de Bakhtin à Análise do Discurso. In: **Língua e Instrumentos Linguísticos.** Nº 4/5. Dez 1999/Julho 2000, p. 69-85

_____. A Ideologia em Bakhtin e em Pêcheux: um estudo em contraponto. In: Zandwais A. Mikhail Bakhtin: contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005.

JAKOBSON R. **Linguística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 1969.

_____. **Linguística, poética, cinema.** São Paulo: Perspectiva, 1979

JAKOBSON, R.; POMORSKA, K. **Diálogos.** São Paulo: Cultrix, 1985

LAGAZZI-RODRIGUES S. O político na linguística: Processos de legitimação e institucionalização. In: ORLANDI, E. P. (org) **Política linguística no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 2007

LUZ, M. Linguística e Ensino: nos entremeios de discursos. Santa Maria> UFSM, 2010 (tese de doutorado inédita)

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: **Gestos de Leitura: da História no discurso**. ORLANDI, Eni (org) [et al]. trad. de Bethania Mariani [et al]. 2. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.p. 15-29

____. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Orlandi, E.P. Campinas, SP: Pontes, 2003

____. GUILHAUMOU. J. Efeitos do arquivo. Análise do discurso no lado da história. In: **Gestos de Leitura: da História no discurso**. ORLANDI, Eni (org) [et al]. trad. de Bethania Mariani [et al]. 2. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.p. 163-188

MARIANI, B. Uma Análise do Discurso Desejante. In: NAVARRO, P. (org). **O Discurso: nos domínios da linguagem e da história**. P. 43-58. São Carlos: Claraluz, 2008.

____. Silêncio e metáfora, algo para se pensar. Revista Trama (Cascavel), v. 03, p. 55-71, 2007.

____. Por que ler Roman Jakobson na atualidade. In: SCHERER, Amanda E. (Org.). **Memórias em 3ª pessoa**. (no prelo).

MARTINS, T. **Emergência, movimento e deslocamento da disciplinarização da Análise de Discurso no RS**. Dissertação (Mestrado em Letras/Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

____. Produção de conhecimento: instituição e/ou sujeito? In: Martins (org) História das Ideias Linguísticas no Sul e os Estudos do Discurso. **Fragmentum n. 24**. jan/mar 2010. Santa Maria, RS: UFSM/PPGL/Laboratório Corpus.

MAZIÉRE, F. **Análise do Discurso: história e práticas**. Trad. Marcos Marcolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NUNES, J. H. . A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: F. Indursky; M. C. L. Ferreira. (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2007, v. , p. 99-104.

____. Um espaço ético para pensar os instrumentos linguísticos: o caso do dicionário.” In: **Política Linguística no Brasil**, por E. P. ORLANDI, 163-181. Campinas: Pontes, 2007a.

____. Leitura de Arquivo: Historicidade e compreensão; In: **Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. F. Indursky; M. C. L. Ferreira. (Org.), 373-389. São Carlos: Claraluz, 2007b

____. Uma articulação da Análise de Discurso com a História das Ideias Linguísticas. In: **Letras/Universidade Federal de Santa Maria. CAL. PPGL**, [org] Amanda Eloina Scherer e Verli Petri. Nº 37 (Jul/dez 2008), p. 107-124

ORLANDI, E.P. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996

____. Conhecimento de linguagem e filosofias espontâneas. In: Indursky, F; FERREIRA, M.C.L. (orgs). **Os múltiplos territórios da Análise de Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999. (p.53-59)

____. **Língua e conhecimento linguístico: para uma História das Ideias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002

____. A análise do discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, jan/jun.2002.a

____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5.Ed. Campinas: Fontes, 2002b

____. “Ir ao Congresso: fazer história das ideias linguísticas?” em Orlandi, E. P. & E. (orgs) **Institucionalização dos Estudos da linguagem – a disciplinarização das ideias linguísticas**. Pontes, Campinas, 2002c

____. **Discurso e texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

____. Mikhail Bakhtin em M. Pêcheux: no risco do conteudismo. In: Brait, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: EDIUNICAMP, 2005a. P. 37-46

____. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E.P.; RODRIGUES, S.L. (orgs) **Introdução às ciências da Linguagem – Discurso e Textualidade**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

____. **Política Linguística no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2007.

_____. A análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: In: F. Indursky; M. C. L. Ferreira. (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2007, v. , p. 75-88

_____. **Terra à Vista** – Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo. 2.Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

PFEIFFER, C.C. A Linguística nas associações: um recorte discursivo de sua institucionalização. Uma questão de política linguística. In: ORLANDI, E. P. (org) **Política linguística no Brasil**. Campinas: Pontes, 2007.

_____. **Linguística e Institucionalização no espaço brasileiro**. 2009. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlm/Claudia%20Pfeiffer.pdf>>. Acesso em: 13 set.2010.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2.Ed. Traduzido por Eni P. Orlandi [et al]. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009. Edição original: 1975.

_____. **O Discurso**. Estrutura ou Acontecimento. 3.Ed. Traduzido por Eni P. Orlandi. Campinas: Ed. Pontes, 2008. Edição original: 1988.

_____. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK. T. (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993, p. 61-162. Edição original: 1975.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (org.). **Gestos de Leitura**. Da História no Discurso. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. Edição original: 1982.

_____. Delimitações inversões, deslocamentos. In: **Cadernos de Estudos lingüísticos**, 19. Campinas, IEL, Unicamp, 1990.

_____. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. Traduzido por Anan Maria Dischinger e Heloisa Monteiro Rosário. In: **Cadernos de Tradução**, n. 01. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998. Edição original: 1983.

PETRI, V. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário**. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

_____. Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60. **Expressão** (Santa Maria), v. 1, p. 186-192, 2006.

_____. **Emergência da Ideologia, da História e das condições de produção no prefaciamento de dicionários.** In: INDURSKY, F. e FERREIRA, MC. (orgs). O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009.

_____. Por um aceso fecundo ao arquivo. In: **Revista Letras.** Programa de Pós-graduação em Letras. UFSM. Nº 21, Jul/dez, 2000, p. 121-127.

_____. Romance das palavras ou um dicionário diferente: considerações sobre gramatização e a obra de Celso Pedro Luft. In: **Fragmentum n.28**, jan/mar 2011. Santa Maria, RS: UFSM/PPGL/Laboratório Corpus

PUECH, C. Entrevista. In: *Cogitare* (texto no prelo)

RODRIGUES, A. D. . **A obra científica de Mattoso Câmara Jr.** Revista de Estudos da Linguagem, Vitória da Conquista, BA, v. 2, p. 11-28, 2005

SARGENTINI, V. **Os estudos do discurso e nossas heranças: Bakhtin, Pêcheux e Foucault.** In: Estudos Lingüísticos XXXV, p. 181-190, 2006. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/vmos.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2009.

_____. **A noção de Formação Discursiva: uma relação estreita com o corpus na análise do discurso.** In: texto apresentado no II SEAD, 2005. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/vanicesargentini.pdf>>. Acesso em 10 out. 2010.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** 32.Ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SCHLIEBEN-LANGE, B. **História do Falar e História da Linguística.** Trad. F. Tarallo [e tall]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

SCHERER, A. E. Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. In: SARGENTINI, V. e Gregolin, M. R. (Orgs). **Análise do discurso: heranças, métodos e objetos.** São Carlos: Claraluz, 2008. p. 131-142.

_____. As inquietudes discursivas de um orientador. In: Letras, BRUM DE PAULA, SCHERER, A. E., PARAENSE, S. (orgs). N.21 (jul/dez. 2000), Santa Maria, RS. p. 11-19

_____. A História e a memória na constituição do discurso da Linguística Aplicada no Brasil. In: Maria José Coracini; Ernesto Sergio Bertoldo. (Org.). **O desejo da teoria e a contingência da prática: discurso sobre/na sala de aula.** Campinas: Mercado de Letras, 2003, v., p. 061-084.

_____. Linguística no sul: estudo das idéias e organização da memória. In: Guimarães E. e Brum-de-Paula (orgs). Campinas: Pontes Editores, 2005. P. 09-26

_____. SCHERER, A.E e PETRI, V. Le mouvement et les déplacements des études sur le discours à partir des années 80 et leur disciplinarisation: le cas brésilien. 2010 (texto inédito)

_____. Discours ou discourse: invention, configuration, transmission et disciplinarisation au Brésil. Letras (UFSM), v. 18, p. 9-18, 2009.

SCHNAIDERMAN. B. **Semiótica Russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979,

SÉRIOT, P. Bakhtin no contexto: Diálogo de vozes e hibridação das línguas (o problema dos limites) In: Zandwais. A (org.) Ensaio de Mikhail Bakhtin: Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005.

SÉRIOT, P. **Structure et totalité: Les origines intellectuelles du structuralisme en Europe centrale et orientale**. Paris: Press Universitaires de France, 1999.


SILVA, M.V.da. A disciplinarização da Linguística: Ciência de Estado. Texto apresentado no Congresso ABRALIN, Brasília, 2005. Disponível em <http://www.mestradopga.ucb.br/sites/100/118/00000108.pdf>.

SOUZA SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 2003.


ANEXOS

ARQUIVO PUCRS

ANEXO 1- Bibliografias AD 1987

 <p>PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE LETRAS E ARTES CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA E LETRAS Av. Ipiranga, 6611 - Caixa Postal 1420 Tel. 36-9400 - Telefax (051)3349 90920 Porto Alegre - RS Brasil</p> <p>DISCIPLINA: Análise do Discurso PROFESSOR : Leci Borges Barbisan PERÍODO : 1º semestre de 1987</p> <p><u>Conteúdos</u></p> <p>Conceito de "discurso". Abordagens do discurso: lexicológica e sintática. A enunciação. A gramática de texto. O texto político. O texto publicitário. A análise de conversações.</p> <p><u>Bibliografia</u></p> <ol style="list-style-type: none"> BROWN & YULE. <u>Discourse analysis</u>. Cambridge, Cambridge University Press, 1983. CHARAUDEAU, P. <u>Langage et discours</u>. Paris, Hachette Université, 1983. GOFFMAN, <u>La mise en scène de la vie quotidienne</u>. Paris, Minit, 1973. _____. <u>Les rites d'interaction</u>. Paris, Minit, 1974. GUESPIN. Types de discours ou fonctionnements discursifs? <u>Langages</u>. Paris, Larousse, 41, mars 1971. GUMPERZ. <u>Discourse strategies</u>. Cambridge, Cambridge University Press, 1982. KERLEROUX. Le marché, une routine commerciale transformée par le jeu. <u>Langage et société</u>. LEVINSON, S. <u>Fragmatics</u>. Cambridge, Cambridge University Press, 1983. MAINGUENEAU, D. <u>Initiation aux méthodes de l'analyse du discours</u>. Paris, Hachette, 1976. _____. <u>Approche de l'énonciation en linguistique française</u>. Paris, Hachette Université, 1981. MALCOLM, C. & MONTGOMERY, M. <u>Studies in discourse analysis</u>. London, Routledge & Kegan Paul, 1981. 	<ol style="list-style-type: none"> ORLANDI, E.P. <u>A linguagem e seu funcionamento</u>. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983. PROVOST, G. Approche du discours politique: "socialisme" et "socialiste" chez Jaurès. <u>Langages</u>, Paris, Didier, Larousse, 13, mars 1969. ROBIN, E. <u>História e linguística</u>. São Paulo, Cultrix, 1977. SCHEGLOFF. Sequencing in conversational openings. In GUMPERZ & HYNES, org. <u>Directions in sociolinguistics</u>. New York, Holt Rinehart and Winston Inc., 1972. VAN DIJK, T.A. <u>Gramáticas textuais e estruturas narrativas</u>. In CHABROL, C. et alii, org. <u>Semiótica narrativa e textual</u>. São Paulo, Cultrix, 1977. WATZLAWICK et alii. <u>Une logique de la communication</u>. Paris, Seuil, 1972. <p>REVISTAS:</p> <ol style="list-style-type: none"> <u>Langages</u>. Paris, Larousse, 62, juin 1981. <u>Langages</u>. Paris, Larousse, 70, juin 1983. <u>Langages</u>. Paris, Larousse, 71, sept, 1983. <u>Langue Française</u>. Paris, Larousse, 9, fév. 1971. <u>Langue Française</u>. Paris, Larousse, 38, mais 1978. <u>Langue Française</u>. Paris, Larousse, 42, mai 1979 <u>Pratiques</u>, Metz, Université de Metz, 28, oct. 1980. <u>Pratiques</u>. Metz, Université de Metz, 30, juin 1981. <u>Communications</u>. Paris, Seuil, 30, 1979.
---	--

Bibliografia AD1987 a

 <p>PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE LETRAS E ARTES CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA E LETRAS Av. Ipiranga, 6611 - Caixa Postal 1420 Tel. 36-9400 - Telefax (051)3349 90920 Porto Alegre - RS Brasil</p> <p>DISCIPLINA: LECI BARBISAN DISCIPLINA: ANÁLISE DO DISCURSO PROFESSOR : LECI BARBISAN PERÍODO: 1º/1987</p> <p>PROGRAMA</p> <p>Sujeito e sentido. Vozes. Polifonia. A ironia. O discurso relatado. A heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. O outro no discurso.</p> <ol style="list-style-type: none"> AUTHIERREVUZ, J. Heterogénéité montrée et heterogénéité constitutive. <u>DRLAV</u>. 26, 1982. _____. La mise en scene de la communication dans les discours de vulgarisation scientifique. <u>Langue Française</u> 53, fev. 1982. _____. Hétérogénéité(s) énonciative(s). <u>Langages</u> 73, mar 1984. BARHTIN, M. <u>Marxismo e filosofia da linguagem</u>. São Paulo, Hucitec, 1979. _____. <u>Problemas da poética de Dostoievski</u>. Rio de Janeiro, Forense Universitária 1972. _____. <u>Estética de la creación verbal</u>. México, Siglo Veintiuno, 1982. BENVENISTE, E. <u>Problemas de linguistique générale</u>. Paris, Gallimard, 1966. DUROT, O. Analyse de textes et linguistique de l'énonciation. In <u>Les mots du discours</u>. Paris, Minit, 1980. _____. L'argumentation por autorité. In <u>L'argu - mentation</u>. Presses Universitaires de Lyon, 1981. FIORIN, J.L. <u>O regime de 1964: discurso e ideologia</u>. São Paulo, Atual, 1980. FOUCAULT, M. <u>A arqueologia do saber</u>. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987. _____. <u>L'ordre da discours</u>. Paris, Gallimard, 1971. GARDIN, R. Discours patronal et discours syndical. <u>Langage</u> 41, mar. 1976. 	<ol style="list-style-type: none"> GRESILLON, A. & MAINGUENEAU, D. Polyphonie, Proverbe peut en autre. <u>Langages</u> 73, mar. 1984. GUIMARÃES, E. Emenciação, polifonia e argumentação. In <u>texto e argumentação</u>. Campinas, Pontes, 1987. GUIMARÃES, E. <u>História e sentido na linguagem</u>. Campinas, Pontes, 1989. KOCH, I.G.V. Argumentação e autoridade polifônica. <u>Letras de Hoje</u> 52, jun. 1983. MAINGUENEAU, D. <u>Genèses du discours</u>. Bruxelles, Pierre Margada, 1984. _____. <u>Novas tendências em análise do discurso</u>. Campinas, Pontes, 1989. ORLANDI, E.P. <u>A linguagem e seu funcionamento</u>. São Paulo, Cortez, 1983. _____. Destrução e construção do sentido (um estudo da ironia). <u>Série Estudos</u> 12. Uberaba, 1986. _____. <u>Discurso e leitura</u>. São Paulo, Cortez, 1988. _____. Ilusões na (da) linguagem. In TRONCA, J.A. org. <u>Foucault ao vivo</u>. Campinas, Pontes, 1987. ORLANDI, E.P. GUIMARÃES, E., TARALHO, F. <u>Vozes e contrastes</u>. São Paulo, Cortez, 1989. PÊCHEUX, M. <u>Hacia um análisis automático del discurso</u>. Madrid, Cátedra, 1975. _____. <u>Semântica e discurso</u>. Campinas, Editora da Unicamp, 1988. POSSENTI, S. <u>Discurso, estilo e subjetividade</u>. São Paulo, Martins Fontes, 1988. SIMONIN, J. Les plans d'énonciation dans Berlin Alexander - platz de Döblin. <u>Langages</u> 73, mar. 1984. TODOROV, T. <u>Mikhail Bakhtine, le principe dialogique</u>. Paris, Seuil, 1981.
---	---

Bibliografia AD 1987 b

ANEXO 2 – Diários de Classe AD I

1	19/3	Análise do Discurso
2	26/3	Conceitos de discurso
3	(Goussier)	
4	4/4	A epistemologia
5	12/4	Resumo (Barros)
6	9/4	A AD e o método
7	realismo histórico	
8	(Lévi-Strauss)	
9	16/4	O moderno alemão
10	dialetico e o material	
11	história (Politzer)	
12	23/4	Idem
13	30/4	A noção de condi
14	ção de produção	
15	(cap. 2 - COURTINE)	
16	7/5	FD, EL, interdiscu
17	intradiscu e intrac	
18	curso e unidade do cap. 3	
19	14/5	sujeito (Lévi)
20	noção (cap. 3)	
21	21/5	Idem (contin.)
22	28/5	O conceito de
23	memória discursiva	
24	cap. 4 (contin.)	
25	11/6	O corpus para
26	AD (cap. 4, Courtine)	
27	4/6	Formulação
28	formulacões de cur	
29	te memória (cap. 4)	
30	18/6	O corpus
31	para a pesquisa	
32	(cap. 5)	
33	2/7	A dependência
34	do tema do discurs	
35	3/7	Análise do
36	dados a partir do	
37	tema do discurso	
38	(cap. 6)	
39	15/7	Continuação
40	da análise (cap. 6)	
41	16/7	Análise de
42	discursos (EPERX	
43	governo).	
44		
45		

ADI - 1991/1

1	23/3	Análise do
2	discurso e análise	
3	do ca/Resumo artigo	
4	de "A AD e o mo	
5	6/4	A AD e o mo
6	terialismo histórico	
7	(Introd - Courtine)	
8	13/4	A noção de cor
9	ção de produção	
10	(cap. 1 - Courtine)	
11	20/4	Dialetica
12	da dialética (Politzer)	
13	27/4	Materialismo
14	histórico e dialético	
15	(Politzer)	
16	4/5	Idem
17	11/5	Idem
18	18/5	Idem
19	25/5	FD (cap. 2 -
20	Courtine)	
21	1/6	Interdiscu
22	intradiscu e intrac	
23	curso (Courtine - cap. 3)	
24	8/6	Formulação
25	memória e corpus	
26	discursivo (cap. 3)	
27	15/6	A condição de
28	formação do corpus (cap. 4)	
29	22/6	Substituição do
30	corpus da pesquisa	
31	(Courtine - cap. 4)	
32	23/6	O tema de dis
33	curso a partir	
34	de dados (cap. 5)	
35	29/6	Efeitos discurs
36	ivos, contradit	
37	real e gale (cap. 6)	
38	6/7	Sujeito (Lévi)
39	e produção do sujeito	
40	(cap. 6)	
41		
42		
43		
44		
45		

AD I 1993/1

1	16/8	Discurso e AD
2	(Marqueneau)	
3	23/8	Idem (13)
4	Idem	
5	30/8	Dialetica
6	materialismo histórico	
7	(Politzer - part. 4, 5, 6)	
8	06/9	O conceito de
9	ideologia (Althusser, AIE)	
10	23/9	Ideologia e
11	sujeito (Pêcheux 75 - cap. 3)	
12	4/10	Idem
13		
14	11/10	A heterogenei
15	da de enunciativa	
16	18/10	A noção de condi
17	ção de produção (Courtine)	
18	25/10	Formação discurs
19	iva (Foucault	
20	Courtine)	
21	1/11	O conceito de
22	ideologia	
23	8/11	Idem
24		
25	22/11	Interdiscu
26	intradiscu	
27	29/11	A noção de
28	pre - construído	
29	6/12	O sujeito em
30	Análise do discurso	
31	13/12	Idem
32		

AD I 1995/2

1	20/8	Linguística e
2	Análise de Discurso	
3	27/8	
4		
5	3	Saussure e a AD
6		
7	10	Idem
8		
9	17	O material - lústa
10	e dialético	
11	24	Idem
12		
13		
14		
15	8	A noção de FB
16		
17	22	O pre - construído
18		
19	29	A noção de
20	sujeito seg.	
21	5	Althusser
22		
23	12	Sujeito seg.
24		
25	19	Idem
26		
27	26	O suj. e a poi
28	curativa	
29	3	Idem
30		
31	10	Análise discurs
32	iva	
33	17	Idem
34		

AD I 1997/2

ANEXO 3 – Diários de Classe AD II

1	14/8	Argumentação
2	15/8	Argumentação e discurso
3	16/8	Chabrine base cap. 4
4	17/8	10 conceitos de
5	18/8	FD (Courtine base
6	19/8	cap. 3)
7	20/8	Argumentação
8	21/8	ca. de disc. de ap. prop.
9	22/8	legitimidade (Chabrine)
10	23/8	locução argu
11	24/8	mental (Chabrine)
12	25/8	A negação na
13	26/8	locução (Chabrine)
14	27/8	A implicação
15	28/8	na locução (Chabrine)
16	29/8	o papel e a argu
17	30/8	mentação (Chabrine)
18	31/8	o papel e a argu
19	1/9	mentação (Chabrine)
20	2/9	o papel e a argu
21	3/9	mentação (Chabrine)
22	4/9	o papel e a argu
23	5/9	mentação (Chabrine)
24	6/9	o papel e a argu
25	7/9	mentação (Chabrine)
26	8/9	o papel e a argu
27	9/9	mentação (Chabrine)
28	10/9	o papel e a argu
29	11/9	mentação (Chabrine)
30	12/9	o papel e a argu
31	13/9	mentação (Chabrine)
32	14/9	o papel e a argu
33	15/9	mentação (Chabrine)
34	16/9	o papel e a argu
35	17/9	mentação (Chabrine)
36	18/9	o papel e a argu
37	19/9	mentação (Chabrine)
38	20/9	o papel e a argu
39	21/9	mentação (Chabrine)
40	22/9	o papel e a argu
41	23/9	mentação (Chabrine)
42	24/9	o papel e a argu
43	25/9	mentação (Chabrine)
44	26/9	o papel e a argu
45	27/9	mentação (Chabrine)
46	28/9	o papel e a argu

AD II 1991/2

1	22/03	O sujeito em
2	13/04	estruturalista
3	29/03	- Idem
4		
5	12/04	A polifonia
6	seq. Chabrine	
7	19/04	Os gêneros do
8	discurso em Chabrine	
9	26/04	A heterog. mistral
10	e a heterog. constitut	
11	3/05	- A nar. coincid
12	interloc. em Pecheux	
13	10/05	- A meta
14	enunciador em Pecheux	
15	17/05	- A questão do
16	sujeito em Pecheux	
17	24/05	- A psicanálise
18	e a AD seq. Pecheux	
19	31/05	- O sujeito seq.
20	Pecheux	
21	7/06	- Ainda o suj.
22	sem Pecheux	
23	14/06	- As formas do
24	silêncio (Orlandi)	
25	21/06	- A AD e o si-
26	lêncio (Orlandi)	
27	28/06	- A AD e a per
28	causal (Henry)	
29	5/07	- Idem
30		

AD II 1996/1

1	16/8	Discurso e AD
2	(Pecheux e Fuchs - In	
3	Orlandi e Haks)	
4	23/8 - Conceito básico	
5	da AD (Freda)	
6	30/8 - Idem	
7	6/9 - Ortica e ideolo-	
8	gia (Cham)	
9	13/9 - Idem	
10	20/9 - Pecheux - Discurso	
11	e ideologia) (Semânt	
12	e disc. cap. 3)	
13	27/9 - Idem	
14	4/10 - O sujeito	
15	pag. 21 - cap. 1 a 6)	
16	11/10 - O sujeito	
17	de - discurso (Freda	
18	cap. 4)	
19	18/10 - Idem	
20		
21	25/10 - Idem	
22		
23	1/11 - (O conceito de	
24	FD / Courtine)	
25	8/11 - Analise e	
26	a negação (Freda)	
27	23/11 - A negação	
28	interna e a exteriorne	
29	29/11 - A negação	
30	de tipo mista	
31	6/12 - Análise gramen	
32	do semestre	
33		

AD II 1994/2

1	18/3	- As 3 épocas da AD
2	25/3	- Pecheux da 3ª ep.
3	1/4	- O discurso: estrut.
4	ou a contagem?	
5	8/4	- A q. discurso e
6	psicanálise	
7	15/4	- O sujeito no dia
8	e na psican.	
9	22/4	- Heterog. mistral
10	e constitut	
11	29/4	- Idem
12	6/5	- Os gêneros discurs.
13	13/5	- Palavras mantidas
14	à distância - Pecheux	
15	20/5	- A nar. coincid.
16	interlocut	
17	27/5	- Heterog. e res. plur.
18	3/6	- A ñ coincid. do
19	disq. c/elo. mesmo	
20	10/6	- Idem
21	17/6	- O sentido e seq.
22	heterog.	
23	24/6	- O silêncio:
24	ed. da psicanálise.	

AD II 1998/1

DOCTORADO

CONTEÚDOS DESENVOLVIDO

25/8 - Introdução à AD: histórico e evolução

1/9 - A primeira época da AD

8/9 - A 2ª época: a teoria do discurso

15/9 - O materialismo histórico e dialético

22/9 - A noção de sujeito em Althusser (AIE)

29/9 - Discurso e Ideologia (Pêcheux)

6/10 - O discurso: estrutura ou acontecimento?

13/10 - ~~A 3ª época:~~
A Linguística e a psicanálise

20/10 - O sujeito e o Outro (Rothier)

27/10 - A heterogeneidade mostrada e constituída

3/11 - Idem

10/11 - As aspas no discurso

17/11 - A não-coincidência no discurso

24/11 - Figuras discursivas do silêncio

1/12 - As reticências no discurso

ANEXO 4 – Leituras Orientadas

1	16/8 - Formação discursiva	1	20/8 - Discussões do
2	seiva sep. Póchaud	2	prog. e didática
3	23/8 - Relação entre	3	a ordem discursiva
4	formação discursiva	4	28/8 - (O conceito de
5	30/8 - Ideologia e	5	implícito (Oraculoni-
6	discursos	6	cap. 1)
7	6/9 - Idem	7	4/9 - Pressupostos e
8	13/9 - Teoria da enun-	8	subentendido (Oraches
9	ciação e discursos	9	m - cap. 1 - contin.)
10	20/9 - O problema do	10	18/9 - Cap. 1 - contin.
11	sujeito	11	25/9 - contin cap. 1
12	27/9 - Idem	12	2/10 - Tema de
13	4/10 - Formação ideal	13	discurso
14	discursiva e processo	14	9/10 - Idem
15	de interpelação	15	16/10 - Pressupostos
16	11/10 - Os lugares dos	16	teóricos da AD
17	sujeitos no processo	17	(tese Alejandra)
18	de interpelação	18	30/10 - Suite
19	18/10 - Homag. hetero-	19	6/11 - Suite
20	gênia. e interpel.	20	20/11 - Suite
21	25/10 - Paráfrase e	21	27/11 - Suite
22	formação discursiva	22	4/12 - Heterogenei-
23	18/11 - Paráfrase e	23	dade emundativa
24	polissemia	24	(Aulhies - R. Langag)
25	25/11 - O sentido no	25	18/12 - Idem (DR 10 V
26	discursos	26	26)
27	29/11 - A natureza		
28	dialética dos pro-		
29	cessos discursivos		
30	6/12 - A coerência		
31	discursiva		
32			
33			

Leituras Orientadas 1990/2

Leituras Orientadas 1991/2

1	19/3 - Totalidade	1	19/3 - Totalidade
2	programa	2	programa
3	26/3 - A argumentação	3	26/3 - A argumentação
4	e a ironia (Mecalli)	4	e a ironia (Mecalli)
5	cap. 1 e 2)	5	cap. 1 e 2)
6	2/4 - Idem (cap. 2 -	6	2/4 - Idem (cap. 2 -
7	Mecalli)	7	Mecalli)
8	9/4 - Tipos e ironia	8	9/4 - Tipos e ironia
9	23/4 - Formas diretas	9	23/4 - Formas diretas
10	e indiretas da a.g.	10	e indiretas da a.g.
11	30/4 - Argumentação	11	30/4 - Argumentação
12	e ironia	12	e ironia
13	7/5 - Ironia e	13	7/5 - Ironia e
14	contatos	14	contatos
15	14/5 - Ironia a qu-	15	14/5 - Ironia a qu-
16	ment. e pressuposto.	16	ment. e pressuposto.
17	21/5 - A lei da	17	21/5 - A lei da
18	exaustividade e ironia	18	exaustividade e ironia
19	28/5 - Bivinculação	19	28/5 - Bivinculação
20	e ironia	20	e ironia
21	4/6 - Ironia e refuta-	21	4/6 - Ironia e refuta-
22	ção de texto do outro	22	ção de texto do outro
23	11/6 - A superestrut-	23	11/6 - A superestrut-
24	ura refutatória e ironia	24	ura refutatória e ironia
25		25	
26		26	
27	18/6 - Ironia argu-	27	18/6 - Ironia argu-
28	mento e inferência	28	mento e inferência
29	25/6 - Ironia e temas	29	25/6 - Ironia e temas
30	de ironia	30	de ironia
31	27/6 - Goffman e	31	27/6 - Goffman e
32	ironia	32	ironia
33		33	

Leituras Orientadas 1992/1

ANEXO 5 – Tópicos em AD

<u>Conteúdos desenvolvidos</u>	
1.	Enunciação e estruturalismo
2.	O estruturalismo saussuriano
3.	O signo linguístico
4.	Relações paradigmáticas e sintagmáticas
5.	A teoria do valor
6.	A enunciação em Benveniste
7.	O aparelho formal da enunciação
8.	A não-pessoa em Benveniste
9.	Os pronomes pessoais na enunciação
10.	Enunciação e diálogo
11.	Idem
12.	A categoria do tempo
13.	Idem
14.	A categoria de lugar
15.	Idem
Tópicos em AD 2001/2	

ANEXO 7- Seminários em AD

<u>conteúdo</u>		G	B	M	F
1	Gramsci e o estruturalismo				
2	Gramsci: objeto da Lg ^{ca} , Lg ^{ca} -Lg e fala	1	90	10	95
3	Gramsci: natureza do signo Lg ^{ca}	2	95	95	0
4	Idem: o real Lg ^{ca} ; rel. parad. e sint.	3	-	-	0
5	Bucari: A polifonia em Lg ^{ca}	4	85	90	87
6	Bucari: 1ª, 2ª e 3ª confer. de Cali	5	10	10	10
7	Bucari: 4ª e 5ª confer. de Cali	6	-	-	6
8	6ª confer. e Lg ^{ca} e verdade	7	90	95	92
9	Bucari: argum. e topoi argum.	8	10	10	10
10	Idem: os topoi na Teoria da Arg. na Lg	9	90	90	3
11	Os modificadores desrealizantes	10	-	-	0
12	A argum. no discurso	11	10	10	10
13	A argum. interna aos enunciados	12	60	95	77
14	Os internalizadores	13	10	85	92
15	Para o tratamento argumentativo da predicação				

Seminário em AD 2003/1

ANEXO 8- Tópicos em Teorias do Discurso

<p style="text-align: center;"><u>Conteúdos</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Os fundamentos das teorias da enunciação 2. Normand: os termos da enunciação em Benveniste 1 3. Benveniste: os níveis da análise lg^{ca} 2 4. A natureza do signo lg^{ca} (Benveniste) 3 5. A forma e o sentido na lg^{em} 4 6. Semiologia da lg. a rel. de pessoa no rd 5 7. A natureza enunciativa dos pronomes 8. A subjetividade na lg^{em} 9. O aparelho formal da enunciação 10. A lg^{em} e a experiência humana 11. A função do lg^{em} na descoberta freudiana 12. Um estudo dos infirmos na prop. enunciativa 13. Bakhtin: lg, fala e enunciação: Os gêneros do discurso 14. Authier-Roux: heterog. mostrada e constituída 15. Authier-Roux: o =- coincid. interlocutor 	<p style="text-align: center;"><u>A Semântica Enunciativa no discurso</u></p> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th></th> <th style="text-align: right;">F662</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. Enunciação e polifonia em Bakhtin</td> <td style="text-align: right;">1. 0685101</td> </tr> <tr> <td>2. Língua, Fala e enunciação em Bakhtin</td> <td style="text-align: right;">2. 01040</td> </tr> <tr> <td>3. A interação verbal, tema e signifi. (Bakhtin)</td> <td style="text-align: right;">3. 09990</td> </tr> <tr> <td>4. O discurso de outrem</td> <td style="text-align: right;">4. 0660401</td> </tr> <tr> <td>5. Os gêneros do discurso</td> <td style="text-align: right;">5. 069585</td> </tr> <tr> <td>6. Questões de estética e de literatura</td> <td></td> </tr> <tr> <td>7. Benveniste: a natureza do signo lg^{ca}</td> <td></td> </tr> <tr> <td>8. A subjetividade na lg^{em} (Be)</td> <td></td> </tr> <tr> <td>9. Os níveis da análise lg^{ca} (Be)</td> <td></td> </tr> <tr> <td>10. A forma e o sentido na lg^{em} (Be)</td> <td></td> </tr> <tr> <td>11. O aparelho formal da enunciação (Be)</td> <td></td> </tr> <tr> <td>12. Authier: a heterog. mostr. e a constituída</td> <td></td> </tr> <tr> <td>13. A não-coincidência interlocut. (Authier)</td> <td></td> </tr> <tr> <td>14. Palavras mantidas à distância (Authier)</td> <td></td> </tr> <tr> <td>15. Análises de discursos</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>		F662	1. Enunciação e polifonia em Bakhtin	1. 0685101	2. Língua, Fala e enunciação em Bakhtin	2. 01040	3. A interação verbal, tema e signifi. (Bakhtin)	3. 09990	4. O discurso de outrem	4. 0660401	5. Os gêneros do discurso	5. 069585	6. Questões de estética e de literatura		7. Benveniste: a natureza do signo lg ^{ca}		8. A subjetividade na lg ^{em} (Be)		9. Os níveis da análise lg ^{ca} (Be)		10. A forma e o sentido na lg ^{em} (Be)		11. O aparelho formal da enunciação (Be)		12. Authier: a heterog. mostr. e a constituída		13. A não-coincidência interlocut. (Authier)		14. Palavras mantidas à distância (Authier)		15. Análises de discursos	
	F662																																
1. Enunciação e polifonia em Bakhtin	1. 0685101																																
2. Língua, Fala e enunciação em Bakhtin	2. 01040																																
3. A interação verbal, tema e signifi. (Bakhtin)	3. 09990																																
4. O discurso de outrem	4. 0660401																																
5. Os gêneros do discurso	5. 069585																																
6. Questões de estética e de literatura																																	
7. Benveniste: a natureza do signo lg ^{ca}																																	
8. A subjetividade na lg ^{em} (Be)																																	
9. Os níveis da análise lg ^{ca} (Be)																																	
10. A forma e o sentido na lg ^{em} (Be)																																	
11. O aparelho formal da enunciação (Be)																																	
12. Authier: a heterog. mostr. e a constituída																																	
13. A não-coincidência interlocut. (Authier)																																	
14. Palavras mantidas à distância (Authier)																																	
15. Análises de discursos																																	
<p>Tópicos em Teorias do Discurso 2003/2</p>	<p>Tópicos em Teoria do Discurso 2004/2</p>																																

ANEXO 9- Seminário em Teorias do Discurso

1. As bases saussurianas da teoria da Arg. na Lg	1	1. As bases saussurianas e enunciativas de	1
2. Saussure: o objeto da Lg ^{CA} ; Lg ^{CA} -Lg e da fala	2	2. A polifonia em Lg ^{CA} . 1ª confer. Du	2
3. Relações paradigmáticas e sintagmáticas	3	3. 2ª e 3ª confer. Du	3
4. O signo Lg ^{CO} ; o valor Lg ^{CO}	4	4. 4ª, 5ª e 6ª confer. Du	4
5. Ducrot: A pragmática e estudos semânt. da Lg	5	5. Os modificadores de realizantes	5
6. Ducrot: A polifonia em Lg ^{CA}	6	6. O que é argumentar?	6
7. A delocutividade	7	7. A argumentação no discurso	7
8. 1ª, 2ª e 3ª conferências de Cali	8	8. Argumentação normativa e org. except	8
9. 4ª e 5ª conferências	9	9. Predicação e argumentação	9
10. 6ª conferência. Linguística e verdade	10	10. Os internalizadores	10
11. Ducrot: Os modificadores de realizantes	11	11. Critérios argument. e análise léxica	11
12. Carl: argumentar não é justificar	12	12. Arg. interna e externa ao léxico	12
13. Carl: argumentação normal. e exceptiva	13	13. Léxico e gradualidade	13
14. Carl: o tratamento argument. do predicado	14	14. A ANL aplicada ao discurso	14
15. Ducrot: léxico e gradualidade	15	15. Análise de discursos	15
16. Carl: a argument. interna aos enunciados	16		
Seminário em Teorias do Discurso 2004/1		Seminário em Teorias do Discurso 2005/2	

Conteúdo desenvolvido

1. Saussure e o estruturalismo
2. Saussure: objetos da lg^{ca} ; lg^{ca} e fala 1
3. Saussure: natureza do signo; comutabil; alg^{po2}
4. Saussure: o valor lg^{co} ; rel. parad. e sint. 3
5. Archaer: lg et parole; signifiant et signifié 4
6. Bouquet: O valor semântico 5
7. Ducrot: Polifonia y argumentación 6
8. Ducrot: 2ª e 3ª confer. - Cali 7
9. Ducrot: 4ª e 5ª confer. - Cali 8
10. Ducrot: 6ª conf. (Cali) alg^{ca} y verdad 9
11. Ducrot: Argument. e topoi arg. 10
12. Ducrot: Os modificadores de realiz. 11
13. Carel: L'argumentation de la discours 12
14. Carel: Argument. interna as enunciados 13
15. Ducrot: Os internalizadores 14

ANEXO 10 – Teorias do Discurso

<p style="text-align: center;"><u>Conteúdos</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Situando as teorias enunciativas 2. O CLG: o objeto da lg^{ca}, lg^{ca} da lg e da fab 3. Relações paradigmáticas e rel. sintagmát. 4. O valor lingüístico 5. Benveniste: O desenv. da lg^{ca}. Os níveis da análise 6. A semiol. da lg. A forma e o sentido na lg^{em} 7. A natureza dos pronomes. A lg^{em} e a exper. hum. 8. A função da lg^{em} na descoberta freudiana 9. Charaudeau: a lg^{em} como "enunciação" 10. Halliday: As funções da lg^{em} 11. Halliday: Texts, context and ensino 12. Secrot: A 1ª e a 2ª conferências de Cali 13. 3ª e 4ª conferências de Cali 14. 5ª e 6ª conferências de Cali 15. Análise de discursos. 	<p style="text-align: center;"><u>Revisando Teorias da Enunciação</u></p> <table border="0"> <tr> <td>1. Halliday: O contexto de situação</td> <td>1. 05/86</td> </tr> <tr> <td>2. Halliday: funções da lg^{em}</td> <td>2. 06/90</td> </tr> <tr> <td>3. Secrot: a polifonia em lg^{ca}</td> <td>3. 03/90</td> </tr> <tr> <td>4. Secrot: 1ª conferência</td> <td>4. 06/90</td> </tr> <tr> <td>5. : 2ª e 3ª conferências</td> <td>5. 08/90</td> </tr> <tr> <td>6. : 4ª e 5ª conferências</td> <td>6. 08/90</td> </tr> <tr> <td>7. Benveniste: os níveis da anal. lg^{ca}</td> <td>7. 09/80</td> </tr> <tr> <td>8. Be: a forma e o sentido na lg^{em}</td> <td>8. 03/10</td> </tr> <tr> <td>9. Be: pronomes e verbos: marcas de enc. 2ª e 3ª</td> <td>9. 09/80</td> </tr> <tr> <td>10. A subjetividade na lg^{em}</td> <td>10. 03/95</td> </tr> <tr> <td>11. O aparelho formal da enunciação</td> <td>11. 06/95</td> </tr> <tr> <td>12. Charaudeau: ato de lg^{em} como enunciação</td> <td>12. 09/90</td> </tr> <tr> <td>13. Charaudeau: ato de lg^{em} na publicidade</td> <td></td> </tr> <tr> <td>14. Análise de Textos</td> <td></td> </tr> <tr> <td>15. Análise de Textos</td> <td></td> </tr> </table>	1. Halliday: O contexto de situação	1. 05/86	2. Halliday: funções da lg ^{em}	2. 06/90	3. Secrot: a polifonia em lg ^{ca}	3. 03/90	4. Secrot: 1ª conferência	4. 06/90	5. : 2ª e 3ª conferências	5. 08/90	6. : 4ª e 5ª conferências	6. 08/90	7. Benveniste: os níveis da anal. lg ^{ca}	7. 09/80	8. Be: a forma e o sentido na lg ^{em}	8. 03/10	9. Be: pronomes e verbos: marcas de enc. 2ª e 3ª	9. 09/80	10. A subjetividade na lg ^{em}	10. 03/95	11. O aparelho formal da enunciação	11. 06/95	12. Charaudeau: ato de lg ^{em} como enunciação	12. 09/90	13. Charaudeau: ato de lg ^{em} na publicidade		14. Análise de Textos		15. Análise de Textos	
1. Halliday: O contexto de situação	1. 05/86																														
2. Halliday: funções da lg ^{em}	2. 06/90																														
3. Secrot: a polifonia em lg ^{ca}	3. 03/90																														
4. Secrot: 1ª conferência	4. 06/90																														
5. : 2ª e 3ª conferências	5. 08/90																														
6. : 4ª e 5ª conferências	6. 08/90																														
7. Benveniste: os níveis da anal. lg ^{ca}	7. 09/80																														
8. Be: a forma e o sentido na lg ^{em}	8. 03/10																														
9. Be: pronomes e verbos: marcas de enc. 2ª e 3ª	9. 09/80																														
10. A subjetividade na lg ^{em}	10. 03/95																														
11. O aparelho formal da enunciação	11. 06/95																														
12. Charaudeau: ato de lg ^{em} como enunciação	12. 09/90																														
13. Charaudeau: ato de lg ^{em} na publicidade																															
14. Análise de Textos																															
15. Análise de Textos																															
<p>Teorias do Discurso 2003/2</p>	<p>Teorias do Discurso 2004/2</p>																														
<p style="text-align: center;"><u>Conteúdos desenvolvidos</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. 23/8 - As teorias da Enunciação 1. 9 2. 30/8 - CLG: objeto lg^{ca}; lg^{ca} da lg e fab; signo 2. 6 3. 6/9 - Rel. parad. e sint.; o valor lg^{ca} 3. 9 4. 13/9 - Normant: OCLG: 1 teoria da sa? 4. 9 5. 27/9 - Bouquet: O valor semântico 5. 9 6. 4/10 - Benveniste: semiol. da lg 6. 9 7. 11/10 - Benveniste: lg^{em} e exper. hum. 7. 9 8. 18/10 - Benveniste: pessoa no sb, tempo 8. 9 9. 25/10 - Benveniste: A subjetiv. na lg^{em} 9. 9 10. 1/11 - Martins: em busca de conc. de lid. 10. 8 11. 8/11 - Martins: Por 1 conceito de diálogo 11. 9 12. 22/11 - Charaudeau: ato de lg^{em} como enunciação 12. 4 13. 29/11 - Charaudeau - o gênero public. 13. 9 14. 6/12 - Parrot: a diálexe e o "embryonage" 14. 9 15. 13/12 - Greccioni: os subjetivemas "afetivos" e "avaliativos" 15. 9 	<p style="text-align: center;"><u>Conteúdos</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Os fundamentos das teorias da enunciação 2. Normant: os termos da enunciação em Benveniste 3. Benveniste: os níveis da análise lg^{ca} 4. A natureza do signo lg^{ca} (Benveniste) 5. A forma e o sentido na lg^{em} 6. Semiologia da lg. A rel. de pessoa no sb 7. A natureza enunciativa dos pronomes 8. A subjetividade na lg^{em} 9. O aparelho formal da enunciação 10. A lg^{em} e a experiência humana 11. A função da lg^{em} na descoberta freudiana 12. Um estudo dos infinitos na persp. enunciativa 13. Bakhtin: lg, fala e enunciação. Os gêneros do discurso 14. Bullier - Ferry: heterog. mostrada e constituinte 15. Bullier - Ferry: a = - exist. interlocutor 																														
<p>Teorias do Discurso 2002/2</p>	<p>Tópicos em Teoria do Discurso 2003/2</p>																														

ARQUIVO UFRGS

ANEXO 10 – Grades de Horários

HORÁRIO PARA 1996 - PRIMEIRO SEMESTRE				
CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM				
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã 09 horas <u>Fundamentos da Análise do Discurso</u> Profa. Maria Cristina L. Ferreira 04 Créditos Sala: G214	manhã	manhã
	tarde	tarde 13h30min <u>Semântica argumentativa</u> Profa. Ana Zandwais 04 Créditos Sala: 204	tarde 13h30min <u>Teoria do Texto</u> Prof. Paulo Guedes 04 Créditos Sala: 117 <u>Teoria da Análise do Discurso</u> Profa. Freda Indursky 04 Créditos Sala: 211	tarde 14 horas <u>Linguística Geral</u> Profa. Margarete Schlater 04 Créditos Sala: 204
HORÁRIO PARA 1996 - SEGUNDO SEMESTRE				
CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM				
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã <u>Teoria da Análise do Discurso</u> Profa. Maria Cristina Leandro Ferreira 04 Créditos 8h30min - Sala 233B	manhã	manhã
	tarde	tarde Pragmática: Enunciação e Sentido Profa. Ana Zandwais 04 Créditos <u>13h30min - Sala 208</u> Início: <u>17/09</u>	tarde Leituras Dirigidas: Aspectos Metodológicos da Análise do Discurso Profa. Freda Indursky 02 Créditos <u>13h30min - Sala 204</u> <u>Encontros quinzenais</u> Início: <u>18/09/96</u>	tarde
Curso Livre: Pragmática - Prof. Dr. Kanavilil Rajagopalan (UNICAMP) - 13h30min de 30/09 a 04/10 - 01 Crédito				

HORÁRIO PARA 1997 - PRIMEIRO SEMESTRE**CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira
TEORIAS DO TEXTOS E DO DISCURSO	manhã	manhã	manhã Semiótica Narrativa e Discursiva Dra. Maria da Graça Krieger 04 CR - 08:30 horas sala: 233B Início: <u>26/03/97</u>	manhã
	tarde Linguística Geral (Tronco Comum) Dra. Margarete Schlatter 04 CR - 13:30 horas sala: 109	tarde Leituras Dirigidas: Topoi, Polifonia e Argumentação Dra. Ana Zandwais 04 CR - 13:30 horas sala: 204	tarde Fundamentos da Análise do Discurso Dra. Freda Indursky 04 CR - 13:30 horas sala: 112	tarde Teoria do Texto Dr. Paulo Guedes 04 CR - sala: 114

Curso Livre:

HORÁRIO PARA 1997 - SEGUNDO SEMESTRE**CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	
TEORIAS DO TEXTOS E DO DISCURSO	manhã	manhã	manhã Leituras Dirigidas: Procedimentos Analíticos em Análise do Discurso Profa. Maria Cristina 02 Cr Horário: Sala: 233B IL	manhã	manhã
	tarde	tarde Semântica Argumentativa Profa. Ana Zandwais 04 Cr Horário: Sala: 106	tarde Teoria da Análise do Discurso Profa. Freda Indursky 04 Cr Horário: Sala: 118	tarde Leituras Dirigidas: Análise de Discurso e Tradução Profa. Elsa Ortiz 04 Cr Horário: Sala: 115	

Curso Livre: **Processos de Identificação e Políticas de Identidade: uma análise discursiva** - Prof. Pedro de Souza (UFSC) - 01 Cr. - 15 h/a - de 09 a 12/09
Discurso e Ética - Prof. Kanavilil Rajagopalan (UNICAMP) - 01Crédito - 15 h/a - de 06 a 10/10 - das 13h30min às 17 horas

HORÁRIO PARA 1998 - PRIMEIRO SEMESTRE

CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTOS E DO DISCURSO	manhã	manhã	manhã	manhã Leituras Dirigidas: Tópicos de Linguística Textual Profa. Elsa Maria N. Ortiz 04 Créd. Horário: 08h30min Local: 233B - IL	manhã
	tarde Linguística Geral (Tronco Comum) Prof. Cléo V. Altenhofen Prof. Lcuiene J. Simões 04 Créd. Horário: 13h30min Local: 103 - P. Aulas	tarde Pragmática: Enunciação e Sentido Prof. Ana Zandwais 04 Créd. Horário: 13h30min Local: F 111	tarde Leituras Dirigidas: Terminologia - Neologismos Prof. Eca Pilla 04 Créditos Horário: 13h30min Local: 204 - P. Aulas		tarde Teoria do Texto Prof. Paulo C. Guedes 04 Créd. Horário: 13h30min Local: F 104
			Fundamentos da Análise do Discurso Prof. Freda Indursky 04 Créd. Horário: Local: 211		

Curso Livre: **Varição em Terminologia**, a ser ministrado pela Profa. Dra. Enilde Faulstich (UnB) de 15 a 19/06/98, num total de 15 horas/aula, 01 Crédito, sob responsabilidade Profa. Maria da Graça Kreger

HORÁRIO PARA 1998 - SEGUNDO SEMESTRE

CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTOS E DO DISCURSO	manhã	manhã	manhã Sintaxe e Discurso Prof. Maria Cristina Leandro Ferreira 04 Créd Horário: 8h30min Sala:	manhã	manhã LD: Semiótica do Texto e do Discurso Prof. Maria da Graça Krieger 02 Créd. Horário: 10h30min - 12h30min Sala:
	tarde	tarde Semântica Argumentativa Prof. Ana Zandwais 04 Créd Horário: 13h30min Sala:	tarde Teoria da Análise do Discurso Prof. Freda Indursky 04 Créd Horário: 13h30min Sala:	tarde	Tarde

Curso Livre: **Análise do Discurso e Semântica**, com a Profa. Monica Zoppi Fontana (UNICAMP), sob responsabilidade da Profa. Freda Indursky - 15 horas/aula, 01 Crédito, a realizar-se de 25 a 29/01/98.

HORÁRIO PARA 1999 - PRIMEIRO SEMESTRE

CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã	manhã Leituras Dirigidas: Leituras Avançadas em Terminologia Prof.ª Mª da Graça Krieger 02 créditos Horário: 08:00h Início: 2ª semana de abril Local:	manhã Leituras Dirigidas: Tópicos de Linguística Textual Prof.ª Elsa Maria N. Ortiz 04 Créd. Horário: 08h30min Local:	manhã
	tarde Linguística Geral (Tronco Comum) Prof. Valdir Flores 04 Créd. Horário: 13h30min Local:	tarde Pragmática: Enunciação e Sentido Prof.ª Ana Zandwais 04 Créd. Horário: 13h30min Local:	tarde Fundamentos da Análise do Discurso Prof.ª Freda Indursky 04 Créd. Horário: 13h30 Local:	tarde Teoria do Texto Prof. Paulo C. Guedes 04 Créd. Horário: 13h30min Local:	tarde

Curso Livre: **Textualização e Autoria**, ministrado pela Prof.ª Dra. Solange Leda Gallo, de 27 a 30 de julho de 1999, sob responsabilidade da Prof.ª Freda Indursky, 01 Crédito, 15 horas-aula.

HORÁRIO PARA 1999 - SEGUNDO SEMESTRE

CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã	manhã	manhã	manhã
	tarde LD: Fundamentos das Teorias da Enunciação (Tronco Comum) Prof. Valdir Flores 04 Créd. Horário: 13h30min Local:	tarde Semântica Argumentativa Prof.ª Ana Zandwais 04 Créd. Horário: 13h30min Local:	tarde LD: Aspectos metodológicos em Análise do Discurso Prof.ª Freda Indursky 02 Créd. Horário: 13h30 Local:	tarde Teoria da Análise do Discurso Prof.ª Maria Cristina Leandro Ferreira 04 Créd. Horário: 13h30min Local:	tarde

Curso Livre: **Desenvolvimentos atuais na análise semiótica dos discursos** – Prof.ª Diana Luz Pessoa de Barros (USP) – 29/ 11 a 02/12 – 01 cr – 15 h/a
Prof. Responsável: Maria da Graça Krieger

HORÁRIO PARA 2000 - PRIMEIRO SEMESTRE

CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã	manhã	manhã Leituras Dirigidas: Tópicos de Linguística Textual Profa. Elsa Ortiz 04 Créditos Horário: 8h30min às 12h Local:	manhã
	tarde Linguística Geral Prof. Valdir Flores 04 Créditos Horário: 13h30min às 17h Local:	tarde Pragmática: Enunciação e Sentido Profa. Ana Zandwais 04 Créditos Horário: 13h30min às 17h Local:	tarde Fundamentos da Análise do Discurso Profa. Freda Indursky 04 Créditos Horário: 13h30min às 17h Local:	tarde	tarde

Curso Livre: **Nome e pronome no espaço da enunciação** – Prof. Dr. Luiz Francisco Dias (UFPPB) – 01 Crédito, 15 horas/aula de 29/05 a 01/06/2000, das 13h30min às 17 horas, sob responsabilidade da Profa. Ana Zandwais.

HORÁRIO PARA 2000 - SEGUNDO SEMESTRE

CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã	Manhã	Manhã	manhã
	tarde Leituras Dirigidas: Fundamentos em Teorias da Enunciação Prof. Valdir Flores 04 Créditos Horário: das 13h30min às 17 horas Sala:	tarde Leituras Dirigidas: Topoi – Polifonia e Argumentação Profa. Ana Zandwais 04 Créditos Horário: das 13h30min às 17 horas Sala:	tarde Leituras Dirigidas: Leituras Avançadas de Terminologia Profa. Maria da Graça Krieger 04 Créditos Horário: das 13h30min às 17 horas Sala: Teoria da Análise do Discurso Profa. Freda Indursky 04 Créditos Horário: das 13h30min às 17 horas Sala:	Tarde Leituras Dirigidas: Teorias da Tradução no Século XX Profa. Sonia Gehring 04 Créditos Horário: das 13h30min às 17 horas Local:	tarde

Curso Livre: **Las unidades terminológicas complejas: estado de la cuestión y tratamiento automático** – Profa. Rosa Estopá (Universidade de Pompeu Fabra - Espanha), 01 Crédito, 15 horas-aula, de 12 a 23 de setembro de 2000, sob responsabilidade da Profa. Maria da Graça Krieger.
Letramento e Autoria – Profa. Leda Verdiani Tfoumi (USP de Ribeirão Preto) – 01 Crédito, 15 horas-aula, de 06 a 10/11/2000, sob responsabilidade da Profa. Freda Indursky

HORÁRIO PARA 2001 - PRIMEIRO SEMESTRE**CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã LD: Textos especializados – componentes e narratividade Profª. Maria da Graça Krieger 04 Créditos Horário: 8h30min às 12h Início: 27/03 Local:	manhã	manhã
	Tarde Linguística Geral Prof. Valdir Flores 04 Créditos Horário: 13h30min às 17 h Local:	tarde Pragmática: Enunciação e Sentido Profª. Ana Zandwais 04 Créditos Horário: 13h30min às 17 h Local: <i>499</i>	Tarde Discurso e Sintaxe Profª. Maria Cristina L. Ferreira 04 Créditos Horário: 13h30min às 17 h Local: Fundamentos da Análise do Discurso Profª. Freda Indursky 04 Créditos Horário: 13h30min às 17 h Local:	Tarde LD: Tópicos de Linguística Textual Profª. Elsa Ortiz 04 Créditos Horário: 13:30 às 14 horas

AULA INAUGURAL dia 19/03 às 14 horas c/ o Prof. Dr. Walter Moser da Universidade de Montreal (Canadá)

**HORÁRIO PARA 2001 - SEGUNDO SEMESTRE
CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM**

2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
manhã Fundamentos em línguas da Enunciação Valdir Flores 04 créditos Horário: 08h30min às 12 h Local: 106 <i>E ✓</i>	manhã	manhã Curso Livre: Tradução, Terminologia e Pós-estruturalismo - Profª. Dra. Luzia A. Araújo (Bolsista Recém-Doutor) 02 créditos Horário: 09h às 12 h Início: 05/12/2001 a 28/02/02 Local: 120A ✓	manhã	manhã
tarde LD: Análise do Discurso Profª. Maria Cristina L. Ferreira 04 créditos Horário: 13h30min às 17h Local: 218 <i>✓</i>	tarde Semântica Argumentativa Profª. Ana Zandwais 04 Créditos Horário: 13h30min às 17 h Local: 214 <i>✓</i>	Tarde LD: Leituras em Contraponto: Foucault, Courtine, Pêcheux..... Profª. Freda Indursky 04 Créditos Horário: 13h30min às 17 h Local: 218 LD: O Texto Dicionarístico: fundamentos de lexicografia geral e especializada. Profª. Maria da Graça Krieger 02 créditos Horário: 13:30 às 17 h Local: 209 ✓	Tarde	tarde

Curso Especializado - Profª. Dra. Guiomar Elena Ciapuscio (Univ. de Buenos Aires), 01 crédito - 15 horas-aula, de 28 a 31/08/2001, das 13h30min às 15h30min, Auditório do IL.

Curso de Discurso, Profª. Dra. Maria do Rosário Gregolin (UNESP), dia 18/01/2002, das 10 às 12 horas, Auditório do IL.

HORÁRIO PARA 2002 - PRIMEIRO SEMESTRE
CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã Leituras Dirigidas: Tópicos em Linguística Textual Prof. Elsa Ortiz C 04 Créd. 08h30min às 12 horas Local: 233B ✓	manhã Fundamentos da Análise do Discurso Prof. Maria Cristina 04 Créd. 09 horas às 12h30min Local: ✓	manhã	manhã
	Tarde Linguística Geral Prof. Valdir 04 Créd. 13h30min Local: ✓	Tarde Pragmática: Enunciação e Sentido Prof. Ana Zandwais 04 Créd. 13h30min às 17 horas Local: Sala 320A ✓	Tarde Leituras Dirigidas: Bakhtin e Análise do Discurso Prof. Freda Indursky 02 Créditos 13h30min às 17 horas Local: (Início em Agosto) D ✓	Tarde Leituras Dirigidas: Tópicos de Teoria da Tradução Prof. Sonia Gehring 02 Créd. 13h30min às 17horas Local: (junho e julho) E ✓	tarde Fundamentos de Terminologia Prof. Maria da Graça Krieger e Prof. Maria José Finatto 04 Créd. 13h30min às 17horas Local: ✓ Leituras Dirigidas: Epistemologia da Linguística Estrutural Prof. Valdir Flores 02 Créd. 16 horas às 18 horas Local: F ✓

Curso Livre: BAKHTIN E FOUCAULT - um percurso teórico, Prof. Dra. Maria do Rosário Gregolin (UNESP), de 01/07/2002 a 04/07/2002 das 13h30min às 17 horas, 01 Crédito - 15 horas-aula, sob responsabilidade da Prof. Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira.

HORÁRIO PARA 2002 - SEGUNDO SEMESTRE
CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã LD: Linguística de Corpus: bases teórico-metodológicas Prof. Anna Maciel D 04 cr. 09h30min - 12h30min novembro a janeiro Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓	manhã LD: Enunciação e Paráfrase Prof. Elsa Ortiz E 02 cr 08h30min às 12h30min Período: Nov/Dez 2002 Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓	manhã LD: Tradução, terminologia e pós-estruturalismo Prof. Luzia Araújo G 02 créditos 10h às 12h Início: 04/12/2002 FALTA 2002. Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓	Manhã	manhã LD: Linguística de Corpus: bases teórico-metodológicas Prof. Anna Maciel 04 cr. 9:30 às 12h30min novembro a janeiro ✓ Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓
	Tarde Sintaxe e Discurso Prof. Maria Cristina Leandro Ferreira 04 cr 13h30min às 17h30min Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓	tarde Semântica Argumentativa Prof. Ana Zandwais 04 cr 13h30min às 17h30min Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓ LD: A definição dicionarística em perspectiva: da lexicografia à terminologia Prof. Maria José Finatto 04 cr 13h30 às 17h30min Início: 05/11/2002 Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓ F	Tarde Teoria da Análise do Discurso Prof. Freda Indursky 04cr 13h30min às 17h30min Obs: Mat. Especial falar c/ Prof. ✓	Tarde LD: Enunciação e intersubjetividade: o sintoma na linguagem Prof. Valdir Flores 02 créditos 13h30min às 17h30min Jan/Fev Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓ H	Tarde

Curso Livre: Linguística de Corpus, fundamentos e metodologias de pesquisa, 01 Crédito, 15 horas-aula, a ser ministrado pelo Prof. Dr. Antonio Paulo Berber Sardinha (PUCSP), de 06 a 08 de janeiro de 2003, das 13h30min às 18 horas, sob responsabilidade da Prof. Dra. Maria José Bocorny Finatto. X

GRADE DE HORÁRIOS
2006-1
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM/ESTUDOS DE LITERATURA

ESPECIALIDADE: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO
LINHA DE PESQUISA: Análises Textuais e Discursivas

TURNO/DIA	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
MANHÃ		Linguística Textual LIN00037 4 CR Prof. Elsa Ortiz SALA: 233B		L.D. A Análise do Discurso e suas interfaces LET00003 2 CR Prof. Maria Cristina Ferreira SALA: 119	
TARDE	Linguística Geral LIN00001 Obrigatória 4 CR Prof. Valdir Flores SALA: 205 Prédio de Aulas	Topói, polifonia e argumentação LIN00058 4 CR Prof. Ana Zandwais SALA: 233B ----- Teoria do Texto LIN00036 4 CR Prof. Solange Mittmann SALA: G107	Fundamentos da Análise do Discurso LIN00010 4 CR Prof. Freda Indursky SALA: 119	L.D. Enunciação, constituição do sujeito e do laço social LET00003 2 CR Quinzenal Prof. Valdir Flores SALA: G 209	

ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM

Especialidade: Teorias do Texto e do Discurso

Linhas de Pesquisa: Análises Textuais e Discursivas / Lexicografia e Terminologia: Relações Textuais

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
		Teoria da Análise do Discurso LIN00017 4 CR Prof. Solange Mittmann		
Fundamentos em Teoria da Enunciação LIN00040 4 CR Prof. Valdir Flores Prof. Nair Tesser	LD: *Interfaces da Análise do Discurso II LET00003 2 CR Prof. Maria Cristina Leandro Ferreira Turma A LD: Semântica Cognitiva LET00003 04 CR Prof. Maity Siqueira Turma B	Leituras em Contraponto: Foucault, Pêcheux, Courtine, Bakhtin LIN00042 4 CR Prof. Freda Indursky A Fraseologia e suas Interfaces LIN00059 4 CR Prof. Cleci Bevilacqua	+Pesquisa Lingüística em Corpus LIN00044 2 CR Anna Maria Becker Maciel e Cleci R. Bevilacqua ++Tópicos de Lexicografia Bilingüe LIN00056 2 CR Félix B. Miranda LD: Da dialética aristotélica ao materialismo histórico e dialético * LET00003 4 CR Prof. Ana Zandwais Turma A	

14h/aula de agosto até outubro; ++ aulas iniciam em outubro, encontros de 04h/aula; * As disciplinas assinaladas com * serão oferecidas para doutorandos
1 Círculo de Bakhtin nos contextos soviético/russo europeu – LET0002, a ser ministrado pelo Prof. Serguei Tchougounnikov (Colégio Internacional do Sul Suécia/Universidade de Borgonha, França), 25 a 28 de setembro-2 CR. 30h/a, com monografia, sob responsabilidade da Prof. Ana Zandwais – Turma A

ANEXO 11 – Diários de Classe

CONTEÚDOS DESENVOLVIDOS	
AULA 1 DATA: 21/3	CONTEÚDO: Apresentação do programa. Estrutura geral da disciplina
AULA 2 DATA: 28/3	CONTEÚDO: Textos de Leão de Sampaio e Cláudia de Jesus - Revisões de SP de 1ª a 4ª série e demais disciplinas
AULA 3 DATA: 04/04	CONTEÚDO: Textos de Regina Unistepollet e M. Dossal & Borges
AULA 4 DATA: 11/04	CONTEÚDO: Textos de Vanice Sargentini e Sônia Possenti
AULA 5 DATA: 18/04	CONTEÚDO: Textos de Gadet sobre Saussure
AULA 6 DATA: 25/04	CONTEÚDO: Discussões sobre os "dois Saussure": do Curso e do Programa.
AULA 7 DATA: 02/05	CONTEÚDO: Chomsky - Entrevista com M. Rowat
AULA 8 DATA: 09/05	CONTEÚDO: Chomsky - Revista Delta - Vinda ao Brasil pressupostos da gramática: principais noções
AULA 9 DATA: 16/05	CONTEÚDO: Miller e a "introdução à C de Saussure"
AULA 10 DATA: 23/05	CONTEÚDO: Fundamentos epistemol. e teóricos da obra de J.C. Miller
AULA 11 DATA: 30/05	CONTEÚDO: Livro de Gadet e Pécheux - "Os lugares de nunca acabar"
AULA 12 DATA: 06/06	CONTEÚDO: Gadet e Pécheux - Discussões sobre Saussure e Chomsky
AULA 13 DATA: 13/06	CONTEÚDO: Obra: Materiais de Discussões - M. Pécheux, Gadet e J.C.
AULA 14 DATA: 20/06	CONTEÚDO: Miller - Redonda e Balanço Final
AULA 15 DATA: 27/06	CONTEÚDO: Vídeo com E. Rondinero - Programa Reda Viana
AULA 16 DATA: 04/07	CONTEÚDO: Assinatura: <i>M. Cristina Ferreira</i>

DATA DE ENTREGA: _____

Sintaxe e Discurso – 2001 - Profª Maria Cristina Leandro Ferreira

CONTEÚDOS DESENVOLVIDOS	
AULA 1 DATA: 12/02	CONTEÚDO: Programa. Direções dos textos - Conteúdos básicos da disciplina
AULA 2 DATA: 19/02	CONTEÚDO: Glossário de termos de discurso
AULA 3 DATA: 26/02	CONTEÚDO: Noções de sociologia -
AULA 4 DATA: 03/03	CONTEÚDO: Noções de língua -
AULA 5 DATA: 10/03	CONTEÚDO: Noções de discurso -
AULA 6 DATA: 17/03	CONTEÚDO: Noções de história -
AULA 7 DATA: 24/03	CONTEÚDO: Noções de discurso -
AULA 8 DATA: 31/03	CONTEÚDO: Noções de sentido -
AULA 9 DATA: 07/04	CONTEÚDO: Bakhtin - Dialógico
AULA 10 DATA: 14/04	CONTEÚDO: Foucault - A ordem do discurso
AULA 11 DATA: 21/04	CONTEÚDO: Pécheux - Semântica e Discurso
AULA 12 DATA: 28/04	CONTEÚDO: Denise Woodier - Reler M. Pécheux hoje
AULA 13 DATA: 05/05	CONTEÚDO: Gadet e Pécheux - Linguística: formalismo/sociologia
AULA 14 DATA: 12/05	CONTEÚDO: Miller / Saussure: processo semântico em francês
AULA 15 DATA: 19/05	CONTEÚDO: Orlando / Remã e Vite
AULA 16 DATA: 26/05	CONTEÚDO: Assinatura: <i>M. Cristina Ferreira</i>

DATA DE ENTREGA: 28/10/02

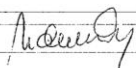
Fundamentos da AD - 2002 – Profª Maria Cristina Leandro Ferreira

CONTEÚDOS DESENVOLVIDOS	
AULA 1 DATA: 06/11	CONTEÚDO: Apresentação da disciplina. Discussão do Programa. Levantamento dos textos a serem trabalhados no semestre. Distribuição dos seminários a serem realizados
AULA 2 DATA: 23/11	CONTEÚDO: As formas discursivas e a formação dos estilos para Foucault
AULA 3 DATA: 30/11	CONTEÚDO: A formação dos conceitos e das estratégias em Foucault
AULA 4 DATA: 07/12	CONTEÚDO: A formação ideológica em Pêcheux
AULA 5 DATA: 14/12	CONTEÚDO: Formação discursiva em Coenline
AULA 6 DATA: 21/12	CONTEÚDO: Intêrdiscurso - Intradiscurso - pré-constituído - discurso travestido
AULA 7 DATA: 28/12	CONTEÚDO: Heterogeneidade Constitutiva / Heterogeneidade moldada: mod. coincidência e pluralização discursiva
AULA 8 DATA: 04/01	CONTEÚDO: Enunciado em Foucault: a função enunciativa
AULA 9 DATA: 11/01	CONTEÚDO: Descrição dos Enunciado em Foucault: materialidade, exterioridade, acúmulo
AULA 10 DATA: 18/01	CONTEÚDO: O enunciado dividido
AULA 11 DATA: 25/01	CONTEÚDO: O sujeito em Foucault e em Pêcheux
AULA 12 DATA: 01/02	CONTEÚDO: O sentido em Pêcheux e em Coenline
AULA 13 DATA: 08/02	CONTEÚDO: O sentido em Orlandi
AULA 14 DATA: 15/02	CONTEÚDO: Formações Imaginárias
AULA 15 DATA: 22/02	CONTEÚDO: Contraponto entre Foucault, Pêcheux e Coenline
ASSINATURA: <u>Murilo</u> DATA DE ENTREGA: 17/03/2004	

Teoria da Análise de Discurso – 2004 – Freda Indursky

CONTEÚDOS DESENVOLVIDOS	
AULA 1 DATA: 04/11	CONTEÚDO: Programa - Bibliografia - Considerações iniciais sobre o curso.
AULA 2 DATA: 11/11	CONTEÚDO: A sintaxe em termos de Gramática e de Linguística.
AULA 3 DATA: 18/11	CONTEÚDO: AS em AD
AULA 4 DATA: 25/11	CONTEÚDO: Text: MCLF - O lugar da sintaxe no AD / Chomsky - D. Alves / MR
AULA 5 DATA: 02/12	CONTEÚDO: Summe: une science de la langue - F. Coenline / André Boyer - "De que trata a língua?"
AULA 6 DATA: 09/12	CONTEÚDO: COLOQUIO - 30 ANOS DO PPGLET
AULA 7 DATA: 16/12	CONTEÚDO: Te'mino dos Diálogos = / MR = Chomsky (Delta) no Brasil
AULA 8 DATA: 23/12	CONTEÚDO: Mirandim: sintaxe e discurso de ponto de vista de AD, Coenline "Trabalho da língua"
AULA 9 DATA: 30/12	CONTEÚDO: Rosent - Notas sobre as relações entre o curso e a sintaxe / Pêcheux - L'étrange minin de l'AD
AULA 10 DATA: 06/01	CONTEÚDO: Pêcheux: O nome da língua - o real
AULA 11 DATA: 13/01	CONTEÚDO: Pêcheux: O nome da língua - o linguístico e o gramático
AULA 12 DATA: 20/01	CONTEÚDO: Pêcheux: Une introduction à science du langage. O'Espérance
AULA 13 DATA: 27/01	CONTEÚDO: Pêcheux: o impossível da língua - / o impossível material
AULA 14 DATA: 03/02	CONTEÚDO: La langue instaurable - M. Pêcheux e F. Coenline
AULA 15 DATA: 10/02	CONTEÚDO: Enunciado - Pêcheux / Chomsky / Summe
ASSINATURA: <u>Mirandim</u> DATA DE ENTREGA: 23/9/03	

Discurso e Sintaxe – 2003 – Profª Maria Cristina Leandro Ferreira

CONTEÚDOS DESENVOLVIDOS	
AULA 1 DATA: 11/08	CONTEÚDO: Apresentação do programa, Organização e distribuição dos conteúdos
AULA 2 DATA: 21/08	CONTEÚDO: Reflexão sobre língua, Uma análise contrastiva entre concepção de língua para a linguística e para Bakhtin
AULA 3 DATA: 04/09	CONTEÚDO: A noção de língua para a análise do discurso; um contraste entre a língua para a linguística e a língua para Bakhtin
AULA 4 DATA: 11/09	CONTEÚDO: O signo em Bakhtin e a Ideologia
AULA 5 DATA: 18/09	CONTEÚDO: O sujeito em Bakhtin e para a AD
AULA 6 DATA: 25/09	CONTEÚDO: Concepção de discurso em Bakhtin e em análise do discurso
AULA 7 DATA: 02/10	CONTEÚDO: Concepção de sentido em Bakhtin e em análise do discurso
AULA 8 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
AULA 9 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
AULA 10 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
AULA 11 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
AULA 12 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
AULA 13 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
AULA 14 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
AULA 15 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
ASSINATURA: 	
DATA DE ENTREGA: 17/03/2009	